



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

ANA PAULA DE SOUZA BRITO

A MEMÓRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA NO ROMANCE
***MESA DOS INOCENTES*, DE ADELICE DA SILVEIRA BARROS**

GOIÁS - GO

2021

ANA PAULA DE SOUZA BRITO

**A MEMÓRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA NO ROMANCE
MESA DOS INOCENTES, DE ADELICE DA SILVEIRA BARROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina, como requisito para obtenção do título de Mestra.

Área de Concentração: Estudos de Linguagem e Interculturalidade

Linha de Pesquisa: LP2 - Estudos Literários e Interculturalidade

Orientadora: Profa. Dra. Nismária Alves David

GOIÁS - GO

2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

B862m Brito, Ana Paula de Souza.

A memória na ressignificação identitária no romance “Mesa dos Inocentes”, de Adelice da Silveira Barros [manuscrito] / Ana Paula de Souza Brito. – Goiás, GO, 2021.

134f.

Orientadora: Profa. Dra. Nismária Alves David.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2021.

1. Literatura. 1.1. Análise literária - romance. 1.2. Representação feminina. 2. Memória e identidade. 3. Adelice da Silveira Barros. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 82-09(817.3)-31

ANA PAULA DE SOUZA BRITO

A MEMÓRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA NO ROMANCE *MESA DOS INOCENTES*, DE ADELICE DA SILVEIRA BARROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina, como requisito para obtenção do título de Mestra, defendida e aprovada no dia 04 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Nismária Alves David

Universidade Estadual de Goiás- UEG

(Presidente)

Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota

Universidade Estadual de Goiás - UEG

(Membro Interno)

Profa. Dra. Luciana Borges

Universidade Federal de Catalão - UFCat

(Membro Externo)

GOIÁS – GO

2021

AGRADECIMENTOS

Uma longa empreitada demanda esforços de toda espécie. Vinte e quatro meses em busca do título de Mestre, depois de mais de dez anos longe da universidade, não constitui tarefa simples. Mudanças ocorrem não só com regras da ABNT, por exemplo. O fato de se viver numa rotina muito voltada para sala de aula de níveis e séries distintas faz com que muitos docentes se afastem dos estudos teóricos tão necessários para que o ensino não fique bitolado em práticas corriqueiras, como o uso do livro didático apenas.

Assim, é que os agradecimentos começam pelo amigo Matheus Utim, um ex-aluno, hoje colega de profissão, que insistiu até o último dia do prazo para inscrições e, mais que isso, sempre me incentivou a continuar na luta.

Os reconhecimentos não seguem uma ordem de importância, isso seria impossível e irrelevante. Importante é demonstrar gratidão. Rosana Herculano é outra parceira de ofício que também fez grande diferença nos dois dias de preparação para adesão ao processo seletivo – 15 a 17 de agosto de 2018 – auxiliando-me com material teórico de apoio para o pré-projeto, dentre outras coisas.

Desconhecido que, hoje, é amigo, Fábio Júlio, muito obrigada por cada resposta (algumas simples, outras complexas que demandaram esforços): a gratidão sempre existirá. Também merecem reconhecimento os demais parceiros da turma 2019: Rannyelle, Dilorrara, Glauber e Kleber, todos me auxiliaram de alguma forma.

Pessoa muito querida que me ajudou bastante nesta pesquisa foi Adelize da Silveira Barros, escritora já antes querida, agora preferida, sempre solícita. A ela, muitíssimo obrigada!

Com a mesma solicitude, agiu a orientadora Nismária Alves David. Naturalmente, chamou minha atenção, repreendeu-me, entretanto, com carinho, muito mais orientou e ensinou; enfim, agiu, em variados momentos, como uma mãe que acolhe e mostra o caminho. Mais uma pessoa para o rol das inesquecíveis.

Aos componentes da Banca examinadora, Profa. Luciana Borges e Prof. Adolfo Frota, também meus agradecimentos pelo tempo dispensado à leitura e, principalmente, pelas recomendações que contribuíram demais para o crescimento deste trabalho: muito obrigada!

Findando esses sinceros agradecimentos, não poderia deixar de mencionar a família: meu marido Arnaldo e meus filhos Anacleto Neto, Arthur e Ana Clara. De maneiras distintas, todos contribuíram para que eu fizesse esse Mestrado. Para finalizar, a pessoa que fica no topo em que a gratidão será eterna: Joselena Graciano Brito, a genitora da Ana Paula. Essa incansável mãe leu e

releu *Mesa dos Inocentes* – desde sempre foi leitora ávida – inúmeras vezes, para que pudesse discutir comigo todo o assunto relacionado ao enredo. Ela não concorda com um fim em aberto, teceu várias considerações a respeito das personagens, mas o que contemplou como mais intrigante foi a tessitura narrativa, mesmo depois de analisar como tudo aconteceu, ainda restou hesitações porque o romance contemporâneo permite isso. Na verdade, talvez o maior intento dessa ficção é deixar instaurada a persistente dúvida de como tudo realmente aconteceu.

Certamente, outras pessoas que me auxiliaram nesta pesquisa aqui não foram citadas como os que fazem parte do Programa POSLLI e outros. Muito obrigada a todos e a todas.

Protopoema

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos
nós cegos, puxo um fio que me aparece solto.
Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os
dedos.
É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos,
e tem a macieza quente do lodo vivo.
É um rio.
Corre-me nas mãos, agora molhadas.
Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de
repente não sei se as águas nascem de mim, ou para
mim fluem.
Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o
próprio corpo do rio.
Sobre a minha pele navegam barcos, e sou também os
barcos e o céu que os cobre e os altos choupos que
vagarosamente deslizam sobre a película luminosa
dos olhos.
Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas
águas como os apelos imprecisos da memória.
Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga.
Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e
firme pulsar do coração.
Agora o céu está mais perto e mudou de cor.
É todo ele verde e sonoro porque de ramo em ramo
acorda o canto das aves.
E quando num largo espaço o barco se detém, o meu
corpo despido brilha debaixo do sol, entre o
esplendor maior que acende a superfície das águas.
Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas
da memória e o vulto subitamente anunciado do
futuro.
Uma ave sem nome desce donde não sei e vai pousar
calada sobre a proa rigorosa do barco.
Imóvel, espero que toda a água se banhe de azul e que
as aves digam nos ramos por que são altos os
choupos e rumorosas as suas folhas.
Então, corpo de barco e de rio na dimensão do homem,
sigo adiante para o fulvo remanso que as espadas
verticais circundam.
Aí, três palmos enterrarei a minha vara até à pedra
viva.
Haverá o grande silêncio primordial quando as mãos se
juntarem às mãos.
Depois saberei tudo.

José Saramago

BRITO, Ana Paula de Souza. *A memória na resignificação identitária no romance Mesa dos Inocentes, de Adelice da Silveira Barros*. 2021. 138 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

RESUMO

Mesa dos inocentes (2014), da escritora Adelice da Silveira Barros, é um romance que, além de trazer o vínculo entre memória e identidade, oportuniza a discussão sobre sociedade patriarcal e empoderamento feminino. Sua narrativa apresenta-se como um discurso memorialístico, pois alterna e mistura acontecimentos passados e presentes. Ana Vitória, a narradora-protagonista, então com 60 anos de idade, aceita fazer uma viagem tanto no espaço, regressando à sua terra natal, quanto no tempo, retomando seu passado, a fim de encontrar possíveis respostas para suas inquietações. Dessa maneira, a personagem revisita sua própria história em busca de reafirmar sua identidade já que o ser contemporâneo se encontra fragmentado. O objetivo deste trabalho é investigar o quanto a memória é importante na resignificação da identidade no enredo analisado. Também abordar as relações entre a sociedade patriarcal e o empoderamento feminino. Como aportes teóricos, contribuem Michael Pollak (1992), Mary Del Priore (1993), Ecléa Bosi (1994), Lúcia Castello Branco (1994), Elódia Xavier (1998; 2007), Harald Weinrich (2001), Maurice Halbwachs (2003), Aleida Asmann (2011), Pierre Nora (2012), Zygmunt Bauman (2005, 2012, 2013), Pierre Bourdieu (2012), Leyla Perrone-Moisés (2016), Joël Candau (2018), Joice Berth (2018), Simone de Beauvoir (2018, 2019), entre outros. Como resultados, houve a compreensão do caráter cambiante da identidade, o papel da memória para a reconstituição identitária, como foi e é longo o processo de sujeição da mulher aos desmandos dos homens, o que – em partes – motiva a busca do empoderamento. Enfim, espera-se contribuir com a área de Estudos Literários ao tornar mais conhecida a obra da escritora goiana, auxiliando na ampliação da sua fortuna crítica.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Empoderamento feminino. Sociedade patriarcal. Adelice da Silveira Barros.

BRITO, Ana Paula de Souza. *A memória na ressignificação identitária no romance Mesa dos Inocentes, de Adalice da Silveira Barros*. 2021. 138 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

ABSTRACT

Mesa dos Inocentes (2014), written by Adalice da Silveira Barros, is a novel that, besides bringing the bond between memory and identity, gives opportunity to discuss about the patriarchal society and the feminine empowerment. Its narrative presents as a memorialistic speech, because it brings and mix events of the past and the present. Ana Vitória, the narrator and protagonist, by the age 60 she accepts to make a travel, both time and space, coming back to her home tall and reliving her past, with ends to find possible answers to her restlessness. In this way, the character visits her own history in search to reaffirm her identity since the contemporary being is fragmented. The main point of this work is to investigate how much the memory is important in the resignification of identity in the analyzed plot. Also to approach the relation between the patriarchal society and the feminine empowerment. As theoretic contribution Michael Pollak (1992), Mary Del Priore (1993), Ecléa Bosi (1994), Lúcia Castello Branco (1994), Elódia Xavier (1998; 2007), Harald Weinrich (2001), Maurice Halbwachs (2003), Aleida Asmann (2011), Pierre Nora (2012), Zygmunt Bauman (2005, 2012, 2013), Pierre Bourdieu (2012), Leyla Perrone-Moisés (2016), Joël Candau (2018), Joice Berth (2018), Simone de Beauvoir (2018, 2019), between other. As results, there was comprehension of the changing feature, the roll of memory for the identity reconstitution, as it was and as it is the process of the subjection of women to men demands, what- in parts – motivates the search for empowerment. Finally, hopes to contribute in the Literature Studies area, to make the writer and her novel more known, besides assisting in the expansion of the critical fortune regarding other works of the author.

Keywords: Memory. Identity. Novel. Female empowerment. Patriarcal society. Adalice da Silveira Barros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ADELICE DA SILVEIRA BARROS E SUA ESCRITA LITERÁRIA	14
1.1 Quem é Adeline da Silveira Barros?	14
1.2 A versatilidade de gêneros.....	17
1.3 Traços marcantes.....	22
2 UM OLHAR PERSCRUTADOR SOBRE O ROMANCE <i>MESA DOS INOCENTES</i>	36
2.1 O que é mesa dos inocentes?	36
2.2 Construção do enredo de Mesa dos Inocentes	43
2.3 Análise das instâncias tempo e espaço	47
2.4 Quem conta e participa da história ao mesmo tempo	62
3 INTERSECÇÃO ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE E EMPODERAMENTO FEMININO <i>VERSUS</i> SOCIEDADE PATRIARCAL	678
3.1 Sem a memória "não poderia pronunciar meu próprio nome!"	69
3.2 A constituição identitária é contínua.....	77
3.3 O perfil feminino na literatura de Adeline.....	86
3.4 Um dos entraves para o empoderamento feminino: sociedade patriarcal	112
3.4.1. Os homens da narrativa adelineana: desvelando os traços machistas da compositura patriarcal.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE	135

INTRODUÇÃO

O romance selecionado para este trabalho é *Mesa dos Inocentes*, escrito pela goiana Adelize da Silveira Barros e publicado pela primeira vez em 2010. Quando esta pesquisa foi iniciada – em março de 2019 –, dissertações e teses não foram encontradas sobre o referido, a fortuna crítica constituía-se basicamente pelos prefácios dos livros da própria escritora e informações colhidas por meio de entrevistas. Diante disso, embora Adelize tenha publicações desde 1999, ainda são poucas as pesquisas sobre sua escrita e esse grau de ineditismo foi um dos motivos da escolha de sua obra literária para este trabalho.

Em 2016, o livro *Mesa dos Inocentes* foi apontado como leitura obrigatória para o vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Naquele ano, atuando como professora da terceira série do Ensino Médio, foi possível o conhecimento sobre a escritora – que visitou a escola e assistiu a seminários apresentados pelos alunos sobre o livro – também sobre o *corpus* e suas nuances.

O enredo deste foi construído de forma nada convencional, visto que, nos moldes do romance contemporâneo, a narradora intercala parte da cena final – num tempo presente – com lembranças passadas, para voltar ao plano da atualidade sem nenhum tipo de marcação. Com a memória, a narração é feita de idas e vindas e isso pode desnortear o leitor incauto, esta talvez seja a grande jogada da autora. Isso resulta na dificuldade de o leitor perceber o final em aberto a respeito da morte física ou simbólica da protagonista.

Ao ler o arcabouço de textos literários da escritora, constata-se o quanto ela tem apreço pela ficção, pela leitura e pela pesquisa. Em uma entrevista a José Nunes, em 07 de agosto de 2018, diz:

... considero que a escrita seja o resultado do encontro da informação, do fato em si com a emoção interna do escritor. De repente, uma visão, uma notícia ou um acontecimento mexe com minha emoção adormecida e daí sai o esboço do que tanto pode ser uma crônica, um conto ou um romance. O escritor tem que ser antes de tudo um bom leitor. Cultivar boas leituras e estar atento ao que ocorre ao seu redor, coisa difícil nesses nossos dias apressados. A pesquisa também é fundamental para que o texto seja verdadeiro. Enfim, alinhar realidade com criatividade, ou ser criativo na fantasia pura.

Em fevereiro de 2020, Adelize concedeu uma entrevista a esta pesquisadora e confirmou essas palavras, além de acrescentar informações importantes para o

desenvolvimento deste trabalho, tais como alguns fatos biográficos e o processo de produção de seus livros.

Ao se tratar de literatura, está-se lidando com a esfera humana. A preocupação com o ser humano é uma vertente diletta em Adeline. Seus textos apontam para uma linha humanística muito forte. Em razão disso, compreende-se por que ela atravessa diversas áreas, como: sociológica, filosófica, psicanalítica, política, entre outras, em todas as suas produções.

Dado que uma análise interpretativa é uma possibilidade de leitura, a narrativa de *Mesa dos Inocentes* propicia a discussão sobre sociedade patriarcal e a busca do empoderamento feminino. Isso porque se trata de uma narrativa memorialística com viés que oportuniza analisar a ressignificação identitária, uma vez que, no enredo, a narradora Ana Vitória (Aninha) iniciava uma nova etapa de sua vida: a entrada na terceira idade que pode carregar tantas inseguranças. Similar ao que ocorre na adolescência, a velhice é também um período de transformação que pode desencadear inconstâncias ou maximizar as que já existem.

Assim, Vera Maria Tietzmann Silva (2014), no prefácio do livro, considera que o romance traz um rito de passagem que tem a viagem como metáfora de transformação. Há concordância quanto a isso porque, de fato, é o que acontece com a narradora-protagonista: sem a dupla viagem no tempo e no espaço, não seria possível a ela desvendar os segredos do seu passado.

O objetivo geral da pesquisa foi ampliar o conhecimento sobre a constituição e a ressignificação identitárias, bem como a importância da memória para que isso ocorra. Quanto aos objetivos específicos, intentou-se desenvolver uma discussão sobre a busca do empoderamento feminino e o contexto de uma sociedade patriarcal. Outrossim, espera-se colaborar com o meio acadêmico e o público de leitores em geral, evidenciando a literariedade da produção de Adeline, especialmente, por trazer um estudo detalhado sobre o romance *Mesa dos Inocentes*.

A participação de personagens femininas em suas obras é expressiva. Em meio à dominação dos homens, elas agem em espaços que as oprimem. Adeline é mais uma autora que tem predileção por romances psicológicos e, sendo assim, corrobora para a compreensão da condição feminina.

Em relação à dissertação, os resultados estão organizados do seguinte modo:

O primeiro capítulo, *Adelice da Silveira Barros e sua escrita literária*, oferece uma apresentação sobre a bibliografia da escritora e sobre o seu estilo de compor suas obras, com ênfase nos traços que são recorrentes na sua produção. Para tanto, fundamenta-se em Leyla Perrone-Moisés (2016) para identificar as características do romance contemporâneo que também se evidenciam nas obras da autora goiana.

O segundo capítulo, *Um olhar perscrutador sobre o romance Mesa dos inocentes*, comenta sobre o enredo, o espaço, o tempo e o narrador de *Mesa dos Inocentes*, com destaque para a compreensão do ritual mesa dos inocentes que dá nome ao livro.

Por último, posto que o foco principal deste estudo é abordar a memória como fonte da constituição identitária, o terceiro capítulo, *Intersecção entre memória e identidade nas personagens de Adelice*, traz uma discussão sobre identidade, seu processo cambiante e sua ligação com a memória. Da mesma forma em que há muitos estudiosos sobre a memória, também existem em relação à identidade. Nesse ponto, são convocados Joël Candau (2018), Zygmunt Bauman (2005, 2012), Stuart Hall (2000), entre outros, que confirmam a resignificação constante da identidade. Dá-se destaque para as personagens do *corpus* com o propósito de abordar sobre o empoderamento feminino e sobre o patriarcalismo. Para esses assuntos, o trabalho também se apoia em leituras de textos históricos e sociológicos, como Mary Del Priore (1993), Virginia Woolf (2014) e Joice Berth (2018).

Por fim, espera-se que os resultados desta pesquisa colaborem com a área de Estudos Literários, especificamente, por contribuir com a fortuna crítica de Adelice da Silveira Barros, o que pode incentivar mais estudos sobre suas obras e/ou de outros escritores goianos não muito conhecidos do grande público.

1 ADELICE DA SILVEIRA BARROS E SUA ESCRITA LITERÁRIA

O objeto de estudo desta dissertação é o romance *Mesa dos Inocentes* que foi publicado originalmente em 2010 e sua segunda edição ocorreu em 2014¹. Antes de debruçar sobre sua análise, neste primeiro capítulo, há a preocupação de apresentar sua autora, a goiana Adelize da Silveira Barros, e a variedade de sua produção literária, destacando os gêneros e os traços recorrentes que definem seu estilo de escrita. Também se faz menção a algumas características do romance contemporâneo que tanto marcam a obra em discussão.

1.1 Quem é Adelize da Silveira Barros?

Adelize da Silveira Barros nasceu em 30 de janeiro de 1942², na cidade de Caçu, localizada no sudoeste de Goiás, a 335 quilômetros de distância da capital Goiânia. Apesar das dificuldades e do isolamento de sua família em relação à casa do avô materno, considera que teve uma infância feliz. A educação que recebeu seguia princípios religiosos devido à convicção dogmática católica da genitora e pela orientação didático-pedagógica dos colégios disponíveis naquela época.

A escritora revelou em entrevista à pesquisadora: “penso que nunca fui muito criança mesmo, tornei-me adulta antes da hora”. Isso porque sua mãe, Olegária, embora fosse amorosa, vivia ocupada com muitos afazeres cotidianos, por isso pouca atenção dava aos filhos. Naquele tempo – início da segunda metade do século XX –, era complicado ter ajudantes em casa, uma vez que o receio e a soberba não permitiam que filhas e/ou esposas trabalhassem em cozinhas alheias.

Quanto a seu pai, Américo, muito severo e trabalhador, construiu a casa da família em lugar afastado e isolado, numa propriedade que adquiriu depois de trabalhar em pequena gleba doada pelo sogro, um costume que se cumpria com todos os filhos após o casamento. Diferente da esposa, ele desconfiava da boa vontade pregada por clérigos, quando falavam das palavras de Jesus, ainda mais ao mencionar o desprendimento

¹ Neste trabalho, será utilizada a segunda edição de *Mesa dos Inocentes*.

² Disponível em <http://www.academiagoianadeletras.org.br/membros/adelize-da-silveira-barros/>. Acesso em 23 set 2020.

pregado pela Igreja, em relação a bens materiais. Adelice, descontraidamente, afirma que herdou essa desconfiança dele, entretanto mantém uma ligação íntima com o Criador.

O historiador francês Phillipe Ariès (1981) explica o nascedouro da família patriarcal e o distanciamento entre pais e filhos pequenos, por meio de um estudo feito a partir da iconografia desde a Idade Média até o século XIX. Depois do sistema de feudos, das linhagens e clãs, marido e mulher passaram a viver discretamente em suas casas e trabalhavam juntos, em prol da manutenção da família e ampliação dos bens. “O homem não está mais sozinho. O casal não é mais apenas o casal imaginário do amor cortês. A mulher e a família participam do trabalho e vivem perto do homem, na sala ou nos campos.” (ARIÈS, 1981, p. 197). Pensando nesse estudo, é possível compreender os moldes da família patriarcal da escritora estudada, pois, de alguma forma, esses costumes repercutiram no Brasil.

Desde os tempos adolescentes, Adelice descobriu-se propensa à arte da escrita. Na época do colégio interno, aconteceu a manifestação do gosto e da facilidade para a escrita nas aulas de Língua portuguesa. Para ela, inventar histórias era algo simples e, ao mesmo tempo, prazeroso. Entretanto, enfrentava percalços com a matemática. Então, de maneira artilosa, deu início à troca de favores com colegas: fazia os deveres de português deles e, em retribuição, faziam os de matemática dela até que isso foi descoberto por uma professora. É interessante salientar que, ao contar episódios de sua vida, a autora demonstra uma veia anedótica de contadora de histórias.

Adelice revela que ocorreu a fase inicial de sua carreira como escritora nessa fase adolescente, especificamente, durante o tempo em que cursava o Normal. À época, tornou-se cronista de um jornal, todavia nada foi guardado daquela época. Na faculdade, escreveu uma peça teatral que um colega pediu para que fosse encenada, mas novamente foi perdida, uma vez que não houve devolução dos originais por parte do organizador do evento. Somado a isso, não havia iniciativa de publicação por parte dela. Naquele período – na década de 1980 – vivia dedicada para a família: as três filhas ainda eram pequenas e ela conciliava a maternidade com as obrigações universitárias.

O trabalho formal como professora da primeira fase da Educação Básica teve pouca duração na vida profissional. Cursou Pedagogia na Universidade Federal de Goiás (UFG) depois das filhas já crescidas. Sobretudo, após as duas mais velhas irem morar em São Paulo, o seu desejo de lançar suas obras no mercado editorial aflorou. Desse modo, ela optou pelo mundo da arte ao invés do magistério.

No início de sua produção literária, sentiu receios por entender que escrever não é um exercício simples. Segundo a autora, o ato de escrita requer os cuidados de fazer e refazer, pesquisas, entrevistas e outras mobilizações. Por ser um labor de muita responsabilidade, não se deixou intimidar e procurou um curso de aperfeiçoamento em Literatura, oferecido por iniciativa da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás cujas vagas foram ofertadas a algumas pessoas com pré-requisitos de conhecimento literário introdutório. O local era conhecido como Pedro Ludovico Teixeira, uma instituição mantida pela prefeitura da cidade de Goiânia. Ali – numa espécie de especialização, contudo sem a formalização usual – a escritora começou a perder a cisma do ofício do escritor.

O estímulo maior veio ao conhecer a história de Gabriel García Márquez a qual a motivou adentrar no mundo literário. O escritor colombiano comunicava-se por meio de cartas com sua mãe, que as corrigia e as devolvia ao filho, assim ele se apropriava cada vez mais de sua língua. Esse fato biográfico incentivou Adelice a escrever, pois, se aquele reconhecido autor tinha suas dificuldades e conseguiu superá-las, ela também podia. A título de curiosidade, o clássico *Cem anos de solidão* foi lido por ela mais de uma vez.

Já na vida adulta, teve oportunidades parecidas com aquelas apontadas por Virginia Woolf (2014, p. 147) em relação à mulher e às possibilidades de escrever: “é necessário ter quinhentas libras por ano e um aposento com tranca na porta para escrever ficção ou poesia”. Quer dizer, Adelice teve condições econômicas favoráveis à expressão e à divulgação de seu universo criativo.

Em se tratando da carreira literária, a professora Vera Maria Tietzmann Silva (2013) – que se tornou amiga da escritora – faz uma interessante comparação entre Adelice e algumas sementes que necessitam de um período longo de maturação para florescer. Afirmou isso porque houve uma pausa de aproximadamente 20 anos entre o processo embrionário de sua escrita e a fase de iniciação real, em 1994. Esta ocorreu de maneira árdua devido ao nível de exigência que tinha consigo mesma.

Antes de publicar o seu primeiro livro, *Salada de Capitães* (1999), uma coletânea de contos, Adelice esclarece que já tinha pronto o romance *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000), porém um crítico literário considerou mais adequado a estreia acontecer por meio de narrativas curtas. Não havia possibilidade de realizar essa primeira publicação por meio de uma editora consolidada. A escritora entende que as casas editoriais podem recusar-se a lançar um livro, visto que há o interesse delas sobre as

temáticas e os estilos. Também ela nunca buscou patrocínio porque ela prefere ter todos os direitos autorais de suas obras. Assim, por meios próprios e contribuição da Gráfica e Editora Redentorista, lançou a obra de contos. Posteriormente, publicou outros livros por outras editoras. Até o momento, trabalhou com as seguintes: Kelps e Cânone, de Goiânia (GO), e Assis Editora, de Uberlândia (MG).

Para ela, a avaliação crítica pode muito contribuir para produção do escritor. A partir do momento em que começou a escrever com regularidade, vieram as participações em concursos e coletâneas. Entre 1994 e 1999, participou de alguns, obtendo êxitos, a saber: *Antologia Poética e Contos – Sesi – Arte Criatividade*, Goiânia, 1997/1998; *Antologia 1998 – III Concurso de Contos Professor Venerando de Freitas Borges*, Goiânia; Coletânea *Estalidos* da Associação Artística e Literária *A palavra do século XXI*, Cruz Alta-RS, 2001; *II Antologia 2001*, Prêmio Pórtico, publicado pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores, Rio de Janeiro. Ainda tem seu nome integrado à obra *Literatura Goiana: Síntese Histórica*, do escritor Geraldo Coelho Vaz (2000). Mantém-se como colunista do jornal *O Popular*, escrevendo crônicas às quartas-feiras, quinzenalmente, na seção *Crônicas e outras histórias*.

Na sequência, passa-se a detalhar os principais aspectos da sua produção literária que, até o momento, é composta pelo total de treze títulos, enfatizando também a recorrência de traços que marcam a narrativa contemporânea.

1.2 A versatilidade de gêneros

Por que você escreve?

Porque não poderia deixar de escrever. Existe uma cobrança de mim a mim mesma. (Adelice da Silveira Barros, 2020)³

De maneira mais automática do que descontraída, Adelice da Silveira Barros afirma que não há como se desvencilhar do ato de escrever porque sente essa necessidade e não pode negligenciá-la. Acrescenta que é uma herança que não sabe de onde veio e, ao mesmo tempo, sente-se grata pelo que ela acredita ser um talento. Quando questionada sobre entraves à sua produção literária, responde que uma das suas dificuldades é a cobrança consigo mesma. Sendo atenta a isso, pode alcançar mais o leitor, o qual deve

³ Entrevista cedida por BARROS, Adelice da Silveira. Entrevista com a escritora Adelice da Silveira Barros. [Fev. 2020]. Entrevistadora: Ana Paula de Souza Brito. Goiânia-GO, 2020.

ser o foco central no processo de criação. Relata também sobre certa insegurança, no entanto, o deleite de produzir ficção supera qualquer dificuldade. Em colóquio com José Nunes⁴, em 07 de agosto de 2018, a escritora já havia dito:

Agarrar uma ideia, desenvolvê-la, não é exatamente fácil. Requer disponibilidade externa e interna, além de alto grau de concentração. [...] O processo criativo significa o envolvimento total, absoluto entre o criador e a cria. Em momentos como esse, minha vontade é poder me dedicar tão somente ao trabalho criativo. Todo o resto perde o sentido.

A produção literária de Adelize dialoga com escritores renomados como Machado de Assis, Gabriel García Márquez, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, entre outros, sobretudo, ao demonstrar sua preferência pela escrita intimista e a ironia. Reconhecer isso colabora com a compreensão da multiplicidade de temáticas abordadas pela escritora goiana como, por exemplo, egoísmo, traição, suicídio e morte. Dá destaque à figura feminina que ganha voz no conjunto de suas obras que é composto por diferentes gêneros.

Em 1999, estreou com o livro *Salada de Capitães*, 157 páginas, já chamando para si a atenção de críticos goianos como Miguel Jorge e Darcy França Denófrío. Trata-se de 22 contos, a saber: “Salada de Capitães”; “A Estátua da Liberdade Branca”; “O Velório”; “Ilusão de um momento ou Um momento de ilusão”; “Cavernas do inconsciente”; “Livre Arbítrio”; “Vingança Universal”; “Quanto Vale Uma Paixão”; “O Canto do Galo”; “Marcados a Ferro e Fogo”; “De Volta às Cerejas”; “Efeito Midas”; “Pecado Original”; “A Dama de Vermelho”; “Artimanhas”; “O Vulcão”; “Na Madrugada”; “Ela, a Etiqueta”; “A Armadilha”; “Salva pelo Gongo”; “Perdidos no Espaço”; e “Afonsinho”.

No gênero romance, inaugurou em 2000 com *Um jeito torto de vir ao mundo*, 157 páginas, pela editora Kelps. Ganhou o prêmio Alejandro J. Cabassa, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, em 2002, e o prêmio Colemar Natal e Silva da Academia Goiana de Letras no mesmo ano. Ao todo, foram três edições. Ainda esteve na lista de leituras obrigatórias para vestibulares das principais universidades do Estado de Goiás no período de 2003 a 2004. Por isso, há abordagem crítica sobre o referido livro, elaborada pela professora de literatura Waldevira Bueno Pires de Moura, coordenadora do projeto chamado Vestiletras, encarte publicado no jornal *O Popular*, que trazia as

⁴ Disponível em <https://comoeuescrevo.com/adelice-da-silveira-barros/>. Acesso em 09 de jul. de 2020.

análises de todas as obras indicadas pelos vestibulares. Trata-se de uma narrativa memorialística, escrita em primeira pessoa, em que Iana narra suas inquietudes em relação à sua verdadeira origem – única ruiva da família e com um jeito de ser também diferente dos demais parentes. Essa busca identitária da protagonista pode render um bom trabalho com leitores adolescentes.

No ano de 2002, pela Câne Editorial, foi publicado *Prisioneiros do vento sul*, 158 páginas, com 25 narrativas curtas. Dentre essas, quatro contos foram trazidos do livro de estreia. A coletânea é composta por: “Alguém na multidão”; “Aniversário de casamento”; “As duas pontas da história”; “Desencontro. Encontro”; “Despotismo”; “De volta às cerejas”⁵; “Ela, a etiqueta”⁶; “Erótico neurótico”; “Foi como foi”; “Limbo”, “Lucidez tardia”; “Mulher liberada”; “Nem tudo são luzes”; “O canto do galo”⁷; “O grito”; “O trabalho danifica o homem”; “O visitante noturno”; “Perdidos no espaço”⁸; “Primeiro mundo, *pero no mucho*”; “Prisioneiros do vento sul”; “Rosa Rosalinda”; “Só porque era sexta-feira treze”; “Terra nua”; “Transmutação”; e “Vingança, justiça divina ou conspiração do diabo?”. Após os contos, foi adicionado o texto “O vício de escrever”, em que há a confissão da “dependência em relação à palavra escrita” (BARROS, 2002, p. 157).

Essa obra lhe rendeu elogios da crítica literária Vera Maria Tietzmann Silva que aponta um estilo “enxuto, ágil... sincopado. As descrições são uma constante em suas narrativas, mas, longe de retardarem o andamento das ações, impulsionam-nas, [...]” (SILVA, 2001, p. 10). Alguns contos desse livro receberam premiações variadas, como o primeiro “Alguém na multidão”, com temática sobre a AIDS e o processo de degradação pelo qual o indivíduo passa. Há um comovido diálogo entre pai e filho. Este, adéctico, não consegue contar ao genitor sobre a tristeza que está passando, mesmo tendo uma boa relação com ele. O conto foi premiado no concurso da Câmara Brasileira de Jovens Escritores do Rio de Janeiro, com publicação na *II Antologia 2001*, Prêmio Pórtico, Rio de Janeiro. O vigésimo conto de título homônimo ao do livro “Prisioneiros do Vento Sul” também obteve a mesma premiação, porém na época, o título era “Aprisionados”.

Iana Sol & Sombra, 203 páginas, surgiu em 2003, também publicado pela Câne. Pode ser entendido como uma continuação do primeiro romance, contudo em

⁵ Publicado originalmente em *Salada de Capitães*.

⁶ Publicado originalmente em *Salada de Capitães*.

⁷ Publicado originalmente em *Salada de Capitães*.

⁸ Publicado originalmente em *Salada de Capitães*.

terceira pessoa. Tem-se o retorno da jovem de 17 anos, Iana, ao seu lugar de origem Clareira, exatamente quatro meses após a morte da mãe Olenca, em idos dos anos 1960. A narração também é memorialística, feita pela protagonista já uma mulher adulta, aos 55 anos.

Mais uma narrativa de memória é *Barrabás* (2005), 159 páginas, romance publicado pela Câne. Desta vez, há um ponto de vista masculino, mas ainda segue o perfil parecido com os dois romances anteriores. Barrabás decide voltar à cidade interiorana em que nasceu a fim de tentar reparar um erro cometido quando era jovem. Carrega sentimento de culpa, remorso e arrependimento por ter cometido um crime.

Algumas narrativas curtas foram inclusas em várias antologias dentre as quais *Um rio de contos*, antologia luso-brasileira que recebeu o troféu Goyazes da Academia Goiana de Letras em 2007⁹. Esse livro foi escolhido para fazer parte do acervo da Biblioteca Nacional, com o projeto Livro Aberto, criado pelo Ministério da Cultura; também ganhou o Troféu Eli Brasiense, pela Academia Goiana de Letras.

Camumbembe – 148 páginas, publicado em 2008, pela Câne Editorial – é um livro com dezoito contos, a saber: “Abismo de nós”; “Túnel de papel”; “Um tema, por caridade”; “Holocausto”; “A lição”; “Sombra”; “Copidesque”; “La boca”; “Mistérios em tons de azul”; “Sem julgamento”; “Um ser incompleto”; “Vida de gato”; “Esgaravando feridas”; “De olho no diabo”; “Exaltação”; “Pin-up”; “Mortos-vivos”; e “Sensações”. Neles, a autora aborda diversos assuntos como, por exemplo, homoafetividade, adolescência em conflito, abuso sexual, loucura, ganância, corrupção, morte, entre outros. Com essa publicação foi agraciada com a Medalha Harry Laus da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (2006).

Em 2010, publicou *Mesa dos Inocentes*, 206 páginas, pela editora Kelps, romance sobre o qual se debruçará mais adiante neste trabalho. Sua segunda edição ocorreu em 2014 e foi indicado para vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) em 2016, sendo a obra de literatura goiana que compunha a lista de leituras recomendadas.

Em 2011, pela Câne Editorial, foi publicado *Tijolo e vidro & outras histórias* que é composto de 04 novelas, são elas: “De carne e verbo”; “Diagnóstico”; “Tijolo e vidro”; e “Somos pó”. Prevalece, na primeira e na última, uma marcante intertextualidade

⁹ Como na maioria dos concursos é preciso obras inéditas, foram enviados manuscritos. Somente após as premiações é que o livro foi publicado, conforme é explicado pela escritora.

com o discurso bíblico; nas demais, há a referência a acontecimentos do mundo real como o choque do avião da TAM contra um prédio da própria empresa e a queda das torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York.

Pensando no público infantojuvenil, publicou *Um dia muito esquisito*, 79 páginas, em 2012, pela Câne Editorial, com temática voltada para angústias próprias de adolescentes. Em 2013, também pela mesma editora, foi publicado *Avesso da vida*, 169 páginas, livro composto por dezessete contos, a saber: “Crack”; “Aprendendo”; “Um raio de sol”; “Plantação”; “Avesso da vida”; “Fachada”; “O tempo e sua pressa”; “Assombro”; “Confissões na noite”; “Confissões II”; “Mudança”; “O olho cego da visão”; “Olhar de primeira vez”; “A decisão”; “Neblina”; “Confissões”; e “Necessidade de ser diferente”. Esses textos abordam a problemática de drogas lícitas e ilícitas, por isso, é visto como um livro “que deve hospedar-se nas estantes das escolas, das bibliotecas e na cabeceira das famílias, dos educadores e dos próprios jovens”. (SELMA, 2013, p. 18). Já em 2016, pela Câne Editorial, publicou *A estranha revoada*, 58 páginas, em que fala de amor e cuidado com os animais, além de revelar uma profunda admiração pela arte.

Após impressionar-se com o rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, ocorrido no município de Mariana-MG, em novembro de 2015 – provocando 19 mortes e, pelo volume de lama, devastou o Distrito de Bento Rodrigues – Adelize escreveu *Além da força bruta*, 253 páginas, e lançou em 2018 pela Assis Editora. Nele, há histórias de pessoas que sobreviveram a uma catástrofe parecida, como conseguiram seguir suas vidas depois de perderem entes queridos e todos os seus pertences. Cronista, mesmo antes da colaboração com *O Popular*, em 11 de dezembro de 2019, a autora, junto à editora Kelps, lançou *Da minha lavra diária - crônicas selecionadas*, com 252 páginas.

Para uma visualização global da sua obra literária, seus livros são dispostos no quadro a seguir:

Livros	Ano de publicação	Editora
<i>Salada de Capitães</i>	1999	Gráfica e Editora Redentorista

<i>Um jeito torto de vir ao mundo</i>	2000	Kelps
<i>Prisioneiros do vento sul</i>	2002	Cânone Editorial
<i>Iana Sol & Sombra</i>	2003	Cânone Editorial
<i>Barrabás</i>	2005	Cânone Editorial
<i>Um rio de contos (antologia)</i>	2007	Editorial Tágide
<i>Camumbembe</i>	2008	Cânone Editorial
<i>Mesa dos Inocentes</i>	2010	Kelps
<i>Um dia muito esquisito</i>	2012	Cânone Editorial
<i>Avesso da vida</i>	2013	Cânone Editorial
<i>A estranha revoada</i>	2016	Cânone Editorial
<i>Além da força bruta</i>	2018	Assis Editora
<i>Da minha lavra diária</i>	2019	Kelps

1.3 Traços marcantes

A obra literária de Adelice da Silveira Barros revela que é uma escritora atuante, com preferência pelo gênero narrativo e muito atenta a importantes questões sociais. Especialmente, no que se refere ao gênero romance, pode-se lembrar de Perrone-Moisés (2016, p. 91) ao argumentar que “O romance tem a função de dizer o não dito do discurso da informação e da política”. É exatamente isso o que move a autora goiana, visto que sua literatura assume o compromisso político com a realidade.

Assim, além do aspecto social, sua literatura revela um cunho político, visto que, de acordo com ela, o ser humano não pode ficar à margem daquilo que o incomoda ou que toca, de alguma forma, sua sensibilidade. Ela considera importante despertar a veia crítica que todos deveriam ter, mas, por vários pretextos, muitos a deixam de lado, tornando-se meros repetidores daquilo que vivenciam, talvez por receio de se comprometerem. É um fator habitual em suas obras o medo de coisas variadas, como sentimento que assola as pessoas, e mais ainda, o medo do silêncio.

Ainda, ao refletir sobre o texto literário hoje, a escritora destaca que não se deve pensar em uma literatura goiana regional nos moldes daquela em que eram abordadas as conjunturas locais, numa restrita visão ruralista. Um texto fictício contextualizado em

Goiás pode apontar para diversos acontecimentos possíveis de ocorrer em qualquer lugar do mundo.

Pode-se reconhecer Adelice como uma romancista reflexiva e que, por vezes, sente-se angustiada diante os revezes da vida, pois a emoção é um dos motores geradores de seu fazer literário: “Sou uma pessoa comum, muito emotiva, voltada para o lado social, para a família.” (BARROS, 2020). Por se sentir sensível às mazelas sociais, notadamente defende a valorização do altruísmo. Para a autora, todo tipo de injustiça deve ser apontado para deixar de ser visto como algo tolerável. É necessário se incomodar com a dor alheia mesmo que nunca se tenha passado por ela, segundo declaração concedida em entrevista.

Ainda com Perrone-Moisés (2016) e seus estudos sobre o romance contemporâneo, a partir da ótica de vários teóricos, há convergência de opiniões de que a função social no romance é forte. Ao mencionar o sul-africano J. M. Coetzze, a teórica relata que ele não prima por literatura engajada, mas é “profundamente ético”. Essa análise pode ser aplicada à literatura de Adelice. A ela, é caro o viés comprometido que um texto fictício deve ter com as vicissitudes da vida. O livro *Além da força bruta* (2018) é uma prova contundente disso, não só por abordar a proporção da tragédia que foi o rompimento da barragem de uma mineradora, mas também por destacar as omissões cometidas por autoridades, afetando os desvalidos na situação catastrófica.

Cadu, personagem do livro *Um jeito torto de vir ao mundo* (2003), diz a sua namorada Iana que: “Uma das funções do escritor, talvez a maior delas, é lutar pela igualdade de classes, pelos direitos humanos. Desbancar os grandes. Fazer as reformas”. (BARROS, 2003, p. 149), por pensar que ela se tornaria uma escritora. Esse ponto de vista do rapaz em muito corrobora com o ideal de escrita de Adelice, principalmente no que tange a fatores relacionados à ética e aos valores.

Um fator substancial nos textos da referida escritora é o caráter intimista, desde seus livros iniciais, mas, principalmente, no livro-*corpus* *Mesa dos Inocentes* (2014), pois ela prima por extrair o que há de mais subjetivo na alma humana e transpor para suas narrativas. Acerca desse traço característico, Moema de Castro e Silva Olival (2013, p. 135) afirma: “Em todo percurso narracional, nota-se a intenção primordial de extrair dos fatos as sensações subjetivas, as reflexões existenciais, nas quais busca sintonizar as forças advindas da solidão, ...”.

Quanto à fortuna crítica sobre os escritos de Adelice, há poucas publicações. Uma delas foi realizada por Waldevira de Moura, ao analisar o primeiro romance da escritora,

Um jeito torto de vir ao mundo (2003). Acerca desse livro que é memorialístico, a referida professora afirma: “A finalidade de um romance de memória é resgatar o passado que, de certa forma, permanece sem transparência, inconsciente, nebuloso” (MOURA, 2003). É exatamente isso que o leitor vai encontrar no livro *Mesa dos Inocentes* (2014).

Segundo a própria escritora Adelice, ela muito se parece com a personagem Iana – protagonista das suas duas obras *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000) e *Iana Sol & Sombra* (2003). A escritora revela que existem muitas personagens desses livros que foram criadas a partir de pessoas com quem conviveu. As similitudes entre sua vida e suas obras evidenciam-se especialmente nos laços familiares. Um exemplo é que teve um amoroso vovô Thomás (personagem que representa seu saudoso avô Manoel José de Castro) – o patriarca que aparece nos dois romances supracitados e mais no livro-*corpus* – além da alusão a outros aspectos biográficos, como o espaço interiorano, o colégio de freiras e os costumes típicos desses lugares. Ela própria identifica-se, em muitos aspectos, com a personagem central de *Mesa dos inocentes* (2014), Ana Vitória, por exemplo: a sua estadia em colégio interno; a forma de se comportar; a característica de menina esperta e questionadora por muito observar o que estava ao seu redor. Em se tratando de experiências, Adelice afirma que a estada de suas personagens em colégios internos é bem parecida com a dela. Há críticas, em mais de um texto literário, a respeito da política de funcionamento dessas instituições.

Diante dessas observações, pode-se recorrer ao que diz Perrone-Moisés (2016) sobre a autoficção. Esta significa a obra em que o mote é o próprio autor. Todavia, não se trata de autobiografia, mas sim corresponde às peripécias que são ficcionais e, ao mesmo tempo, podem lembrar aqueles fatos que o escritor experienciou.

Toda e qualquer narrativa, mesmo aquelas que se pretendem mais coladas ao real, têm algo de ficcional. A ordem de exposição, os pormenores ressaltados ou omitidos, a ênfase dada a determinados fatos, o ângulo pelo qual eles são vistos e expostos, tudo isso dá à narrativa que se pretende mais verídica um caráter potencialmente ficcional. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 208)

Colabora com essa análise as considerações de Anna Faedrich (2015), quando esclarece ainda mais o que pode ser considerado autoficção. Ela explica que, diferente do pacto proposto por Philippe Lejeune (2014), no qual há uma espécie de contrato de

cumplicidade entre o autor e o leitor, na autoficção há um aspecto dúbio uma vez que quebra com o “o princípio de veracidade (pacto autobiográfico)”, porém, sem conectar ao todo no “princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional)”, resultando numa “narrativa intersticial”. Faz-se mister ressaltar que essa interpretação é cabível quando se fala dos dois romances: *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000) e *Iana sol e sombra* (2003). Em se tratando do romance-*corpus*, torna-se uma discussão improfícua.

É inerente ao ser humano relatar suas experiências e envolvê-las por elementos pertencentes ao universo ficcional. Trata-se de uma prática que acompanha o ser humano desde sua existência. Benjamin (1994, p. 2) considera que a “experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Entretanto, não se pode perder de vista o que Faedrich (2015, p. 48) aponta: “... é sempre o texto literário que está em primeiro plano”.

Na literatura de Adeline, bem como, em muitas da contemporaneidade, não são comuns textos com grandes trechos descritivos. Ao contrário, a forma como as histórias são conduzidas permitem a visualização adequada ao leitor: “... é a forma que transforma a linguagem comum em literatura”. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 212). É comum em textos descritivos, como alguns romances realistas do século XIX, haver detalhes com função de localizar a personagem no espaço. Essa técnica faz-se presente nos livros da autora goiana. Esse procedimento para Perrone-Moisés (2016, p. 91) intenta “ligar os fragmentos do mundo pela memória”. Dessa maneira, as narrativas de Adeline recorrem a épocas passadas não apenas por meio de meras descrições com o propósito de apenas mostrar algo como se fosse uma fotografia.

Perrone-Moisés (2016, p. 109), depois de pesquisar sobre o romance contemporâneo a partir de diversos teóricos, afirma que o “realismo ficcional, recusado pelos modernistas como falso, e por Adorno como impossível, voltou por outros caminhos, no romance contemporâneo. Renunciando à descrição da sociedade como um todo, os romancistas têm se tornado cada vez mais detalhistas”. Essa análise compatibiliza-se com o estilo de Adeline, pois suas histórias trazem a multiplicidade de conflitos que envolvem a alma humana, fazendo referência aos comportamentos sociais variados, principalmente porque “busca pelo sentido de humanidade perdido”. (SILVA, 2013, p. 141).

Adolfo Frota (2013), em sua tese de doutorado, valendo-se de estudos de Mieke Bal (2009), assevera que, numa narrativa, a descrição – como recurso funcional – evidencia o contexto em que as ações ocorrem, mostrando a partir do ponto de vista de um observador que, ao fazer escolhas lexicais, revela seu estado de espírito durante o instante que narra. Não só em *Mesa dos inocentes* (2014), mas em outros textos também, Adelice opta por esse tipo de descrição – com ênfase em elementos da natureza – que em muito revelam os sentimentos de quem os descreve.

A estratégia descritiva na literatura adeliciana é uma das maneiras de se inserir lirismo, tratando a linguagem de modo peculiar ao aproximar a prosa da poesia com sensibilidade: “Corte! Sangria! Língua afiada, felina. Língua lâmina. Fere fundo.” (BARROS, 2014, p. 30). Esta citação corresponde a um trecho de *Mesa dos Inocentes*, no qual, no desenrolar dos lances, o leitor – por intermédio da voz da narradora protagonista Ana Vitória – vai conhecendo sua história, por meio das fendas que o torna participativo do jogo autor-texto-leitor. A relevância da descrição para a tensão da narrativa está diretamente relacionada com o espaço, assunto a ser esmiuçado adiante neste trabalho.

Sua prosa é entremeada pela poesia, numa construção que impressiona o leitor pelo modo com que vai se mostrando: “redobradas em energia, as lágrimas inundaram as faces das gentes, molharam as caras dos bichos. Lavaram o céu, regaram as plantas, encharcaram a terra...” (BARROS, 2003, p. 17). É um descortinamento que, ao mesmo tempo em que encanta, pode atordoar o leitor desprevenido porque relatos da memória, ou seja, a narrativa mnemônica é entremeada de enunciação do presente a flashbacks.

A escritora emprega diversos recursos estilísticos que a língua oferece e seus múltiplos sentidos, imprimindo um estilo poético em suas narrativas. Acerca da sua relação com a língua, Adelice declara que, no exercício de burilamento de seus textos, tem em mente o desejo de esmerilar o quanto puder uma obra a fim de proporcionar o deleite ao leitor.

Quando fala de criatividade, a autora aponta que, antes de começar uma obra, ela organiza um plano que vai sendo preenchido à medida que o tempo vai passando, sendo completado ou modificado. Muitas vezes, a personagem adquire tamanha proporção que a própria criadora não esperava. Além do mais, como foi dito, a sua vivência diária proporciona-lhe inúmeros motivos que resultam em ficção. Há sempre

razões para acontecer sua produção escrita e isso é bem evidenciado em seus diversos textos.

Na tessitura literária de Adelize, o gênero romance sobrevive em meio a uma realidade tão múltipla que ficou impossível abranger a totalidade de histórias. Como consequência, constata-se o cerne tão caro ao romance contemporâneo – que é cuidadosamente estudado por Perrone-Moisés (2016) – ou seja, a fragmentação em diversos aspectos é uma recorrência na produção de diversos autores da chamada modernidade tardia. Isso inclui, por exemplo, os finais abertos ou sem o tradicional “feliz para sempre” (em que o mocinho vencida a demanda, o vilão pagava pelos seus erros, como se a vida fosse uma eternidade de bem-aventuranças).

Em textos dessa autora, há um cuidado com a língua em variados aspectos, por exemplo, ao criar uma história de adolescentes e para eles, encontra-se uma linguagem bem próxima dessa faixa etária, como gírias e palavras de baixo calão no conto “Crack”, da obra *O avesso da vida* (2013). Nesse livro, que tem como mote as drogas, é interessante a comparação implícita entre quem usa e quem vende, uma vez que a dependência química leva ao envolvimento com o traficante da mesma forma que um endividado é enredado pelo agiota. Isso pode ser verificado na citação a seguir:

[...] é claro que há um preço a ser pago. No início o cara não sabe exatamente o valor por não se tratar de transação comercial ou coisa assim, onde tudo é previamente estabelecido. Sabe-se da promissória, apenas. Os juros vão surgindo devagar. E sempre se acha que vale a pena arriscar. Daí, arrisca-se. Eu acabei arriscando. E paguei a apólice com juros estratosféricos. (BARROS, 2013, p. 20)

É possível encontrar muitas metáforas, aliterações e personificações que, ao mesmo tempo em que são irreverentes, expressam um teor reflexivo, demonstrando criatividade no trato com a língua, como no trecho seguinte do livro *Um jeito torto de vir ao mundo*: “Um solzinho tímido, ausente há seis meses, foi aos poucos mostrando a cara esbranquiçada, piscando os olhos míopes, até brilhar por inteiro num despropósito de luz. O céu gritou de azul”. (BARROS, 2003, p. 19). A preferência pelas comparações é por elementos naturais, o sol claro e o céu azul são prediletos. Adelize revela admiração e empatia pela natureza, quiçá, por isso fique tão impactada com desastres provocados pela mão do homem. É uma maneira de se chamar atenção para fatos que não podem ser esquecidos para não se repetirem.

As questões juvenis são uma temática assídua. Por exemplo, a gravidez indesejada ou não planejada, e o aborto como consequência. Ainda no livro *Um jeito torto de vir ao mundo*, uma declaração feita pela adolescente Iana faz refletir: “Filhos de pais despreparados devem nascer assim, como estou agora, sem rumo, sem dono, a cabeça completamente torta. Daí para a delinquência é um passo, pensei.” (BARROS, 2003, p. 142). A insegurança da jovem provinha da falta de identificação com a família. Impressão que aparentemente se resolve mais tarde quando ela descobre um bilhete da possível genitora, no qual dizia ter engravidado para se casar com um tio que já estava de casamento marcado com outra moça.

Sobre o assunto aborto, em seu primeiro livro, *Salada de Capitães* (1999), no décimo terceiro conto, intitulado “Pecado Original”¹⁰, é relatada a história de uma esposa que, depois de trair o marido, comete aborto já passando dos seis meses de gestação. Como consequência, ela tem depressão profunda que beira à loucura, numa situação angustiante. Há intertexto com a Bíblia, em Gênesis 3-5, no qual a serpente interpela a mulher e a instiga a comer do fruto proibido para que se tornasse como Deus, conhecendo o bem e o mal. Adeline, em entrevista, expõe que lhe apraz fazer uso de intertextualidade independentemente da matéria abordada. Em seu segundo livro de contos, *Prisioneiros do Vento Sul* (2002), a escritora volta a falar de aborto em “Limbo” – texto composto por apenas quatro parágrafos, destacando a banalidade com que o tema é tratado por muitas pessoas.

Em *Tijolo e vidro & outras histórias* (2011), duas das quatro novelas dialogam com a Bíblia. Esclarecendo mais, em “De carne e verbo”, uma personagem, em situação de desespero, relata a um parceiro de viagem a possibilidade de suicidar-se e ouve a seguinte resposta: “Atentar contra a vida, mesmo a própria, é o mais grave dos pecados. A vida é feita em cadeia, é tecida em elos entrelaçados, a ruptura de um desequilibra o conjunto, desarticula o próximo”. (BARROS, 2011, p. 37). Essa visão sobre o suicídio é confirmada em *Mesa dos Inocentes*.

Seguindo na mesma linha reflexiva, em “Somos pó”, um homem, depois de passar pelo submundo das drogas, quase se mata, mas com o apoio de um padre, torna-se igualmente clérigo e afirma: “Nós, humanos, somos os únicos vivos com consciência da própria morte e, no entanto, gastamos as pernas numa corrida inútil, mesmo sentindo

¹⁰ Premiada no III Concurso de contos Professor Venerando de Freitas Borges.

que morremos um pouco a cada dia, em cada morte que nos ronda”. (BARROS, 2011, p. 185). A referida novela dialoga com o fato trágico ocorrido nos EUA, em 2001: a destruição das torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York. A personagem central, ex-dependente químico e recente padre, presenciou os ataques e o poder de destruição deles, sente-se impotente, ao mesmo tempo agradecido por ter se atrasado breves 15 minutos e, por isso, escapou do desastre.

Perrone-Moisés (2016) destaca a intertextualidade, teorizada por volta de 1960 pela estudiosa Julia Kristeva. Na técnica do intertexto, compreende-se o discurso como uma produção sempre mista, isto é, várias vozes se entrecruzam numa posição dialógica, “a partir dos conceitos de polifonia (várias vozes, vários discursos que atravessam o texto) e dialogismo (o Eu existe em uma interação com um Outro) por Mikhail Bakhtin desde os anos 1920”. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 115-116).

Das diversas características das narrativas contemporâneas, a intertextualidade é muito frequente nos textos de Adélice como uma forma de revisitar textos clássicos, já conhecidos pelo público leitor. Na contemporaneidade, é um dos recursos diletos uma vez que propicia a retomada de discursos para se falar da condição humana. Ao trazer a intertextualidade com a Bíblia, a autora goiana não faz apologia a uma religião, revela um profundo senso humanitário de amor ao próximo.

Outra forma de intertexto que provoca deleite em leitores proficientes é com a mitologia clássica. Para exemplificar, o mito de Édipo está presente no romance *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000). Iana, menina-moça, diz estar apaixonada pelo avô materno, deixando claro que é por causa do jeito simpático dele para com a mãe dela – algo que diferia da forma como outros homens tratavam as mulheres. De maneira análoga, há também Iana e seu pai, porque esta queria a presença e a atenção do genitor que, no entanto, estava sempre imerso no trabalho e longe dos afagos dos filhos.

Mais um recurso estilístico que merece destaque é o diálogo com o leitor, numa tentativa de estabelecer proximidade. Machado de Assis emprega essa estratégia frequentemente como, por exemplo, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, no qual, logo no início, escreve *Ao leitor* em que diz: “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus”. (ASSIS, 1961, p. 09). Não só por ser uma leitora machadiana que Adélice adota a mesma estratégia, mas também por instigar um caráter de informalidade e, por vezes, ser irônica.

No conto, “O canto do galo”, em *Salada de Capitães* (1999), há uma clara referência ao conto antológico “Missa do galo”. Nota-se a postura crítica similar à de Machado de Assis. Pode-se citar o seguinte trecho: “Exige fidelidade, cobra bom senso. E o que oferece? Esquece. Promessas vagas, longínquas de recompensa no além”. (BARROS, 1999, p. 77). Trata-se de uma declaração do narrador adolescente – como no conto machadiano – que, indignado, lamenta ter ido à missa em vez de ficar em companhia de uma jovem senhora.

Perrone-Moisés (2016, p. 43) enfatiza que a literatura contemporânea traz em si muito de ludismo no trato com a linguagem. Para a estudiosa, “há múltiplos exemplos de ludismo na literatura do passado. Desde a antiguidade, os poetas brincaram com as palavras, ...”. Em *Prisioneiros do vento sul*, há essa “brincadeira”, por meio de trocadilhos com o senso comum, como no título do conto “O trabalho danifica o homem” (BARROS, 2002). A personagem principal, um homem pobre, sente um incômodo – inveja, talvez – de seu amigo que, praticamente, não trabalha e vive bem financeiramente, enquanto ele, mesmo laborando arduamente, não consegue se manter como gostaria. Então, conclui que o trabalho arruína o homem, mas isso, até ver esse mesmo amigo estirado no asfalto, assassinado brutalmente. Ao descobrir que se tratava de um traficante de drogas, o protagonista passa a aceitar sua condição de vida de maneira resignada e concorda que o correto é mesmo “*O trabalho dignifica o homem*”. (BARROS, 2002, p. 109, grifo da autora).

Ainda no que se refere a ditos populares, por vezes, preconceituosos, a autora, em alguns textos, escreve desconstruindo-os, como no conto “Afonsinho”, em *Salada de Capitães* (1999). Comportando-se como *bon vivant*, Afonsinho acha que poderia se aproximar de uma viúva – amor juvenil dos tempos do colégio – para namorá-la em menos de trinta dias de viuvez, acreditando no dizer que “Viúvo é quem vai” (BARROS, 1999, p. 154). A mulher, indignada, repreende severamente o ex-colega, enxotando-o de sua casa. Na literatura de Adélice, é recorrente a postura altiva da mulher, senhora de si, que será abordada neste trabalho. Assim, há o empoderamento feminino *versus* os moldes patriarcais de submissão e subjugamento.

Retornando às características de muitos dos escritores contemporâneos, é oportuno visitar Perrone-Moisés (2016, p. 45) para esclarecimentos de que

A prosa tem sido o gênero preferencial dos escritores contemporâneos. Ao longo do século passado, a ficção tentou se libertar das convenções anteriores,

com o fluxo de consciência (Virginia Woolf), a criação de uma nova linguagem baseada em trocadilhos e palavras-valise (Joyce), o estilo telegráfico (Oswald de Andrade) e a representação neutra do real (o *nouveau roman* francês). Todas essas experiências foram assimiladas pelos escritores contemporâneos, que ora lhes dão uma continuidade, ora as ignoram, praticando tranquilamente qualquer tipo de estilo passado, sem a preocupação modernista com o novo.

Nessa citação, a estudiosa observa que os autores contemporâneos se voltam a outros autores que os antecederam, sem se preocuparem com a novidade que tanto os modernistas buscavam. Por exemplo, a literatura adeliciana em muito se assemelha à narrativa intimista, carregada de fluxo de consciência, de Clarice Lispector, escritora de quem a goiana confessa ser leitora assídua. Além desta, Adelize também é leitora de Lygia Fagundes Telles. Alfredo Bosi (2013, p. 414) diz que “Escritores de invulgar penetração psicológica, como Lygia Fagundes Telles, [...] têm escavado os conflitos do homem em sociedade cobrindo com seus contos e romances-de-personagens a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa”.

Num estudo sobre o romance brasileiro moderno a partir de 1930, Bosi (2013, p. 418) organiza uma categorização com “pelo menos quatro tendências, segundo o grau crescente de tensão entre o ‘herói’ e o seu mundo”, a saber, são: romances de tensão mínima; romances de tensão crítica; romances de tensão interiorizada; e romances de tensão transfigurada. *Mesa dos Inocentes* poderia ser relacionada ao terceiro tipo, romances de tensão interiorizada, pois, neste, o herói não se dispõe a combater a contradição entre eu/mundo, prefere subjetivar seus próprios conflitos. Isso porque a narradora procura afrontar suas contendas íntimas por meio de ações, tanto no plano da realidade – viagem à cidade natal – quanto no plano da transcendência – viagem memorialística.

No campo da linguagem, há o gosto por palavras-valise, isto é, junção de elementos mórficos de duas ou mais palavras e, até mesmo, há ligação de palavras inteiras formando um todo que ratifica uma situação ou um sentimento, revelando o ludismo linguístico. Alguns exemplos: caminvaga (*Prisioneiros do vento sul*, 2002, p. 142); zozenvagueia e zonzevago (*Iana Sol & Sombra*, 2003, p. 39); dánomesmo e luailuminam (*Barrabás*, 2005, p. 31; 32); bumbumzava e fantasmagorando (*Camumbembe*, 2008, p. 49; 60); sonomorte e Pãoquentim (*Mesa dos Inocentes*, 2014, p. 162; 201); vomitodorancestral e florferida (*Tijolo e vidro & outras histórias*, 2011, p. 33; 149). Como se nota, há aglutinação e justaposição sem um parâmetro definido, correspondendo a um recurso que expressa criatividade.

Vale notar a contribuição de Perrone-Moisés (2016) no que diz respeito à despreocupação com a linearidade temporal. Desse modo, a literatura adeliciana é construída pelos caminhos da memória. Isso é observado, por exemplo, nos livros *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000), *Iana Sol & Sombra* (2003), *Barrabás* (2005) e *Mesa dos Inocentes* (2010). De acordo com Nora (2012, p. 9), “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”.

Entre as tendências da literatura contemporânea, várias aparecem nos textos de Adelize, como a memória, experiências de vida, viagens, distopia, entre outros. De acordo com Perrone-Moisés (2016), para alguns leitores, a escrita dos contemporâneos chega a ser incompreensível. No entanto, não podem ser considerados cansativos uma vez que

A reflexão implícita nas obras desses escritores é complexa, mas seus textos são despojados, sem pirotecnias verbais como a dos modernistas. O trabalho da linguagem é de outro tipo. É a procura de dizer o que ainda não foi dito, com vocabulário e sintaxe conhecidos, “normais”. Em geral, eles preferem dizer menos a dizer mais, pressupondo que tanto já foi dito e redito que o leitor entenda por meias palavras. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 248)

Isso pode ser constatado nas histórias de Adelize, as quais são compreensíveis apesar de suas fendas e muitas são labirínticas ao ponto de confundir algum leitor. Alguns livros devem ser lidos mais de uma vez para a sua compreensão em função da riqueza de recursos estilísticos que a língua proporciona. Implicitamente, a escritora demonstra estar alicerçada nos dizeres de Faedrich (2016, p. 33)¹¹ quando afirma que “No romance, o compromisso com a realidade é impreciso (*flou*),...”, ou seja, crê na eficácia do pacto entre ela e seu leitor. Para expor as tendências que Perrone-Moisés (2016) apontou, seguem exemplificações.

É frequente a presença de ritos de passagem metaforizados por meio de viagens. Por exemplo, em *Tijolo e vidro & outras histórias* (2011), nas quatro novelas, as viagens aparecem como uma passagem. Na primeira “De carne e verbo”, a garota Mia, insatisfeita com a inconstância matrimonial da mãe, decide sair da cidade interiorana para ir à capital, morar com o pai. Passando de adolescente para a fase adulta, encontra-se num período de indecisões próprias do processo de constituição identitária. Então é uma dupla viagem –

¹¹ Disponível em FAEDRICH, Anna. *Autoficção: um percurso teórico*
<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/120842>. Acesso em 24 de set 2020.

de criança para adolescente, do interior para a capital – que a faz refletir muito sobre a condição humana.

A segunda novela é “Diagnóstico”, em que a autora, a partir do acidente com o avião da companhia aérea TAM, aborda a viagem também dupla porque o mote central é a morte. A inventividade que pode impressionar o leitor está nas reflexões provenientes das inúmeras possibilidades que cada um daqueles passageiros poderia ter na vida.

Na terceira história “Tijolo e vidro”, dois escritores viajam para Escócia sem dinheiro para volta. Um deles estava recém-separado e ainda abatido, decide seguir uma moça para conhecer mais o lugar. Num castelo medieval, faz a segunda viagem ao encontro de si mesmo. E na última novela, “Somos pó”, novamente Adeline faz referência a um fato real – destruição das torres gêmeas, em que um rapaz, de homem mundano e egoísta transforma-se num padre. Depois de ter quase morrido na tragédia, percebe como era mesquinho. Assim após a viagem aos EUA, faz outra, mas para dentro de si mesmo.

Partindo para outro viés, como outros escritores contemporâneos, Adeline também enveredou pelos caminhos da distopia. De acordo com Carlos Berriel (2005, p. 6), nesta “a realidade não apenas é assumida tal qual é, mas as suas práticas e tendências negativas, desenvolvidas e ampliadas, fornecem o material para a edificação da estrutura de um mundo grotesco.”¹². No livro *Salada de Capitães* (1999), no sexto conto, intitulado “Livre arbítrio”, é narrada uma história num tempo muito distante do atual em que a humanidade vive em bolhas. Não existe contato físico entre as pessoas e os bebês são feitos em laboratório num rigoroso sistema de controle populacional, uma vez que não há mais natureza, não há mais habitat. No décimo segundo, “Efeito Midas”, há metáfora sobre a ganância política, posto que um rei – espécie de governador de um lugar distópico – planeja dar sempre menos ao povo carente para viver num palácio suntuoso. Certo dia, ele dorme e acorda no ambiente luxuoso que sempre sonhou, contudo está transformado num pavão. Diante da ousadia de um plebeu que lhe desafia, enforca-se.

Adeline trata de temáticas atuais. Por exemplo, no seu livro infantojuvenil *Um dia muito esquisito* (2012), tem-se uma menina de doze anos de idade que está aflita porque seu computador fora levado pelo pai. *A priori*, o leitor pensa se tratar de simples manutenção do equipamento ou punição, depois descobre que o motivo é a implantação de programas que bloqueiam sites impróprios para crianças e/ou adolescentes. Assim,

¹² Disponível Revista MORUS–Utopia e Renascimento. Campinas, 2005 - unicamp.br. Disponível em unicampwww.unicamp.br. Acesso em 05 out 2020.

aparece a importante temática sobre os perigos da internet, como encontros com pessoas desconhecidas, possibilitando sequestros, como o que aconteceu a um dos garotos do prédio onde a protagonista mora.

A escritora aborda também outros assuntos oportunos, como o relacionamento entre pais e filhos pré-adolescentes, a solidariedade para com amigos em tratamento contra câncer, a importância da consciência política desde cedo e ainda vários outros. A professora Tânia Pellegrini (2000, p. 54), em palestra num Simpósio, fez ponderações valorosas a respeito da ficção brasileira e suas pluralidades em variados aspectos, esta seria “uma forma de assimilação ou de resistência às injunções colocadas pela lógica cultural pós-moderna,...”. Existe uma gama de motivações que corroboram com os anseios dessa nova era como: “descentramento, indeterminação, ambivalência, fim das grandes narrativas, deslocamento, morte do sujeito, etc,...”, funcionando como mote para grandes transformações na arte.

O livro infantil *A estranha revoada* (2016) conta a história de um garoto de 10 anos. Erasto – aquele que tem amor e auxiliou São Paulo – encontra uma vaca em frente a seu prédio, logo depois muitas outras apareceram nas ruas e todas seguindo-o como se fosse o líder delas. Há nessa narrativa (que não tem um espaço definido, é um grande centro urbano qualquer) semelhança com *A hora dos ruminantes* (1966), de J. J. Veiga, escritor goiano que faz uma alegoria se referindo à passividade de um povo diante da opressão. Algumas espécies de reses são mansas e submissas, aceitam ser conduzidas, metaforizando a condição do povo oprimido sob um regime opressor.

Entretanto, se tiverem um líder conduzindo-as, podem chegar a algum lugar benfazejo. Durante a caminhada pela cidade, Erasto se preocupa com o destino dos animais e quer levá-los a um espaço propício e seguro – a periferia. É interessante para a criança uma história de amor e respeito aos animais e, ainda mais, a ideia em direcionar os bovinos para um lugar afastado uma vez que lá deveria ter bastante área verde e água. Todavia, a empreitada foi confundida com uma passeata de protesto: Erasto e o rebanho de vacas atraíram atenção de muitas pessoas, logo a polícia e o Secretário do prefeito apareceram e pensaram que estavam fazendo uma manifestação de cunho político. Porém, o que prevalece na história é a imaginação do menino, pois não havia nenhuma vaca real, mas sim esculturas – estava acontecendo a *Cow Parade*, evento cultural que ocorreu em diversos países –, por isso havia muitas espalhadas pela cidade. Percebe-se nesse texto a

intenção de se valorizar a arte visto que o menino fica tão encantado com as obras de arte que imagina uma história com bovinos reais.

Perrone-Moisés (2016) revela que os tempos atuais têm bastantes escritores que primam por inserir vicissitudes da espécie humana em suas obras. Constitui-se um traço comum certo pessimismo em textos de diversos autores que estão em plena produção porque a avalanche de informações em tempo real tem provocado sentimentos instáveis: “Mas talvez essa impressão [de que o mundo vai de mal a pior] resulte justamente dessa hiperinformação, imediata e visual, pois o que conhecemos das eras passadas não nos leva a crer que elas foram muito melhores” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 256). Suas produções são heterogêneas, ora assumem um caráter sério de engajamento, ora levantam temas passíveis de controvérsias, outras carregadas de humor.

No segundo capítulo deste trabalho, apresenta-se uma análise estrutural da obra contemplando os elementos da narrativa. Todavia, o estudo analítico das personagens foi levado para o terceiro capítulo porque se dá um enfoque maior para as mulheres, o empoderamento feminino e a sociedade patriarcal. Ainda na segunda parte, há a descrição do ritual – ainda praticado – conhecido como mesa dos inocentes ou mesada dos anjos. Tradição popular em favor de saúde e vida longa de pequenos infantes.

2 UM OLHAR PERSCRUTADOR SOBRE O ROMANCE *MESA DOS INOCENTES*

Quando se fala, nesta dissertação, por mais de uma vez, que Adelice faz críticas à realidade social em seus textos narrativos, pode-se lembrar de Bakhtin (1998) quando este teoriza sobre o romance como sendo um gênero textual inconcluso e em constante transformação e, por isso mesmo, sensivelmente é capaz de compreender as transformações sociais. Isso possibilita compreender mais ainda o porquê de a autora dizer que não pode “deixar de escrever”, mais especificamente, narrativas já que diz não ter talento para escrever poemas.

O romance transita numa esfera cambiante, em razão de ser fruto da era moderna e, como é por ela provido, são próximos. O referido filósofo russo contemporiza que “o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado).” (BAKHTIN, 1998, p. 400). A história *Mesa dos Inocentes* (2014) pode ser aproximada a essa teoria como se fosse um quebra-cabeça de peças, as quais, uma vez montadas, podem provocar estranheza ao revelar a imagem que fora, antes, fragmentada.

Neste capítulo, há explanações a partir de entrevistas e pesquisas sobre como acontecia e ainda acontece o ritual da mesa dos inocentes. No livro escolhido, existe apenas uma menção a esse costume. Todavia, houve uma cena tão marcante nele com a narradora que, durante todo o processo de constituição identitária dela, são perceptíveis as marcas desse único episódio. Além disso, o adjetivo inocente pode também ser atribuído a outras personagens, por isso pode-se afirmar que a condição de inocência perpassa, de alguma forma, toda a história e adiante esse ponto será esclarecido. Na sequência, também aparece análise, embasada em diversos teóricos, mas, em especial, Yves Reuter (2002), sobre os elementos da narrativa: tempo, espaço e narrador.

2.1 O que é mesa dos inocentes?

No livro *Mesa dos Inocentes*, a narradora Ana Vitória faz uma única referência direta ao título do livro: uma reza em que havia uma mesa com doces a serem servidos, primeiramente, às crianças com menos de sete anos, na casa de uma de suas tias. Nesse dia, acreditando que ninguém se lembraria de que ela já havia feito 07 anos, participa da

mesa. Um primo a delata e Aninha fica extremamente envergonhada diante todos os presentes, ela afirma que sua inocência em relação ao mundo e às pessoas acabara ali. Entretanto, no desenrolar do enredo, o adjetivo inocente vai ganhando outras nuances que merecem um caráter mais investigativo. Isso porque é uma palavra que, em suas diferentes acepções¹³, pode ser considerada sugestiva nessa história. Ela aparece dezesseis vezes e em contextos diferentes. Previamente, faz-se basilar recorrer a pesquisas históricas a fim de se conhecer alguns detalhes sobre o desenvolvimento da família brasileira tradicional cristã.

Philippe Ariès, notável historiador e medievalista francês que pesquisou sobre a infância e a família, viu a formação desta como célula da sociedade de hoje. Também abordou a situação da criança e do adolescente desde os tempos medievais por meio de iconografias em pinturas e tapeçarias. Ele assevera que, depois do século XVI, “[p]assara-se, portanto, a atribuir à família o valor que outrora se atribuía à linhagem. Ela torna-se a célula social, a base dos Estados, o fundamento do poder monárquico”. (ARIÈS, 1981, p. 214). Eis o nascedouro da família patriarcal europeia – que o Brasil herdaria mais tarde – em que o homem se considerava com amplos poderes sobre a mulher e os filhos.

No século XVII, o núcleo familiar foi se tornando cada vez mais restrito às suas próprias casas. Na era dos clãs, as famílias viviam nos arredores do castelo, subordinadas a um senhor dono das terras. Em datas festivas, as reuniões aconteciam ali mesmo com pessoas mais próximas. Assim, começou-se a comemorar festas natalinas, em que se homenageava São Nicolau como o bom velhinho ou a celebração era para o menino Jesus. Surgindo daí o *benedicite*, oração de graças em que a criança menor, na ausência de um pároco, fazia prece antes ou depois da refeição num ritual solene:

Ha muito tempo já, a “cortesia” exigia que, na falta de um padre, um menino pequeno abençoasse a mesa no início das refeições. [...] ... não é mais a um menino do grupo, e sim a menor criança da casa que cabe a honra de dizer o benedicite. [...] O tema iconográfico evocava e associava numa síntese três forças afetivas: a religiosidade, o sentimento da infância (a criança menor) e o sentimento da família (a reunião em torno da mesa). O benedicite tornou-se o modelo da prece dita em família. Antes, não havia cultos religiosos privados. (ARIÈS, 1981, p. 218).

¹³ Inocente (i.no.cen.te) adj. 2g.s.2g. 1 que (m) não cometeu ato ilegal / culpado 2 que (m) é ingênuo, puro. Adj. 2g. 3 que não faz mal, que não causa efeito <bebida i.> 4 sem malícia <conversa i.>. HOUAISS Antônio; SALLES Mauro de; FRANCO, Francisco Manoel de Mello [diretores]. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015, p. 545.

No Brasil, como país colonizado pelos portugueses, o Cristianismo foi amplamente infiltrado entre nativos e, posteriormente, entre escravos e degredados. Sem dúvida, os rituais do Catolicismo foram sendo implantados com as devidas exigências de que se cumprissem sob ameaças de punições em casos de desobediência. Dessa forma, o costume de comunidades se reunirem para rezar tornou-se habitual, bem como a prática de se fazer promessas para a obtenção das graças em troca de sacrifícios diversos.

Mais em locais rurais e em cidades interioranas, eram e/ou ainda são comuns Folia de Reis, quermesses, rezas de terço, novenas (com ou sem leilões para obras da Igreja) e demais reuniões para ladainhas de devotos com objetivo de se prestar louvores – de pedidos ou agradecimentos – a Deus ou a algum Santo.

Nesse mesmo viés, irrompeu-se a liturgia em favor dos inocentes: a organização de uma mesa com variadas comidas para crianças com menos de sete anos se alimentarem antes dos adultos. Geralmente, era uma promessa feita em função de um infante doente, à beira da morte, uma vez que, com frequência, filhos pequenos morriam em decorrência das mais variadas enfermidades, como coqueluche, paralisia infantil, infecção no umbigo, tétano etc. Havia inúmeras dificuldades de acesso a atendimento médico, bem como à falta de higiene e cuidados específicos tanto a gestantes quanto aos recém-nascidos. Ademais, não havia vacinas nem conhecimentos científicos suficientes.

O historiador francês citado afirma que, até o século XIX, era comum não haver demasiado apego aos pequenos, principalmente por se poupar da decepção de perdê-los cedo.

O sentimento de que se faziam várias crianças para conservar apenas algumas era e durante muito tempo permaneceu muito forte. [...] Não se pensava, como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande número. [...] Talvez houvesse aí uma sobrevivência de ritos muito antigos... (ARIÈS, 1981, p. 56-7)

O pesquisador D'Ávila (2005) fez um estudo sobre a religiosidade popular e cultos domésticos no interior catarinense – à beira-mar de Santa Catarina, ele não especificou o município – e ali encontrou semelhante ação entre os populares, ocorrida por meio da participação infantil em rituais religiosos. Trata-se da chamada “mesa dos inocentes” que possui algumas semelhanças com a do romance trabalhado. Contudo, nesse lugar, é mais comum acontecer no fim do ano numa espécie de imitação da Santa Ceia, reverenciando a Jesus Cristo:

Após obtido o favor divino pedido mediante uma promessa, convidam-se doze crianças – meninos e meninas – com menos de sete anos para uma refeição celebrativa, em que são servidos pães ou bolos de trigo e uma bebida, como café, refrigerantes ou sucos. Na organização da mesa, são arranjados os doze lugares, deixando-se um vago, que é o de Nosso Senhor Jesus Cristo, que assim ceou com seus doze apóstolos e na “Mesa dos Inocentes” de novo estará presente. (D’ÁVILA, 2005, p. 330)

D’ Ávila (2005) discorre sobre votos e ex-votos que eram feitos com bastante frequência em favor da vida e saúde das crianças. Essa prática de se fazer promessas para um santo de devoção é uma herança europeia, mais precisamente portuguesa, numa espécie de catolicismo rústico visto que, em razão das distâncias geográfica e temporal, não havia interferência da Igreja. Assim, no meio popular e rural, tanto pessoas simples e analfabetas como aquelas com maior poder aquisitivo e alguma instrução dispunham de muita fé de que, prometendo algo de qualquer natureza a uma santidade e, obviamente, cumprindo a promessa, teria a graça pedida.

Os santos eram tratados como pessoas da família, a quem se faziam pedidos, prometia-se e se pagavam promessas. Esta cultura religiosa incentivou o costume popular de fazer homens e santos personagens duma mesma história, habitantes de um mundo comum, em que se trocam favores e mercês. Então, no mundo natural – profano - são inúmeras e consideráveis as manifestações do sagrado, as hierofanias. (D’ÁVILA, 2005, p. 324).

É nesse sentido que se compreendem os porquês de tantas barganhas de pais aos santos de devoção. No Brasil, uma mácula não totalmente erradicada é a mortalidade infantil e, até a década de 1940, havia “171 óbitos de crianças menores de um ano por mil nascidos vivos”. (YUNES e RONCHEZEL, 1974, p. 4). A partir de 1960, essa realidade começou a mudar. Para tanto, foi primordial a criação da Pastoral da Criança¹⁴ em 1983.

Por isso, é compreensível que tenha existido toda espécie de promessas, como manter a criança com vestes brancas, não cortar os cabelos até certo tempo e, depois, levar as madeixas ao altar, aos pés de uma imagem, vestir o(a) pequeno(a) com trajes de anjo em época de novenas e procissão etc., na maioria das vezes, até os sete anos, mas havia também pagamentos remidos. Ainda se garantiam bens materiais, ora como oferta em leilões, ora como doações a pessoas desprovidas de recursos.

¹⁴ Fundada em 1983, na cidade de Florestópolis, Paraná, pela médica sanitária e pediatra, Dra. Zilda Arns Neumann, e pelo então Arcebispo de Londrina, hoje cardeal emérito, Dom Geraldo Majella Agnelo. A Pastoral da Criança hoje se faz presente em todos os estados brasileiros e em outros 10 países da África, Ásia, América Latina e Caribe. Disponível em <https://www.pastoraldacrianca.org.br/quemsomos>. Acesso em 28 fev. 2020.

Dessa maneira, é possível compreender que ainda exista a mesa dos inocentes atual, um exemplo, é a “Mesada dos inocentes” que acontece há mais de trinta anos nos arredores da cidade de Goiás. Em entrevista à pesquisadora, uma senhora, com quase oitenta anos, contou que realiza o ritual todos os anos, no dia 25 de dezembro: uma mesa é posta para o almoço, ao meio-dia; nenhum dos adultos come antes das crianças com menos de sete anos. Nesse dia, porém, antes da refeição, num Centro Espírita perto da casa dela, é feita uma oração de agradecimento, distribuem-se brinquedos, balas e bombons aos infantes. Enquanto isso, outras pessoas fazem as comidas e montam a mesa. Às 12 horas, as crianças se alimentam – podem participar todas que estiverem presentes, como é uma tradição, muitas comparecem, mas os pais sabem que só participam as que têm até aquela idade. Assim que acabam, as sobras delas são postas sobre folhas de bananeira, no chão ali por perto a fim de que os animais de estimação também comam. Em seguida, doces variados são servidos a esses pequenos. Após todas essas etapas, os demais presentes podem deliciar-se de tudo que anteriormente fora organizado para o ritual.

A referida senhora é de origem humilde, veio de uma família tradicionalmente católica. Casou-se e teve três filhos, duas meninas e um menino; este, com três anos de vida, adquiriu uma doença muito grave. Como os meios de transportes eram muito precários, decidiram levá-lo a um Centro Espírita kardecista nas redondezas de onde moravam. Ali chegando, deparou-se com outra família e outro garotinho sofrendo com o mesmo mal, o qual faleceu pouco depois. Então, num ato de desespero, a entrevistada – com 41 anos de vida, ou seja, uma mãe tardia para a época – suplicou à dirigente do Centro que ajudasse seu filho caçula a viver. Então, foi interrogada se acreditava em promessa. A mãe em aflição afirmou que sim. Isto posto, a médium sugeriu a mesa para os inocentes. A promessa que ela e o marido fizeram ali mesmo teve caráter de perenidade – o menino ficou por apenas 24 horas internado. Chegando à casa, a três dias para o Natal, aconteceu o primeiro rito. A cura aconteceu em espaço bem curto de tempo e, hodiernamente, o filho ajuda a mãe nos preparativos da mesa.

Estudos feitos por D’Ávila (2005, p. 325) apontam para a tradição de se fazer ex-votos como uma herança greco-romana: “o voto ou promessa se constitui num ato de devoção propiciatório, feito antes de ser recebida a graça que se quer alcançar. Já o ex-voto é o cumprimento da promessa feita, depois que a graça foi alcançada”. Quando o Cristianismo foi completamente agregado ao Império romano por volta do século IV,

havia costumes e rituais pagãos que foram incorporados a essa crença, assim gerando um sincretismo. Similarmente, aconteceu em diversos outros lugares, todavia em alguns de maneira bem mais diversificada, como no Brasil com influências indígenas e africanas. Por isso, é concebível que a senhora entrevistada, tendo se tornado espírita, mantivesse costumes católicos como o voto e ex-voto, por exemplo, e o costume de assistir às missas.

A anciã relatou que a tradição da mesa dos inocentes já existia em sua família há muito tempo. Ela se lembra de que sua bisavó preparava o ritual e o marido conduzia as rezas, sendo chamado por conhecidos para esse fim, dada a fé que tinha. Muitas pessoas faziam a mesma promessa para santos variados, inclusive a São Cosme e Damião mesmo não sabendo que também são conhecidos como médicos de crianças, eles eram gêmeos que cuidavam, de maneira muito benevolente, de pessoas pobres, inclusive foram condenados à morte por isso. A entrevistada diz que seu voto foi ao Divino Pai Eterno e ao Menino Jesus. Também relatou que pessoas conhecidas fizeram o mesmo ritual sempre em função da cura de crianças. Sobre a idade para se sentar à mesa, é interessante saber que

A fé católica ensina que o batismo, como sacramento, elimina o pecado e devolve à criança o estado de pureza anterior ao primeiro pecado do homem e da mulher. Então, até os sete anos, a criança vive esta pureza e inocência, perdendo-as, no entanto, quanto atinge a dita idade da razão. O homem religioso adulto, ao ritualizar a inocência e a pureza, representadas pelas inocentes crianças convidadas para a Mesa, acredita poder também tornar-se inocente e puro e, assim, conquistar acesso ao sagrado, do qual só se aproximam, ensina a fé cristã, os puros e inocentes. (D'ÁVILA, 2005, p. 330).

Por toda a História, o homem passa por diversos tipos de intempéries como doenças e outras dificuldades diárias, muitas delas não têm uma explicação elucidativa. Na maioria das vezes, ele busca solução na fé religiosa e, depois, em remédios caseiros para depois procurar a medicina, principalmente, nos tempos passados. Nas obras de Adeline, aparecem referências à fé católica, sendo perceptível, às vezes, certa crítica aos desmandos da Igreja, no entanto nota-se também o apego às crenças dessa religião. A mãe da narradora protagonista do romance *Mesa dos inocentes* era muito religiosa e passava para os filhos a reverência a Deus; contudo nunca explicou o que simboliza a mancha do pecado que aparece, aos sete anos, a Aninha. Da mesma forma em relação a diversos outros assuntos, por isso não só a narradora, mas outras crianças também, principalmente as meninas, cresciam num estado de inocência que propiciava impactos dolorosos diante das descobertas diversas.

No ideário popular, era comum que as famílias fizessem a promessa da Mesa para salvar filhos gêmeos, em homenagem aos Ibejis. A esse respeito, é dito: “Há ainda a ‘Mesa dos Inocentes’ em homenagem aos Ibejis (os meninos gêmeos). Trata-se de ritual totalmente voltado às crianças. Oferendas como doces e brinquedos são distribuídos aos menores para que os pedidos de sucesso (saúde, inteligência e outros) sejam alcançados”. (SANTOS, 2013, p. 291).

Por esse viés, é considerável o sincretismo religioso presente nessa questão de votos. Ibejis são orixás, ou seja, oriundos das religiões africanas, eles correspondem a São Cosme e Damião, santos canonizados pela Igreja Católica. Citado por Santos (2013), Prandi (2001) conta as histórias sobre os Ibejis, em que os gêmeos foram separados porque um dos dois morreu. O sobrevivente esmorecia pouco a pouco. Na inexequibilidade de se ressuscitar o morto, ambos foram transformados em imagens de madeira, para, assim, ficarem juntos para sempre. “Nunca mais cresceriam, não se separariam. São dois gêmeos-meninos brincando eternamente, são crianças” (PRANDI, 2001, p. 369 apud SANTOS, 2013, p. 299). Santos (2013, p. 291) afirma que: “Na Bahia efetivou-se sob o simbolismo de ‘Cosme e Damião’, onde até os dias atuais são distribuídos doces e balas às crianças. Ocorre em 27 de dezembro e pode também fazer alusão à Mesada dos Anjos”.

Santos (2013) fez pesquisa numa comunidade quilombola chamada Bombas, no interior de São Paulo, município de Iporanga. Ali o ritual também tem o título Mesada dos Anjos e acontece quase igual ao já descrito:

Pela manhã, houve celebração de missa, sem nenhuma menção às crianças ou a tal mesada. Após a celebração ocorreu a festa, terminada no dia seguinte, ao som de violeiros e canções da região. O ritual em si contava com uma mesa posta com algumas velas acesas e as imagens de Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio. As crianças foram servidas e, com elas, um único adulto, uma mulher grávida. Após o almoço, comeram doce caseiro, de sobremesa. Só então os adultos comeram. (SANTOS, 2013, p. 290-1)

Santos (2013), com base em pesquisas feitas por Câmara Cascudo, assevera que a origem desse ritual em que se homenageiam crianças acontecia na França. Era, na verdade, uma festa – “*Fêtes des Saints Innocentes* ou *Fêtes de Fous*” – antes do século XV. A partir dessa época, foi proibida pelo caráter jocoso, uma vez que se assemelhava ao Carnaval que acontece como nos dias de hoje, em que havia “liberdades licenciosas”, sendo chamada de “Festa dos loucos”. Isso prova o quanto houve modificações antes de

chegar até o Brasil e se tornar um ritual sagrado para aqueles que acreditam no cumprimento de uma promessa.

No *corpus*, não é falado ao leitor o motivo de uma tia da narradora ter feito o ritual, nem existem gêmeos. Eles aparecem no livro *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000) em que a personagem Iana narra a tristeza que ocorreu em sua família com a perda de dois irmãos gêmeos. Na vida de Adelice, fato semelhante ocorreu, porém em sua família eram duas meninas que, como no livro de estreia, uma morreu antes do nascimento e outra bem depois.

A escritora se lembra desta última: era muito bonita, loura de cabelos cacheados, que em muito se parecia com Tomázia (prima-irmã da narradora Ana Vitória). As causas das mortes, tanto na ficção quanto na vida real, não foram reveladas. Não existe o ritual da mesa na obra *Um jeito torto de vir ao mundo*, todavia a mãe de Iana fez o marido prometer que não mais compraria terras para que, assim, não houvesse mais mortes de seus filhos. A autora não soube dizer se sua mãe fez a promessa da mesa, mas se lembra de que acontecia, como descrito, esse ritual nas redondezas da cidade de Caçu (GO).

2.2 Construção do enredo de Mesa dos Inocentes

Por que as histórias de hoje num tem ganhador e nem perdedor? Onde foi parar a infalibilidade das coisas? Nossos heróis, heroínas? Quem é o culpado? Freud? Ou é culpa da globalização? (BARROS, 2014, p. 27).

Os questionamentos na epígrafe são da narradora protagonista Ana Vitória pouco depois de sair da casa de sua tia Laura. Foi uma visita tensa e com resultados muito inesperados pela sobrinha visto que agiu, inocentemente, sem planejar a visita. Imaginava concluir um acerto de contas como ganhadora, isto é, como pessoa cheia de razão; contudo, ao ouvir tantas declarações em relação às atitudes da anciã no passado, viu que foi uma demanda sem nenhuma semelhança a um embate em que é possível apenas um vencedor. De acordo com Perrone-Moisés (2016), temáticas caras ao romance contemporâneo são individualismo, ceticismo e niilismo. Adelice confessa descrença quando fala o quanto o ser humano tornou-se apático às intempéries de toda espécie. No romance em análise, há um estado de espírito pessimista pela nuance melancólica que perpassa os estados de alma da tia Laura e da sobrinha narradora.

A análise que segue parte de uma miscelânea em que se leva em consideração escritor-obra-público. Por conseguinte, há as referências biográficas, as imanentes e as voltadas para a recepção. Entretanto, em consonância com Yves Reuter (2002, p. 14), “nenhuma teoria ou método pode ter a pretensão de compreender tudo”. Por isso, não há, neste estudo, a intenção de esgotar qualquer possibilidade de investigação. Ademais, de acordo com Oliveira e Santos (2001, p. 16; 17), na contemporaneidade, é praticamente impossível dissociar as três esferas autor-texto-leitor uma vez que “[n]ão é possível conceber um texto que não esteja vinculado a um certo contexto de produção e também a um contexto de recepção. Todo texto pressupõe o gesto de escrita e o de leitura”.

Em *Mesa dos Inocentes* (2014), são privilegiadas as ações de natureza interna, assim prevalecendo uma narrativa psicológica. Ana Vitória chegou à Cristal, provavelmente, no início de uma tarde. Foi ao encontro de Dorina e, após toda a discussão sobre acontecimentos dolorosos para a narradora, encaminhou-se para a fazenda que tinha sido de seu avô. Resolve passar a noite na casa da tia idosa Laura. Embora houvesse a possibilidade de não a encontrar lúcida, opta por esse caminho – insensatamente – posto que, em estado de vulnerabilidade de qualquer uma das duas, o mais provável seria um colóquio improfícuo como de fato o foi para Aninha.

Quando o primeiro galo cantou, Ana Vitória saiu às pressas da fazenda da tia, porque, além de ter dormido mal, não queria voltar a vê-la. Atitude que colaborou para um acidente que lhe ocorreu pouco tempo depois, no qual o leitor pode entender que ela morreu fisicamente ou só simbolicamente, isto é, a partir dali seria uma pessoa diferente. No entremeio do fim-início-fim, há memórias do desenrolar de toda a vida de Aninha e de muitas outras personagens. Para facilitar a compreensão do enredo, analisam-se as sequências conforme a seguinte estrutura:

1. Estado inicial: de tardezinha, Ana Vitória chega à casa de Laura. O casarão está vazio, bem iluminado e limpo. Ela grita pela tia, mas se lembra de que esta muito idosa já estava surda. Encontra-a na cozinha, tomando uma sopa rala. Não se mostra nem um pouco surpresa ao rever a sobrinha depois de bastante tempo; na verdade, demonstra naturalidade, afirmando que a esperava desde que partiu. Inicia-se um discurso da anciã. São quase vinte páginas em que rememora mais de 50 anos de história, demonstrando que o adjetivo inocente não se aplica a ela uma vez que fala fluente e tranquilamente de coisas sérias e dolorosas para ambas.

2. Complicação ou força perturbadora I: na capital, com uma rotina organizada e tranquila, Ana Vitória e Thiago, ainda na cama, discutem a possibilidade de ela ir até Cristal atender a um chamado feito por Dorina, pessoa que não viam há muitos anos. Situação estranha uma vez que não mantinham contato com conhecidos daquele lugar. O marido discorda da viagem solitária, primeiro porque considerava a esposa uma motorista inexperiente, segundo porque faziam tudo juntos. Tinham um pacto desde o princípio da relação para ser assim, pois havia entre eles cumplicidade baseada no amor e na confiança. Há recusa de companhia, mesmo com insistência feita de modo amistoso por parte do cônjuge. Nesta parte, o leitor toma conhecimento de que existiu um acontecimento marcante relacionado a ambos que deixou marcas mais profundas na esposa.

3. Complicação ou força perturbadora II: já na cidade interiorana, Cristal, findando a palestra com Dorina, Ana devia voltar para Goiânia ou, no máximo, ficar em um hotel ali a fim de descansar e retornar com segurança, durante o dia como havia feito na chegada. Entretanto, a narradora decide revisitar o passado conquanto fora advertida para não fazer isso por Thiago e Dorina. Daí há a retomada da parte inicial, quase escurecendo sai da antiga fazenda do avô e vai para a casa de sua tia Laura.

4. Dinâmica: as memórias de Aninha começam com seu nascimento, e vão seguindo com vários acontecimentos que fizeram parte de sua infância, adolescência, fase adulta e entrada na velhice. Ela narra o episódio da mesa dos inocentes, a ida para o colégio interno, o nascedouro da Vilinha São Tomás (que originou Cristal), o modo de vida das pessoas dali, seus costumes, crenças e valores, o suicídio de sua prima Tomázia; o encontro entre sua tia Laura e Vítor – o adultério e as consequências. A morte de Tomázia é a mais aterradora das lembranças. Esta foi fomentada por um bilhete – enviado aos pais de Thiago – insinuando o namoro entre o filho e a moça suicida. Por estar de posse dessa mensagem, Dorina entrou em contato com Ana Vitória. Quando a protagonista pergunta o motivo de remexer em algo tão antigo, a inquisidora responde: “... vocês os descendentes do velho Gonzaga, são representantes preciosos dos valores verdadeiros, esteios contra a amoralidade que campeia solta por esse Brasil afora”. (BARROS, 2014, p. 192). Demonstrando pensamento conservador, Dorina imaginava que, se Ana Vitória se retratasse ou se justificasse, seria uma forma de fazer justiça à memória de Tomázia. Ademais, teria paz, afinal não fora em vão que guardara o bilhete há décadas.

5. Resolução ou força equilibradora: primeiramente, com a revelação por Ana Vitória de que a grafia do bilhete era de Laura. Reconheceu-a porque quando recebiam cartas na época do internato, ela e Tomázia liam tudo uma da outra, então conhecia bem a grafia. Para mais, a narradora relatou toda história dela e de seu marido depois que foram embora de Cristal. Os pais, João Cabral e Ana Cristina, venderam suas terras e se mudaram para a capital, Aninha cursou faculdade de Ciências Sociais e conseguiu trabalho no Serviço Social do Comércio, na seção em que, coincidentemente, Thiago era chefe. No passado, quando voltou para Marília-SP, ele rompeu definitivamente com os progenitores, vendeu o pouco que tinha e se aventurou para os países vizinhos ao Brasil tentando conhecer toda América Latina. Conheceu Rodrigo de quem se tornou grande amigo e foi acolhido pela família dele. Instalou-se em Goiânia e fez o mesmo curso que Aninha, por isso voltaram a se encontrar.

6. Estado final: Ana Vitória está dentro de seu carro, “perigosamente dependurado no barranco da estrada” (BARROS, 2014, p. 204), procurando pela bolsa e o celular. Liga para o marido, diz “umas breguices matinais”. Ela não tem coragem de contar do capotamento e nem das revelações que encontrou ali em Cristal, apenas em pensamento diz a ele que “não existe perda sem reposição” (BARROS, 2014, p. 206). Para se encarar ressentimentos passados, faz-se necessário desvencilhar-se de algumas coisas. No caso dela, foi necessário ouvir Dorina e Laura porque só assim o véu que impedia sua libertação pôde ser rasgado.

Conforme aponta Reuter (2002, p. 36), o esquema quinário – estado inicial com transformação em outro estado final agrega: complicação ou força perturbadora, dinâmica, resolução ou força equilibradora – pode ser apresentado de diversas maneiras a depender das escolhas do autor. Ainda acrescenta que em toda história há um esquema implícito em que o foco não é escancará-lo, mas sim analisar como e por que ele é engendrado como tal.

Umberto Eco (1994) assevera que o leitor é uma peça fundamental no jogo narrativo, ao afirmar que uma obra ficcional não pode dizer tudo porque, se assim o fosse, não findaria nunca. Portanto, a ficção (*Mesa dos Inocentes* se inclui) “pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. Afinal [...] todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (ECO, 1994, p. 9).

Ainda na análise de elementos da narrativa, ao referenciar época e ambientação, constitui-se um trabalho mais completo quando não se dissociam as duas instâncias, mas

nem sempre é possível. O teórico André Comte-Sponville (2016, p. 23) assevera que “o espaço é a condição de todos os corpos; o tempo, de todos os acontecimentos”. Na mesma linha de raciocínio, está Henri Bergson, citado por Ecléa Bosi (1994, p. 44) afirmando que o “presente *contínuo* se manifesta, na maioria das vezes, por movimentos que definem ações e reações do corpo sobre seu ambiente”. Pensando nisso, passa-se a dedicar atenção a essas duas instâncias: tempo e espaço.

2.3 Análise das instâncias tempo e espaço

Mikhail Bakhtin (1997) destaca a importância do tempo histórico que guarda marcas na ambientação do plano de um passado recente. “O passado determina o presente de um modo criador, e juntamente com o presente, dá dimensão ao futuro que ele predetermina. Atinge-se assim uma plenitude temporal que é sensível, visível”. (BAKHTIN, 1997, p. 253). Em uma perspectiva parecida, está André Comte-Sponville (2016) quando argumenta que viver no presente é estar no lugar da ação, da potência e da responsabilidade. Ademais, acrescenta que o ressentimento é prisioneiro do passado, já a esperança – para isso convoca Zaratustra, de Nietzsche – é fruto do futuro. Por meio da sabedoria, o indivíduo seria alforriado dos laços do passado e adverte que viver no presente não é desligar-se totalmente com o passado, pois como poderia o ser humano dar seguimento à vida sem se lembrar de quem foi? Não há consciência sem memória. Viver no presente também não é renunciar o futuro.

Trata-se de uma argumentação que pode atestar uma atitude da protagonista do romance *Mesa dos inocentes* (2014). Ana Vitória sente a necessidade do regresso à cidade natal e ao seu passado, a fim de, por meio da narrativa das lembranças, descobrir mistérios que envolvem sua família e até o marido, desfazer-se de ressentimentos, e assim, ressignificando sua identidade, dar nova direção a seu futuro.

Em consonância com esse fundamento, Bosi (1994, p. 46) tece considerações sobre a teoria de Bergson e menciona o papel da memória na “relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”. Nesse sentido, compreende-se o porquê de Ana Vitória insistir na dupla jornada. É uma condição essencial, visto que ainda há angústia nela, mas vale ressaltar que a ótica de ocorrências passadas, no presente, sofre um processo de romantização por causa da

nostalgia que as recordações das memórias familiares podem provocar e isso pode acarretar consequências indesejáveis.

Santo Agostinho aponta três instâncias temporais sobre o tempo: “o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro” (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 122). Isso para explicar que o tempo está na consciência, não há como mensurá-lo se não for por um balizamento subjetivo porque o presente do passado é a memória, o presente do presente é o discernimento, e o presente do futuro é a imaginação ou a previsão, a esperança - abstração no plano da subjetividade. Ademais, esses apontamentos enfatizam que é por meio da ação no tempo presente – em espaços específicos – que a memória familiar é ativada.

Aninha é uma narradora memorialista numa época pós-moderna. De acordo com Silviano Santiago (2002, p. 7), uma narradora memorialista “não quer enxergar a si ontem, mas quer observar o seu ontem no hoje de um jovem”. À narradora de *Mesa dos Inocentes*, primeiro, essa oportunidade só surgiu com o convite de Dorina; segundo, pelos sessenta anos, momento de transição, que marca a chegada à velhice, que geralmente propicia indagações de cunho existencialista.

Bakhtin (1997, p. 258) defende que um fato passado constituído de anamnese metafísica não é compreensível, se não pode ser encontrado num lugar em que há urgência de sua consumação “num tempo e num lugar determinados”. Há a consonância de tempo e espaço quando se analisa a infância de Aninha em Cristal – povoada de silêncios e segredos. E ainda nota-se Ana Vitória, mulher madura, que vivia longe de sua cidade natal há anos e que rememora seu passado.

Para Comte-Sponville (2016), há apenas um tempo desde o princípio, o qual é o presente. Ao complementar a sua discussão, expõe que o passado não é o que se percebe, mas os seus restos, os seus vestígios. O futuro também não existe, pois só se pode prevê-lo. O presente não existiria no tempo, o tempo é que é presente. Assim, o ser é ser presente no espaço e no tempo.

Ao analisar o tempo ficcional, Oliveira e Santos (2001) abordam duas formas básicas:

- A primeira é o tempo de leitura, não preciso pelo autor, mas há recursos linguísticos que colaboram com a fluência do texto, o tempo da enunciação. Em *Mesa dos Inocentes*, devido às digressões, ao efeito que a linguagem produz, é possível lentidão ou turbulência, por ser uma narrativa memorialística em que o início e o fim, num plano

hodierno, são entremeados pela rememoração. Como consequência, os espaços seguem da mesma maneira, ou seja, logo que acaba uma referenciação, começa outra que, às vezes, não tem relação com a anterior.

- A segunda forma é o tempo ficcional, sendo também pluridimensional: “... no plano daquilo que é narrado, ou seja, na história propriamente dita. Esse tempo é, na verdade, a atribuição de uma dimensão temporal aos eventos relatados...” (OLIVEIRA e SANTOS, 2001, p. 51). No romance de Adeline, o tempo cronológico tem duração de menos de vinte e quatro horas porque Ana Vitória chega à Cristal no início de uma tarde – no ano de 2003, essa data não é explicitada no livro, todavia, no final do enredo, o marido da protagonista, Thiago, conta a ela sobre a invasão dos EUA ao Iraque por ordem de Bush, sugerindo a época em que a história se passa. No outro dia, ainda de madrugada, na volta para Goiânia, depois de uma noite mal dormida misturada à pressa de chegar à sua casa, tomba seu veículo.

No tempo da memória, não há como mensurar. Aninha está “presa no vácuo do tempo” (BARROS, 2014, p. 29) e sob “A inércia do ar [que] reflete a iminência de uma grande catástrofe.” (BARROS, 2014, p. 204). Dentro do veículo pendurado no barranco, a narradora protagonista volta no tempo: primeiro, ao dia anterior em que houve o diálogo com Dorina; depois, na fazenda e no que restou da Casa do avô; e para finalizar, na visita à tia Laura a fim de ouvir uma possível retratação, porém, o principal, certamente, seria questioná-la sobre o motivo de ter escrito o bilhete anônimo. Ana Vitória revisita toda sua trajetória vivida, desde o nascimento até o momento presente, na tentativa de unir as pontas da vida, como Bento Santiago – narrador-protagonista de *Dom Casmurro*. Do mesmo modo, outra similitude machadiana é em relação a Brás Cubas por narrar seu percurso existencial.

De acordo com Reuter (2002, p. 154), “[t]odo discurso, todo texto e toda narrativa remetem ao mundo”. Para que haja semelhanças com a realidade, existem procedimentos, e um deles é “especificar o espaço-tempo da narrativa”. Para isso, aponta quatro técnicas: “Multiplicação de indicações espaço-temporais”; “Embaralhamento entre a história de um romance e a História da Humanidade”; “Remissão ao passado das personagens (lembranças, hereditariedade, acontecimentos anteriores) e ao seu futuro mais ou menos previsível para fortalecer a ideia de que o romance é o corte numa história que começou antes (daí as entradas *in media res*) e que continuará depois”; “Presença de personagens e cenas típicas” (REUTER, 2002, p. 161 e 162) que podem ser encaradas

como algo secundário ou irrelevante, por se tratar de uma coisa trivial, mas que confere toda uma autenticidade à história, como casamentos, batizados, velórios etc.

Na obra-*corpus*, encontram-se todas elas. Começando pela terceira que é a dominante, há a entrada *in media res*: da página 11 a 29, a narração começa num passado recente com Ana Vitória em um entroncamento – sugestivamente, lugar de tomada de decisão. Sabe que deve seguir pela direita que vai para capital. Ao escolher a estrada da esquerda, no fim da tarde, chega à fazenda da tia Laura, o clima está frio, a tarde está quieta. Há muitos trechos seguidos que podem ser entendidos como indícios de mau agouro: “espaços azul-acinzentados”, “sol escorregadio”, “No poente, a ausência de vento aquieta umas poucas nuvens avermelhadas.” (BARROS, 2014, p. 11). A sensação é de que o tempo está parado. A casa de Laura é ampla, muito limpa e organizada, há poucos móveis em todos os cômodos, está toda aberta e iluminada.

Com um espírito muito abalado, Ana Vitória presumia encontrar uma mansão decadente com aspecto de ruína, a modelo da parenta anciã. No jardim, a narradora já se sobressalta: grama aparada e antena parabólica, a sala principal continua a mesma, mas agora, surpreendentemente, com um computador. Havia dois corredores, muitos quartos e todos com porta aberta, ressaltando suntuosidade, mas também solidão. A cozinha, da mesma forma, espaçosa, arrumada, quase sem mobília e um fogão a lenha aceso onde está o jantar: uma sopa aguada. É ali que decorre todo o diálogo entre as duas. Quando terminam, na fornalha, só havia cinzas, estava mais frio e o corpo da narradora já doía pelas longas horas sentada, demonstrando o quanto foi longa a conversa.

Há o primeiro flashback feito pela anciã e, por meio deste, Laura tece uma defesa antes que houvesse qualquer acusação, revelando como nasceu a paixão pelo cunhado que resultou na traição: um caso que durou 03 anos, 11 meses e alguns dias. Este foi o motivo que desencadeou tantos infortúnios, mas, em se tratando de um sentimento arrebatador, deveria ser compreendido pela sobrinha.

Segundo Susan Sontag (1986), no espaço, é possível que o ser se transforme em outro, uma pessoa diferente, ainda acrescenta a gama de escolhas que ele propicia: “O espaço [...] é amplo, fértil de possibilidades, posições, interseções, passagens, desvios, conversões, becos sem saída, ruas de mão única”. (SONTAG, 1986, p. 90). Rever uma propriedade bem cuidada que, na imaginação, não passava de um mausoléu abandonado, desestabilizou mais Ana Vitória. Pode-se acrescentar o mesmo tipo de interpretação em relação ao momento de fala: noite fria, silenciosa e solitária, ou seja, ambiente propício a

um diálogo sem interrupções e completo, de acordo com a intenção de ambas. Um tempo que, na mitologia grega, tem o significado de *kairós*: “momento oportuno, ocasião certa, oportunidade; [...] Kairós se refere a uma experiência temporal, na qual percebemos o momento oportuno em relação a determinado objeto, processo ou contexto.” (ARANTES, 2015, p. 4)¹⁵

É preciso dar atenção ao *flashforward* no começo das memórias: “Meu medo era de estar sendo sequestrada pelas mãos ossudas de meus antepassados, mortos, que por uma razão ou outra, relutavam em descer ao sepulcro.” (BARROS, 2014, p. 28). A narradora afirma que os acontecidos do dia anterior são “abutres”, lembra-se da advertência de Dorina em não ir à fazenda e, antes de voltar-se para lembranças, afirma estar em situação-limite.

Na verdade, tem-se a insinuação de que grande reviravolta acontecerá: “Não me considero um bom achado, mas se me querem de volta aí vou eu.” (BARROS, 2014, p. 28). O que pode ser intrigante para o leitor é que, misturadas às reminiscências recentes, há antigas e imaginadas e ainda reflexões sobre a complexidade do tempo: “No vazio do momento paralisado, ouço o tempo com seu ruído surdo, asmático. [...] Inserida nesse tempo ausência, vou me tornando remota, distante, [...]. Sou o vácuo, a ausência.” (BARROS, 2014, p. 29). Comte-Sponville (2016, p. 90), em sua terceira tese, defende que o tempo é o ser. Nada existe, a não ser o sujeito que se modifica, perdura, nada existiria a não ser o devir. Essas divagações de natureza memorialística conferem certo grau de literariedade que tanto podem tornar o texto passível de encantamento, como provocar desorientação.

O romance não é dividido em capítulos, há apenas espaços duplos que ora separam momentos um pouco distintos, ora dividem situações, tempos e espaços bem diferentes. Com esses dizeres: “Para tentar entender minha *situação limite*, volto ao dia anterior, remoendo cada detalhe.” (BARROS, 2014, p. 29, grifo nosso), e mais a referência ao tempo parado, tem-se mais um indício de uma possível derrocada. Logo abaixo, há um espaço duplo e Aninha começa a contar como foi a chegada às ruínas da Vilinha, no dia anterior, entremeando com reminiscências e divagações. Quando o leitor chega ao fim da página 203, a narradora retoma o instante do acidente automobilístico, e novamente, fala sobre a “inércia do ar e a iminência de uma grande catástrofe.”

¹⁵ ARANTES, Paulo Correia. *Crónos e Kairos*. Revista Pandora Brasil - Nº 69 - Dezembro de 2015 - ISSN 2175-3318.

(BARROS, 2014, p. 204). Assim narrada, a história leva o leitor a crer, *a priori* e principalmente, numa morte física e pensar que a história toda é contada por um espectro ou não compreender, de fato, como a trama foi tecida. A partir dessa análise, é interessante voltar a Reuter para compreender que

Esses jogos com a ordem têm, portanto, múltiplas funções: “mimar” um percurso psicológico ou as formas de memorização, contestar a objetividade do realismo e da cronologia do romance clássico (ver o *Nouveau Roman*), aumentar a angústia no leitor, revelando-lhe por antecipação um momento posterior inquietante, excitar sua curiosidade, dissimulando-lhe acontecimentos anteriores... (2002, p. 95; 96)

Halbwachs (2003, p. 53) assevera que “a condição necessária para voltarmos a pensar em algo aparentemente é uma sequência de percepções pelas quais só podemos passar de novo refazendo o mesmo caminho, de modo a estar outra vez diante das mesmas casas,...”. Ninguém seria capaz de convencer Aninha a não revisitar o lugar onde nasceu e cresceu, a necessidade de reencontrar-se, reafirmar-se é algo comum de se encontrar no ser humano. O ponto duplo de chegada – à maturidade e à terceira idade – proporcionou a motivação para que Ana Vitória reconstruísse, narrativamente, a memória de sua família. Esse aspecto justifica a narrativa mnemônica: a preservação da memória humana, que é efêmera. Considerações mais aprofundadas sobre memória estão na última parte deste trabalho.

Retornando ao intento deste subcapítulo, é preciso atentar aos espaços. Para tanto, são necessárias as ponderações de Gaston Bachelard (2008). Este afirma que as reminiscências de casas pretéritas fazem ressurgir devaneios que se tornam imperecíveis para as pessoas. Em *Mesa dos inocentes*, da página 29 a 183, Aninha rememora sua passagem inteira pela vida, mais que isso, conta episódios que envolvem toda sua família – evidentemente por ter ouvido deles com acréscimo de sua imaginação fértil. Num redemoinho de imagens, narra o momento em que veio ao mundo para, logo em seguida, empreender em relatos típicos da narrativa memorialística.

São nessas páginas que ela relembra o discurso com o cônjuge e descreve o espaço urbano em que reside – um apartamento num “prédio bonito, em um bairro classificado de nobre pela esperteza dos corretores,...” (BARROS, 2014, p. 43). Na metrópole agitada, Ana e o marido possuem uma empresa de ônibus: “A Viação Pé no Freio anda muito bem...” (BARROS, 2014, p. 42), herdada dos pais de Thiago. Em

relação à cidade interiorana, guardando semelhança com a realidade da escritora, Cristal – uma urbe tão pequena como Caçu – fica a quatro horas da capital.

Para Bachelard (2008, p. 200), “a casa é nosso canto no mundo... nosso primeiro universo...”. Na primeira personificação da Casa – sempre com inicial maiúscula – Aninha personifica-a dizendo que ela a “espreita entre robustas moitas de pragas, vai erguendo a cabeça. Devagar...” (BARROS, 2014, p. 31). A sede mostra-se imponente: “O poder da Casa, Casa que é corpo e alma. Esteio e aconchego em noites de trovoadas. A Casa Fênix.” (BARROS, 2014, p. 34).

Pesquisas históricas de Mircea Eliade (2016) sobre o sagrado e o profano revelam que a edificação de uma casa pode ter dois significados: o primeiro é que se trata apenas de um prédio para se habitar. O segundo – aqui interessa em função da importância da Casa dos Gonzagas – está no fato desse espaço se tornar sagrado. “Instalar-se num território, construir uma morada pede, conforme vimos, uma decisão vital, tanto para a comunidade como para o indivíduo”. Desse modo, “a habitação é sempre santificada, pois constitui uma *imago mundi*, e o mundo é uma criação divina” (ELIADE, 1992, p. 31). Isto posto, refere-se a pessoas com fortes sentimentos de religiosidade.

A seguir, o romance *Mesa dos inocentes* principia a descrição da Casa do passado, construída na primeira metade do século XX: tinha o telhado vermelho vivo, duas cozinhas separadas por um enorme pátio e, no meio deste, foi construída uma cisterna; pouco à frente, havia uma grande escada que levava para os demais cômodos. A Casa era sede da fazenda São Tomás: parada de cortejos fúnebres, uma vez que o cemitério ficava a alguns quilômetros e ali havia capela e boa recepção. Teve ampla importância não só para história de Cristal, mas também para todos familiares e demais moradores da redondeza. Na frente dela, havia um bosque com diversas árvores frondosas. Também havia uma cruz e uma estaca com cabeça de vaca e grandes chifres, pois assim pretendia-se evitar o mau-olhado.

No quintal gigantesco, o pomar e, logo abaixo, ficava o rio Cristal, espaço de grande relevância neste livro, pois os elementos água/rio têm uma carga simbólica muito forte tanto no sentido positivo quanto negativo. Na primeira parte da história, ao chegar à casa de Laura, Aninha diz sentir “no peito inquieto a acidez de água paralisada” (BARROS, 2014, p. 12), e a sopa que a tia toma é “aguada”, despertando asco. Nas memórias de Laura, ela confidencia que tentou suicídio, do mesmo jeito que a filha fizera. A idosa diz que o rio provocou a ferida e ele devia curá-la, porém se recusou, numa

personificação que coaduna com a simbologia atribuída à água, encontrada no dicionário de símbolos, adiante descrita.

A anciã, durante seu período de luto e isolamento, mantinha diálogo apenas com o rio Cristal. Ali buscava respostas para suas angústias, ele não “deu” conselhos, mas lhe “solicitou” tempo; depois “mostrou-lhe” um postulado incontestável: “Todo rio tem seu leito, suas margens, seu limite, toda vez que ele avança além do seu leito original provoca estragos, descabros. O rio de nossa vida não é diferente. Ele também está sujeito a limitações intransponíveis”. (BARROS, 2014, p. 23). Essa reflexão representa bem a consequência que o adultério provocou na vida dela. Por fim, encerrando suas contemplações, Laura metaforiza a movimentação do pensamento, comparando-o à instabilidade das águas: ora tranquilas, ora agitadas. Nas lembranças da narradora, mais uma vez, encontra-se símile feita entre o rio e seus limites quando fala da moderação de sua mãe, firme em sua condição de mulher submissa: “Segura de seus limites como um rio bem ajustado às margens, mãe desconhecia o problema...” (BARROS, 2014, p. 85).

Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1989, p. 15), a água pode representar: “fonte de vida, meio de purificação” e “centro de regenerescência”. As águas estampam sempre um caráter cambiante, oferecem infinitas possibilidades, como esperança de desenvolvimento, “mas também todas as ameaças de reabsorção” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 15). Há referência ao mergulhar, significando renovação ou até renascimento, como nos rituais de batismo, da mesma forma que existe o mergulho para a morte. Mais uma característica da água é ser livre, percorrer os declives. Também sabe contornar obstáculos, todavia para isso, deve ser submissa a eles e, como solvente, exige medida certa para dissoluções. Mais um ponto que corrobora com a reflexão que Laura faz quando compara o rio em seu leito e a vida. “A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 16).

Dessa forma, a narradora Ana Vitória mostra as águas do rio Cristal – fonte de prazer e, ao mesmo tempo, espaço de morte – considerado um traidor porque as primas sabiam respeitá-lo, ainda assim levou Tomázia, num gesto de covardia de acordo com a visão de Aninha: “Não, o rio não, era perigoso demais, sua sede de vida era muito superior ao respeito que ele conseguia impor. Mesmo porque sabia dissimular. Ninguém, como eu, temia o poder de sedução das águas do Cristal” (BARROS, 2014, p. 153). Assim como a água, o rio é outro elemento carregado de simbologia: “O curso das águas é a corrente

da vida e da morte. Em relação ao rio, pode-se considerar: a descida da corrente em direção ao oceano, o remontar do curso das águas, ou a travessia de uma margem à outra”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 780). É válido reforçar que o romance contempla uma dupla travessia: Aninha menina para adolescente/adulta, Ana Vitória adulta/idosa insegura em busca de uma mulher confiante em si mesma.

O rio Cristal era de grande extensão, consistindo em perigo para as crianças banharem nele sem a vigilância de um adulto. Numa espécie de desafio aos meninos, Aninha e Tomázia desobedeciam à restrição: “Território proibido, o Rio Cristal nos fascinava. Nunca aprendemos a obedecer à ordem de só mergulhar na companhia de adultos” (BARROS, 2014, p. 154). Houve presságios de que algo daria errado. No dia fatídico do suicídio, a procura pela moça aconteceu em muitas direções, mas foi no rio que se concentraram. Aninha sonhou que brincavam deitadas na margem batendo forte na água, depois quieta, percebe que Tomázia não estava mais lá, a água a puxara para o fundo escuro do rio.

Cabe nessa parte analisada mencionar a teoria de Yi-Fu Tuan (1980, p. 107) sobre o sentimento de topofilia, considerado um neologismo que, no sentido amplo, inclui: “... todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.” Entretanto, em se tratando da dubiedade do rio, é adequado considerar que a “topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”. (TUAN, 1980, p. 107), especificamente, pelas emoções boas e ruins que ficaram em Aninha e por toda a simbologia incorporada ao rio.

Ainda com Chevalier e Gheerbrant (1989), água está ligada às “energias inconscientes”, às virtudes amorfas do espírito e ainda às causas esconsas e sem conhecimento da pessoa, enfim, é um elemento cambiante. No romance em análise, essa ambivalência não aparece somente ao se referir ao rio: havia um rego na Vilinha São Tomás que ora beneficiava, ora causava intriga. Abastecia praticamente a todos os moradores, contrariando hábitos higiênicos, já que animais saciavam a sede nele. Num flash humorístico, a narradora leu em romances europeus sobre a existência de água-furtada, expressão que lhe chamou atenção porque a única coisa de que se lembrava é que, vez ou outra, os vizinhos com suas pendengas boicotavam a água do rego, deixando o outro sem abastecimento de maneira inesperada:

Foi usado ainda como instrumento de vingança entre vizinhos arrelentos. A maior desforra era roubar ao desafeto o precário condutor – bica ou bambu que transportava a água do rego até o quintal. A família acordava, saía pro terreiro e ficava ali abobalhada, com os olhos remelentos, sem meios de se lavar. (BARROS, 2014, p. 77)

Avançando em descrições relevantes, é imprescindível conhecer as origens da Vilinha São Tomás/Cristal. Ulterior algum tempo em que os avós pioneiros já estavam instalados ali, muitas pessoas começaram a frequentar a sede, como se fosse um espaço comunitário e público. O casal Gonzaga era hospitaleiro e generoso. Contudo, a matriarca Ana Vitória¹⁶ cansou-se da condição de que sua Casa se tornou. Eram muitos casamentos e batizados regados a longas festividades até chegar ao ponto de esgotar suas forças, pois sendo os padrinhos, tanto de noivos como de recém-nascidos, afilhados a perder de vista, sentiam-se na obrigação não só de financiar toda festa, como também de hospedar diversos convidados. Mesmo nos padrões de uma mansão, a Casa não tinha infraestrutura para acomodar dezenas de pessoas ao mesmo tempo, então a desordem instalava-se.

Cansou de tropeçar em colchões espalhados pelo terreiro, do odor de dejetos emporcalhando o ar. Não havia penicos suficientes para tantas bundas; assim, homens eram vistos arriando as calças detrás de qualquer arbusto ralo. Enjouu também de assar leitões, fazer brevidade para agradar ao paladar refinado de padre Firmino. (BARROS, 2014, p. 74)

Assim, com o aval do marido, ela cede parte das terras para a construção do arraial ou Vilinha, a começar pela igreja matriz com torre e beiral duplo, em frente a uma praça onde aconteciam as festas religiosas. Uma prática comum eram grandes latifundiários – os chamados coronéis – doarem parte de suas terras para fundação de municípios, quase sempre, com a construção de uma capela. De maneira parecida, aconteceu na origem de Caçu¹⁷.

¹⁶ Avó da narradora também se chamava Ana Vitória. Havia muitas Anas. É um costume tradicional a repetição de nomes em grandes famílias. Em se tratando de Ana há mais um motivo especial: há crenças de que foi o nome da avó de Jesus Cristo.

¹⁷ No ano de 1894, Manoel José de Castro, ou Neca Borges, deixou o município de Rio Verde e se mudou para os sertões de Caçu, acompanhado pela esposa, Ana Custódia de Jesus, e família (avós de Adeline da Silveira Barros).

A primeira medida concreta da fundação de Caçu foi do padre Brom, que tomou a primeira providência, visando à criação do Patrimônio da Igreja Católica, para a construção de uma capela na região. Formado o Patrimônio do Sagrado Coração de Jesus do Rio Claro, foram tomadas as primeiras providências para a construção da capela. Enquanto se construía a capela, em 1920, foram surgindo as primeiras habitações em seu entorno, dando forma ao povoado que, por muitos anos, foi conhecido como Água Fria.

Existe uma forte religiosidade em muitas personagens do romance. Assim, é pertinente retornar às investigações de Eliade a fim de justificar a decisão da matriarca. O cientista das religiões pontua que o espaço para o homem religioso não é semelhante, existem lugares de qualidade diferente que outros: “Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos”. (ELIADE, 1992, p. 17)

É essencial ao homem consagrar um lugar a fim de ali construir um cosmo organizado, caso contrário sentir-se-á perdido no caos. Ainda na perspectiva de Eliade (1992), a casa pode ser considerada um reduto sagrado, pois reflete o centro do mundo. Entretanto, na Casa dos Gonzagas, esse sagrado misturava-se ao profano devido às proporções que tomou. Dessa maneira, a consagração foi feita com a construção de uma igreja, simbolizando o *axis* mundo, o eixo do mundo, e dali a força divina se espalharia pela cidade. Por mais que aparecesse possibilidade de desordem pelas redondezas – venda (mercado de variedades) ou prostíbulo –, a ocorrência de um templo aplainaria problemas carnisais. “Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários”. (ELIADE, 1992, p. 34).

Em uma passagem do romance, fala-se sobre o surgimento da “zona” que a narradora afirma ter nascido “por si mesma, para alegria dos solteiros e desespero dos casados”. (BARROS, 2014, p. 76). Aliás, Ana Vitória-avó, mesmo conservadora, não se incomodou posto que via utilidade para o local. Sobre esse assunto, Margareth Rago (1985) enumera achados peculiares a respeito da prática da prostituição, sob diferentes óticas. Ao apontar pesquisas médicas sanitárias no final do século XIX e princípio do XX, explicita considerações de alguns profissionais: prostitutas eram problemas os quais cabiam ao Estado resolver, pois eram vistas como miseráveis, perdidas na vida.

O médico Simões da Silva faz uma afirmação que é bem semelhante ao pensamento da personagem matriarca de Adelice: “a prostituição numa cidade, numa vila, qualquer lugar de movimento, é uma necessidade vital, torna-se uma válvula de segurança, com especialidade, coibindo vícios no elemento púbere varonil e mantendo um certo e determinado equilíbrio na ação popular da localidade”. (RAGO, 1985, p. 87).

Na visão dos anarquistas, era “um mal necessário” porque mantinha a sobrevivência da família burguesa: a moça abastada devia permanecer virgem, às casadas impingiam várias “interdições sexuais”, além de haver os inúmeros casamentos arranjados, o que levava a deduzir que práticas sexuais eram escassas.

A Vilinha torna-se a cidade chamada de Cristal. Esse nome foi escolhido em homenagem ao rio que a margeava, no interior do Centro Oeste goiano. Uma escolha deveras sugestiva, de acordo com o dicionário de símbolo, porque alude a um composto químico que se assemelha a um embrião, é imaturo – embora existam variados tipos – “o cristal não passa de um diamante insuficientemente *amadurecido*”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 303, grifo dos autores). Como a água, o mineral carrega traços ambivalentes: embora seja sólido – algo concreto –, permite que se enxergue através dele – o abstrato – ficando, por isso, num plano intermediário. Ana Vitória assume, por mais de uma vez, que se sentia uma pessoa imatura – talvez essa seja a maior justificativa para a condição de inocente –, lembrando que, só depois de passar por toda peripécia em Cristal, é que aprendeu a “domesticar a selvageria do silêncio”. (BARROS, 2014, p. 206)

A natureza sugestiva do cristal está numa interpretação do conto maravilhoso *Gracieuse et Percinet*, de Charles Perrault. Socorrida por Percinet, Gracieuse é levada ao palácio transparente, em suas paredes está gravada toda a trajetória de vida da moça. Assim a simbologia do cristal remete ao inconsciente da pessoa, no qual há as imagens de sua vida. A analogia pode ser feita com a história de Ana Vitória, que é desnudada ao leitor depois que ela se encontra em Cristal. Aninha pôde enxergar aquilo que foi e juntar com o que ela se tornou e, dessa junção, surgiu uma nova pessoa.

A primeira residência de Aninha ficava na quarta posição em relação à Casa, na época em que ainda era Vilinha. Residência simples com assoalho de tábuas rústicas, paredes de um azul desbotado, havia margaridas brancas na janela. Sua mãe, Ana Cristina mantinha tudo limpo e em ordem. Ambiente aconchegante que, mais tarde, virou ponto de encontro de jovens: os filhos de Ana Cristina mais os amigos, Tomázia e Thiago. Todos os filhos do Gonzaga, após se casarem, moravam nas redondezas da Casa, havia também casa de empregados.

Contrastante era o colégio interno, comparado, por Ana Vitória, a uma prisão. Como a maioria das instituições de ensino vinculadas à igreja, era suntuoso, cercado por muros altos com cacos de vidro, havia salas de aula, de música, alojamentos, refeitório, capela, pátio para atividades recreativas. Voltando a Reuter (2002), quando ele menciona

sobre a “presença de personagens e cenas típicas”, é válido ressaltar que, nesse colégio, havia um bem cuidado jardim e um “jardineiro corcunda e meio torto..., velho e quase cego,...” (BARROS, 2014, p. 94). A obviedade das características é porque no local só viviam mulheres. Isso remete a dois clássicos *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, e *O corcunda de Notre Dame* (1831), de Victor Hugo. No romance romântico brasileiro, há o jardineiro Belchior com as mesmas características da personagem Adeliciana, que, por sua vez, é moldado às feições do sineiro da maior catedral de Paris, Quasímodo.

Na categoria “Embaralhamento entre a história de um romance e a História da Humanidade” (REUTER, 2002, p. 161; 162), Ana Vitória relata um fato histórico de relevância para a história política do Brasil: a Coluna Prestes. Ela conta ao marido, às vésperas da viagem, que a soldadesca passou pela fazenda e um de seus tios, então adolescente, acompanhou-a deixando todos preocupados. Assim, tem-se a indicação temporal da época em que os avós ainda eram jovens adultos.

No fim da década de 1950 e início de 1960, Ana Vitória e Tomázia, adolescentes, viviam o fascínio e a inconstância dessa fase. O lado eufórico era motivado pelo encanto por rapazes, mundo da moda e todas as suas nuances, desde as vestimentas até as artes, como o cinema e o *rock in rol*. Nesse cenário, um espaço que ganha relevância é em lago que ficava perto da Vilinha. A narradora chama-o de “laguinho de merda empestado de jacarés e sucuris.” (BARROS, 2014, p. 99), porém é o ponto de encontro de toda garotada; única “praça” disponível a oferecer um pouco de diversão para os jovens. Foi ali que o namoro de Tomázia e Thiago concretizou-se. Nesse tempo distante, Aninha cita outros espaços, mas sem relevância, como a Fazenda Barracão dos pais de Thiago, que moravam em Marília-SP, todavia nas férias vinham para Goiás.

Finalizando essa parte do passado, já residindo em Goiânia, Ana Vitória fala de si entrando na fase adulta no fim dos anos de 1960. Então, ela situa a história na época marcada pela “moda unissex”,... “rebelião, contravenção pacífica” (BARROS, 2014, p. 177) e o grande movimento social de luta pela “liberdade, igualdade de direitos para homens e mulheres” (BARROS, 2014, p. 177), do qual se orgulhava de ter participado. A narradora conta sobre o segundo casamento de sua prima Ana Júlia com Marcel. Logo em seguida, encerra com seu tio materno Ângelo Antônio na velhice e sua ida à Perdinópolis, cidade vizinha à Cristal, para um velório de uma desconhecida. Depois reconhece ser dona Prudenciana, ou dona Chana, que no passado era simplesmente

Chaninha, a prostituta que tentou suicídio no dia do casamento dele com a lavadeira Eugênia.

Regressando ao presente, princípio do século XXI, Ana Vitória narra sua chegada à Cristal, está no prelúdio da tarde posto que, após a parte mais difícil da conversa, convida Dorina para tomar uma cerveja e fala do espanto do rapazinho que atende: “Duas mulheres – uma com aparência corretíssima [Dorina], a outra de mais ou menos [Ana Vitória] – tomando cerveja no *meio da tarde*?” (BARROS, 2014, p. 201, grifo nosso). O diálogo aconteceu na lanchonete *Pãoquentim*, em frente ao Fórum. Cristal está mudada, houve progressos – barragem e hidrelétrica em construção, existem duas faculdades –, todavia, o centro continua como no passado, as ruas são apertadas e com calçamento de pedras. A lanchonete fica num bairro afastado de nível mais alto, a avenida é ampla, com asfaltamento e canteiro central. É um lugar desconhecido para Aninha porque era no centro que ela diz ter cansado “de pisar com o passo firme de quem pensa que sabe o caminho” (BARROS, 2014, p. 183). Ela achava que sabia cada caminho que devia seguir, desde pequena, exteriorizando certo sentimento de onipotência, estava enganada.

Para frisar a dimensão espacial, é apropriado recorrer a Maurice Halbwachs (2003, p. 170) já que ele aborda variadas nuances sobre a memória. O teórico sintetiza que

não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, [...] – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça.

“Voltar atenção” para certas lembranças, certamente, exige alguma preparação. Viver no presente também não é renunciar o futuro. Comte-Sponville (2016) destaca que a sabedoria, a prudência, a imaginação e a vontade são básicas para fazer o aqui e o agora. Adolfo Frota (2013, p. 12) aborda “a maneira subjetiva de construção do espaço”, por isso a valoração que este adquire depende do estado de espírito da personagem. Com o passar do tempo, os sentimentos podem mudar em relação ao lugar onde se viveu, tanto podem acabar quanto se intensificar, principalmente, devido a acontecimentos marcantes

como, por exemplo, aqueles que resultam em consequências funestas – no caso de Aninha, a morte prematura de Tomázia por suicídio.

Da página 183 a 203, Ana Vitória e Dorina falam do bilhete – está transcrito no terceiro capítulo. Esta pede à narradora para contar como se deu o início do relacionamento com Thiago, dada a enorme coincidência da união dos dois. Assim, ela o faz, novamente lembrando os tempos da juventude. No fim da página 203, é retomada a sequência narrativa interrompida na página 27, ou seja, pouco tempo depois que Aninha sai da casa de Laura. Ao dizer que o carro e ela estão suspensos num barranco, é possível uma análise metafórica a respeito dessa posição que pode ser considerada crucial porque significa um momento de transformação.

Houve um capotamento que pode simbolizar a reviravolta ocorrida na vida de Ana Vitória pós-visita ao passado e à Cristal. Guinada almejada desde o início, uma vez que ela estava em busca de respostas para juntar as pontas de sua vivência, porém do jeito que se encontra, está impossibilitada. Se se acreditar numa morte física, ela falhou, como Bento Santiago, de *Dom Casmurro*. Entretanto, se for simbólica, ela triunfou, pois, ao se reerguer, poderá seguir em frente tendo a certeza de que em todas as ocasiões em que fora expulsa – algo que muito a incomodava – era duplamente inocente posto que, mesmo sendo ingênua, não cometera ato ilegal, nem no episódio da mesa e, muito menos, casando-se com Thiago.

Adelice contou que há leitores crentes na possibilidade da morte metafórica: quem morreu foi aquela Aninha insegura, porque dali em diante conseguiria acalmar o silêncio que teimava em persegui-la. Tese que ela mesma prefere acreditar porque afirmou ter sentido pesar ao perceber que poderia ser a morte física. O adjetivo inocente – utilizado cerca de dezesseis vezes no romance – encaixa-se bem ao analisar a trama desse romance: a escritora elaborou uma obra com final em aberto nos moldes do romance contemporâneo. Aqui cabe buscar a metáfora do bosque que representa a narrativa, feita por Eco (1994), nele existem diversos caminhos, pelos quais o leitor é quem decide por onde trilhar.

Em diversas obras, Adelice demonstra a força que o tempo tem sobre todas as coisas, por isso incomoda. Oliveira e Santos (2001, p. 54) mencionam a mitologia grega para ilustrar a voracidade a que todos estão sujeitos: “[Cronos]Truculento, usurpador [...], é agente de destruição e ruína”. Cogitando a história do tempo, os teóricos referidos apontam para a contemporaneidade e a rejeição da “linearidade homogênea e vazia” dado

que “ritmo e acaso se cruzam, se interligam e se tensionam” (OLIVEIRA e SANTOS, 2001, p. 56), considerando polaridades de arranjos no paralelismo celeridade e calma, por exemplo. Ilustrando, aparecem lado a lado a pressa de Ana Vitória em compreender o que ela foi e no que poderia se transformar (ressignificação identitária), e a paciência diligente de Laura na espera da sobrinha para uma retratação que, possivelmente, proporcionaria também o recomeço de uma nova etapa (ressignificação da identidade).

2.4 Quem conta e participa da história ao mesmo tempo

No processo narrativo, Ana Vitória vai desenrolando os episódios sem uma sequenciação bem definida; porém, há momentos em que ela mostra cenas dando espaço para outras personagens contarem sua história como no caso de Laura com seu discurso bem articulado. Quanto às falas de outras personagens, a narradora faz uso do discurso direto, sempre sem nenhuma marcação clássica como travessão ou aspas, a exemplo de muitos textos da contemporaneidade.

Quando o assunto é o ato de narrar, é preciso considerar a possibilidade de desdobramento do narrador. De acordo com Ducrot e Todorov (1972, p. 294), “basta que o sujeito da enunciação seja ele mesmo enunciado para que, atrás dele, surja um novo sujeito da enunciação”. Assim, surge a figura do autor-implícito que não pode ser confundido com o real; o implícito é mais um modo de arranjo narrativo, um sujeito feito de linguagem que, em *Mesa dos Inocentes* (2014), não tem nenhuma pessoa interposta no universo representado, por isso está fundido à narradora Ana Vitória. Autor implicado seria uma espécie de liquefação de equívocos como “biografismos” e “formalismo imanente”. Primeiramente, porque é comum haver a confusão entre autor e narrador; em segundo lugar, porque se desconsidera que a forma como o texto é construído também faz parte de uma escolha autoral. Por outro lado, o leitor implicado, no máximo, é o encarregado de uma sistematização “global da narrativa” auxiliando o leitor na compreensão total da narrativa. Sendo, por esse motivo, impossível de existir quando se tem uma narração autodiegética, remetendo a Genette (1983), obviamente pelo motivo de se atribuir somente ao narrador-personagem o trabalho de construção de sua história.

Entrementes, vem a calhar a discussão proposta por Oliveira e Santos (2001) quando sustentam a problemática envolvendo o narrador e seu modo de contar. A instância narrativa da protagonista converge vários pontos diferentes, incluindo as vozes

das demais personagens, assim é que se instala a ilusão da incoerência – isto quando o vocabulário de alguns soa artificial – porque os discursos são idealizados: “Não são estáveis nem o que é dito, nem aquele que diz: a subjetividade é uma forma de imaginação”. (OLIVEIRA e SANTOS, 2001, p. 10)

Ainda com esses teóricos, é importante continuar a falar sobre desdobramentos, todavia, sob outro olhar que é narrar-se. Na parte que tratam desse assunto, utilizam um trecho da obra *Dom Casmurro* para exemplificar a estratégia da “multiplicação dos sujeitos ficcionais.” (OLIVEIRA e SANTOS, 2001, p. 17). Ao falar de si mesmo, Bentinho se torna, ao mesmo tempo, sujeito da enunciação e do enunciado. Coincidentemente, a autora Adeline utiliza como epígrafe, em *Mesa dos Inocentes*, um trecho do mesmo romance machadiano: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. [...]” (ASSIS, 1962, p. 25). Ocorre o mesmo processo de desdobramento no romance enfocado: “Chego, sabendo de meu despreparo. Desconfiada, relanceio meu olhar pelos arredores da casa, vendo o longe e o perto”. (BARROS, 2014, p. 11). Ana Vitória se põe nos dois lados da história, há um mesmo “eu”: o que narra e o que é narrado, numa bipartição de personagens.

Nesse ínterim, é notória a variação de vozes no processo narrativo, em momentos distintos. Na citação acima do romance, tem-se Ana no presente revelando sua imaturidade logo que chega à casa da tia Laura. Apoiando-se na memória, faz a mesma coisa em muitos outros pontos da narrativa, porém não só se refere a si, como a outras personagens que fizeram parte de sua vida, numa multiplicação de perspectivas, ora emotiva e saudosa, ora sarcástica e bem humorada: “Mãe me abraça com força, dando tapinhas de consolo em minhas costas, sacudidas por soluços secos, dizendo que não tinha sido falta tão grave assim” (BARROS, 2014, p. 52) e “Tá faltando coisa para muita gente... meu irmão não tem desconfiômetro, meu avô não tem mais os dentes. Dizem que o prefeito de Cristal não tem vergonha na cara...” (BARROS, 2014, p. 69).

Quem narra pode “assumir sete funções complementares e intercombináveis” (REUTER, 2002, p. 64). Quando conta sua história, Ana Vitória imputa-se, praticamente, todas elas. A primeira é a comunicativa em que há contato com o narratário: “Bem, a confusão que viria daí vocês podem imaginar”. (BARROS, 2014, p. 96). Não é um recurso muito comum nesse romance, porém, em outros textos, Adeline o utiliza mais vezes. A segunda função, metanarrativa, é quando a narradora comenta o texto, contribuindo para a organização interna, não aparece muito no romance analisado. Na

função testemunhal, a terceira, existe declaração, uma certeza ou distância dos eventos narrados: “... não podemos ignorar a complexidade movediça da realidade à qual todos nós estamos sujeitos”. (BARROS, 2014, p. 28)

A quarta função – modalizadora – sentimentos, emoções do narrador são explicitadas. Pode-se afirmar que essa função é um ponto forte de Ana Vitória. Em entrevista à pesquisadora, no início de 2020, Adelize afirma que é muito emotiva, problemas sociais muito a atingem e, por isso, sente enorme necessidade de escrever. Nesse aspecto, criatura e criador se parecem: “Transportada para a imensidão do cosmos, eu, um pontinho minúsculo, assim como o cocô de uma pulga sendo covardemente levado pela força descomunal que move o universo. Um torvelinho de sons, gritos, dores, pensamentos. Não sou nada.” (BARROS, 2014, p. 83). Nessa passagem, desponta uma recorrência nas obras de Adelize: o pensamento, que, às vezes, perturba o ser humano porque revela a sua pequenez diante a grandeza e a diversidade do mundo e, mesmo assim, as pessoas têm que se encaixar em paradigmas ditados pela sociedade.

Outra recorrente é a quinta função, avaliativa, pois se trata de expressar valores, julgamentos sobre diversos fatores, desde a própria história a personagens ou situações externas. É uma escolha muito utilizada pela autora, não nesse livro, especificamente; mas, em muitas outras obras, ela encontra um fio a ser puxado para a crítica: “As escolas do governo tão caindo aos pedaços; professores, gente de muito estudo, ganham uma merreca de salário. Para onde vai o dinheiro dos impostos, hein?” (BARROS, 2014, p. 45). A crítica à omissão que provoca desigualdades é inerente à escrita dela.

Adelize faz inúmeras pesquisas, principalmente, históricas para inserir em seus romances. Assim, ela faz uso da sexta função do narrador – explicativa – para inserir informações que auxiliam na compreensão e análise do texto. Um exemplo é a chegada da família real no Brasil. Ela o faz para justificar o título de coronel que o avô recebeu, relata que fora consequência de uma jogada política do monarca D. João VI para angariar fundos a fim de sustentar uma numerosa corte ociosa:

Como tudo aqui é meio absurdo, principalmente nossa História, o mais certo é que a tal honraria faça parte do pacote de costumes antigos, inaugurados por D. João VI à época de sua estapafúrdia chegada ao Brasil. Aberrações é o que a História do Brasil mais oferece.

[...] O último recurso gelou o sangue dos nobres por nascimento: foi a distribuição indiscriminada de títulos e honrarias a qualquer caipira que dispusesse de algumas moedas debaixo do colchão. Caráter, origem, mestiçagem, tudo foi ignorado. De repente, sem essa nem aquela, o sujeito, um

pé rapado qualquer, dormia plebeu e acordava nobre. (BARROS, 2014, p. 59; 60)

A última função, generalizante ou ideológica, mostra a ligação do narrador com o mundo no momento em que ele cessa a narração e faz divagações ou ainda emite juízo de valores sobre as sociedades. Reiterando que essa é uma prática comum: “... não existe carrasco mais implacável que a própria consciência” (BARROS, 20014, p. 15). A autora faz questão de cutucar a consciência de seu leitor; no entanto, existe em alguns momentos, comichão para que não incorra no tédio: “... as únicas coisas que não faltam neste país absurdo é político safado e cerveja gelada; em qualquer fim de mundo, você encontra”. (BARROS, 20014, p. 201). Mais uma vez cabe citar Oliveira e Santos (2001, p. 15) para se considerar “o autor como um fato literário, um efeito do texto”. Aqui é enfatizado o estilo individual por se referir ao arranjo e à organização da linguagem. Adelice é um modo de escrita.

Dentre as formas de narrador: heterodiegético é feita por uma terceira pessoa; homodiegética – é feita por uma personagem que também participa da história; e autodiegética é feita pelo narrador protagonista. É preciso chamar atenção para a inexistência do “texto puro”, deixando claro que ora ou outra é perceptível a presença de ambos, pois não é praticável contação em tempo integral somente sobre si e nem o contrário. Destarte, no discurso, vê-se uma Aninha compenetrada em si, em seu lar de infância, perdida num passado já distante; então a narradora por meio de pronomes, advérbios e verbos ratificam a instância homodiegética da história, mostrando como ela fala de uma pessoa que desde pequena foi marcada pela mão impiedosa do destino: “Naquele dia, uma pedra atingiu o telhado de vidro de nossa casa, destroçando, por um bom tempo, nossa pacata vidinha e nos transformando para sempre em figuras de almas grotescamente remendadas; ...” (BARROS, 2014, p. 54).

Há três possibilidades de foco narrativo: visão de trás, visão com e visão de fora. Em *Mesa dos Inocentes*, a escolha é pela segunda, pois a história passa por Ana Vitória. Portanto, tem-se uma narradora autodiegética porque ela conta sua vida. Também a narração passa por outras personagens, no plano da realidade, como na conversação com o marido, Dorina, Nego da Rosa e Laura, a narradora dá espaço para que falem, isto é, há claramente a mistura de pontos de vista – por diversas vezes, ela age como testemunha que focaliza o outro. Reuter (2002) finda o tópico sobre a narração apontando mais um meio de se “provocar efeitos de sentido” no jogo narrativo, são dois níveis: as narrativas

encaixadas, aquelas que são entremeadas a uma principal para diferentes objetivos, como justificativas para inserção de novas histórias, entre outros. O segundo é a metalepse, uma forma de se unir, por vezes, humoristicamente o real e o fictício. Uma espécie de metalinguagem para dar mais veracidade ao que se está narrando.

No ensaio de Todorov, no livro que marcou a chegada da Escola Francesa – *Análise estrutural da narrativa* (2011) –, o teórico mostra formas diferentes de construção do enredo. Pode haver encadeamento, alternância e encaixamento. Em *Mesa dos Inocentes*, é marcante a intercalação de relatos no presente e no passado. No entanto, uma técnica muito utilizada é a das narrativas encaixadas: pequenos relatos são entremeados à estrutura central da história por motivos diferentes. Ana Vitória, em suas digressões, insere várias histórias a fim de justificar atitudes e argumentos. É o caso da chegada da personagem paranaense Virgílio, Mascate, sem sotaque sulista que demorou pouco para se instalar como genro de Tomás para demonstrar “o caráter caricato que muitas vezes essa família apresenta.” (XAVIER, 1998, p. 66). Essa é uma alusão que Elódia Xavier faz sobre as obras de Lya Luft e “a decadência de uma estrutura desgastada que ainda luta para se manter”, que é a tradicional família comandada por um patriarca.

Assim pelos instáveis caminhos da memória, as várias vozes que contam a história vão sendo delineadas ao leitor. Sendo a de Ana Vitória a dominante, seguida por Laura, depois Dorina e demais participantes da história. Oliveira e Santos (2001, p. 3) salientam de maneira simples que “Há, nos textos ficcionais, um profundo imbricamento de vozes. As vozes do narrador [...]. Mas o narrador também pode ser personagem, pois pode aparecer representado, figurado em sua própria narrativa...”. No entanto, vale a pena lembrar que o modo de relatar um texto ficcional faz parte também de uma escolha e, como em tudo num romance, o autor é quem define os caminhos a serem trilhados. Em *Mesa dos Inocentes* (2014), o estratagema narrativo é, talvez, seu atrativo primordial.

Por fim, um traço peculiar dessa autora é a narrativa memorialística, porquanto não é uma escolha só dos romances iniciais, a técnica se repete em contos e até em algumas crônicas. Uma publicada em junho de 2020, no jornal *O Popular*, p. 18, “Buscando um amanhã” –, por exemplo, é toda elaborada a partir de lembranças de familiares e espaços de sua infância: “Olhei para frente e tudo que vi foi uma interrogação gigantesca. Então busquei refúgio no passado.” Ecléa Bosi (1994) atesta que a memória é uma eterna miscelânea do que foi e do que ainda é, apresentando estudos de Bergson, acrescenta que esta “interfere no processo ‘atual’ das representações. [...] A memória

aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

Na terceira e última parte deste trabalho, haverá um aprofundamento sobre essa faculdade épica sem a qual o ser humano perderia seu senso de direção. Além disso, acrescenta-se uma discussão cara ao ser humano: a ressignificação da identidade. Bauman (2005), com a metáfora da liquidez moderna, discorre sobre as máscaras sociais que o ser utiliza para cada situação, segundo as convenções vigentes. Isso é inerente ao ser humano em qualquer tempo ou espaço. O referido sociólogo afirma que “Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto”. (BAUMAN, 2005, p.35).

Logo após, há continuidade de verificação de recursos próprios de uma história, como as personagens. A escolha pelo desmembramento dos elementos da narrativa sucedeu em função de um dos vieses eleito para pesquisa: o empoderamento feminino em meio a uma sociedade ainda com características patriarcais. Pesquisas, principalmente históricas, oportunizam descobertas que, numa leitura superficial, parecem improváveis, uma delas é a de que ainda existem bastantes mulheres que colaboram com a perpetuação da dominação masculina. Persistindo nos achados, descobre-se, por exemplo, que o patriarcalismo existe há mais de três mil anos. Contudo, por outro lado, as lutas feministas, principiadas já no século XIX, intensificaram-se na segunda metade do XX com mulheres que até hoje são referências no assunto, motivando a convicção de que deveria haver mais igualdade entre os gêneros.

3 INTERSECÇÃO ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE E EMPODERAMENTO FEMININO *VERSUS* SOCIEDADE PATRIARCAL

... a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

O *corpus* desta pesquisa, *Mesa dos inocentes*, é um romance de cunho memorialístico, em que a personagem principal, Ana Vitória, quem conta sua história.

Sua organização narrativa parece desordenada, contudo a impressão se desfaz porque uma narrativa mnemônica tem uma organização própria do ato de lembrar. Em diversos momentos, o ser humano visita lembranças passadas por necessidades do presente, uma delas é se autoafirmar enquanto ser no tempo. Ana Vitória, entrando na velhice, sente que precisa retornar a seu passado a fim de resolver querelas que os anos de terapia não lhe auxiliaram nessa demanda.

Todavia, ao ser humano não é delegada a faculdade de acessar lembranças de episódios exatamente como aconteceram. O que há são recontos com preenchimentos da pessoa que rememora ou de outrem, copartícipe – memória coletiva – defendida pelo teórico Maurice Halbwachs (2003), ao abordar os “quadros sociais da memória”. Ecléa Bosi (1994, p. 39) destaca: “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”.

Neste capítulo, busca-se compreender a concepção de memória à luz de teóricos como Ecléa Bosi (1994), Lúcia Castello Branco (1994), Maurice Halbwachs (2003), entre outros; e ainda há referência sobre o processo de ressignificação identitária com contribuições de Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (2005, 2012), Joël Candau (2018) e outros. A perspectiva justifica-se em função de Ana Vitória ter entrado recentemente na terceira idade, por isso revela-se mais insegura do que sempre foi, há um rito de passagem em que são comuns conflitos e busca por autoafirmação. Ademais, traz a discussão sobre o empoderamento feminino e a sociedade com moldes patriarcais em que os aportes teóricos consultados foram Mary Del Priore (1993), Elódia Xavier (1998), entre outros.

3.1 Sem a memória “não poderia pronunciar meu próprio nome!”¹⁸

Chegarei assim diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá também estão armazenados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que nossos sentidos apanharam, e tudo o que aí depositamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido no esquecimento. (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 95)

No princípio do romance *Mesa dos Inocentes*, a narradora Ana Vitória afirma que vai contar a história de sua vida por meio da rememoração, sem garantia de uma sequência lógica, mas convicta de que deve fazer isso: “Quanto à história que começo a

¹⁸ Santo Agostinho (2004, p. 275).

vomitam, não posso garantir coerência, da mesma forma que não posso deixar de narrá-la”. (BARROS, 2014, p. 28). A partir desse ponto, há a volta no tempo, mais precisamente ao dia anterior, no momento de sua chegada às ruínas da Vilinha São Tomás, o que pode ser comparado ao palácio o qual Santo Agostinho refere-se. É ali que ela reconstruirá uma narrativa que se inicia com seu nascimento, ou seja, a volta se dá além de apenas 24 horas, evidenciando o tempo psicológico que, como ela mesma afirma, não é possível ser feito coerentemente. Dessa maneira, o leitor vê-se diante de um texto memorialístico. Castello Branco (1994), citando Freud, aborda a rememoração relacionada ao esquecimento e equipara o trabalho do analista da memória ao arqueólogo que se vale de “restos” para reedificar o que ficou perdido no tempo.

Na memória, estão as percepções do indivíduo em maior ou menor grau, disso vai depender a importância delas. Bosi (1994) faz alusão a Henri Bergson para expor a defesa dele em relação à percepção, sendo esta carregada de lembranças uma vez que é complicado escapar da influência da memória. O romance de Adeline denota a necessidade de Ana Vitória exteriorizar sua própria história, principalmente porque é possível que, por causa do acidente automobilístico e a iminência da morte, é como se estivesse passando um “filme” diante dos seus olhos e ela passa a contar aquilo que está sendo percebido.

Algumas reminiscências podem cair no esquecimento e, de lá, não podem sair como defende Santo Agostinho (2004), conforme a vontade da pessoa, de maneira nítida e ordenada, mesmo sendo recentes. Quando houver mais intensidade e curto espaço temporal, é admissível certo ordenamento, entretanto não num nível de confiabilidade. Isso porque existem lacunas que são preenchidas por suposições. Nesse sentido, pode-se citar Halbwachs (2003) ao comentar sobre a importância de um grupo para que haja a possibilidade de preservação da memória quando os principais atores já tiverem desaparecido, e isso se dá pela escrita.

[q]uando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido ou que dele teve consequências, que a ele assistiu ou dele recebeu uma descrição ao vivo de atores e espectadores de primeira mão – quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhe são decididamente exteriores, então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem. (HALBWACHS, 2003, p. 101).

Isso corrobora a afirmação de Ana Vitória sobre a necessidade de expor sua história com suas vivências pretéritas. A preservação da memória acontece enfaticamente por meio da escrita, pois a memória como potência, como bem defende Aleida Asmann (2011), é fator substancial para que isso ocorra. É o tipo de memória presente na narrativa de Adeline. Para Lúcia Castello Branco (1994, p. 39), o trabalho da memória é “a operação de transformação de um conteúdo em outro” e pode ser comparado ao sonho, como já foi interpretado por Freud. Portanto, o conteúdo da memória seria mais reinventado do que resgatado.

Da mesma forma se efetua o trabalho da memória: como uma operação transformadora, tradutora, criadora, portanto, em que o original, já reduzido a apenas um traço no momento de sua inscrição, será menos resgatado que reinventado, menos ponto de chegada que ponto de partida para a construção de uma outra estória. (CASTELLO BRANCO, 1994, p. 39).

Também Santo Agostinho (2004) já reconheceu que junto à memória está o esquecimento, ou melhor, sua imagem. É preciso que algo tenha sido apreendido por meio de qualquer um dos sentidos para que possa ser lembrado, mesmo que seja modificado. Se não houver a percepção sensorial, não é plausível a identificação daquilo que se rememora. Nesse ponto, ele reafirma o quanto a memória é poderosa e cita a frase que intitula este subcapítulo. Trata-se de uma faculdade complexa e, por vezes, paradoxal porque tem a capacidade de reconhecer-se enquanto falha, ou seja, há fendas nela, mas isso pode ser compensado de alguma forma. O que ilustra bem esse argumento é a pessoa se lembrar do esquecimento, isto é, de que algo está perdido e precisa ser recuperado. Asmann (2011, p. 107), quando cita John Locke e suas colocações a respeito da recordação e da identidade, aproxima as ideias dele às do Santo ao tratarem sobre recordação e esquecimento, afirmam que não são opostos: “O objeto da recordação está marcado pelo esquecimento, e o esquecimento torna-se um aspecto indelével do recordar; a recordação traz em si vestígios do esquecimento”.

A respeito da teoria de Halbwachs sobre a memória coletiva, os autores do prefácio do livro desse teórico *A memória coletiva* (2003) – Jean Duvignaud e J.- Michel Alexandre – destacam a necessidade de um contexto social balizador, visto ser impossível a reconstrução sem uma determinada comunidade. Ademais, lembranças não ocorrem solitariamente – e aqui não pode haver confusão no que diz respeito a presenças físicas –, elas são evocadas a partir de outras pessoas participantes de eventos em comum, de

maneira presencial ou por meio de relatos de outrem. Halbwachs (2003, p. 32, grifo do autor) diz que

... quando as imagens se fundem muito estreitamente com as lembranças e parecem tomar emprestadas a estas, é porque a nossa memória não estava como uma *tabula rasa*, e nós nos sentíamos capazes de nelas distinguir, por nossas próprias forças, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que a imagem do passado nos trazia.

Nesse ponto, corroboram argumentos de Asmann (2011) ao mencionar a relevância de locais geográficos para a pessoa que rememora, pois estes propiciam o surgimento de um vínculo que famílias criam com lugar onde foi construída sua história. A referida teórica alemã destaca que “Locais memorativos são aqueles onde se cumpriam atos admiráveis ou em que o sofrimento assumiu caráter exemplar.” (ASMANN, 2011, p. 348). No romance *Mesa dos Inocentes*, existe um ponto relevante: o trauma. A protagonista Ana Vitória deseja superar a dor e a angústia que a morte brusca de sua prima Tomázia lhe deixou. Como a própria narradora diz, a terapia não foi suficiente, por isso, recorre à rememoração a fim de encontrar paz de espírito. Comporta-se como uma mulher com força de vontade, empreende sua busca de autoconhecimento, esgaravatando os recônditos dos “vastos palácios da memória”, como diria Santo Agostinho (2004, p. 95).

Márcio Seligmann-Silva (2008) atesta que o trauma traz em si o desejo de reviver, portanto está relacionado com o rememorar a fim de se seguir em frente. O referido professor assevera que “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). Outro estudo sobre esse assunto é levantado por Asmann (2011, p. 358), há alusão a Heiner Müller e seus dizeres sobre o gatilho choque: “os traumas são explosivos mnemônicos que eclodem com efeito retardado: ‘O trabalho de memorização ou de luto parte de choques’”. O contexto dessas colocações é o Holocausto, entretanto, cabe mencionar na análise em questão por causa do trauma que o suicídio provocou em Ana Vitória. Ainda acrescenta que a recordação é “uma força revolucionária” que faz emergir “arestas problemáticas que ainda não se apararam”. Assim, confirma-se o que moveu Ana Vitória a realizar uma dupla viagem.

Ainda com Santo Agostinho, ele acredita que a memória opera milagre, primeiro porque guarda organizadamente todas as imagens apreendidas; depois, porque algumas

delas “acodem à mente facilmente e em sequência ordenada à medida que são chamadas, as primeiras cedendo lugar às seguintes, e desaparecem, para se apresentarem novamente quando eu o quiser”. (2004, p. 95). Tese refutada por Halbwachs (2003) por considerar que se faz necessária a circunstância para que a lembrança ocorra, e isso independe da vontade do indivíduo, ou seja, mesmo que a pessoa queira se lembrar de algo, pode ser que não consiga, são possíveis confusões ou enganos. São diversos fatores interferindo e/ou prejudicando as percepções mais exatas. Não é possível uma ordenação de lembranças de maneira voluntária sempre.

O historiador francês Pierre Nora (2012), ao diferenciar memória e história, atribui a primeira algumas distintas idiossincrasias. A concordância com Santo Agostinho é em relação à memória ser vida: “... o espírito é a própria memória [...], é na memória que encontro o que tenho a dizer, e de lá tiro tudo o que digo”. (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 98). E harmoniza com Halbwachs no sentido de que o diálogo existe pelo fomento promovido pela coletividade. Bosi (1994) compatibiliza com a ideia de que ao memorialista é inviável reviver o passado tal como o é ao historiador, este deve reconstruir fatos a partir do que outrem registrou.

Ainda mais, a memória, conforme Nora (2012, p. 9), “está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. A mudança constante respalda a constituição identitária, uma vez que o fluir da vida ocorre porque a lembrança possibilita a continuidade. Michel Pollak (1989) concorda com a ligação entre memória e o sentido de “identidade individual e do grupo”, mas também com o paradoxo memória e esquecimento.

Aparentemente, é contraditório falar em lembrança e esquecimento como propriedades inseparáveis da memória, sobretudo, ao se ler em Santo Agostinho (2004, p. 99) que o esquecimento e a memória “estão presentes simultaneamente: a memória, com que me recordo, e o esquecimento, de que me recordo”. Porém, ao analisar com cautela, compreende-se que é justamente por esquecer que as pessoas se esforçam por cultivar na memória aquilo de importante para elas, pois olvidar é sinônimo de perda. Na maioria das situações, isso incomoda por significar prejuízo. Em contrapartida, existe o esquecimento benéfico, aquele que permite ao ser se redefinir como uma nova pessoa com disposição a mudar o rumo de sua vida. Quando se relaciona ao idoso, o rememorar

atinge uma nuance diferenciada, pois, em estado de inatividade, lembrar simboliza positividade, afetividade já que ao velho não há muito mais que essa possibilidade. Laura esperava, dia após dia, a visita da sobrinha para se lembrar de toda a trajetória de suas vidas e, assim, encontrar o sossego que o suicídio da filha lhe tirou.

Harald Weinrich (2001) lembra que, na mitologia grega, existe no submundo de Hades um pouco antes dos Campos Elísios, o rio Lete. Ali os espíritos devem passar a fim de esquecerem a vida passada e entrarem numa nova jornada, livre de qualquer sentimento de culpa, por isso é preciso a travessia nele. Essa referência é para provar que como existe a arte de memorizar – mnemotécnica –, também há a arte de esquecer – amnestônica, amnésia ou ainda letotécnica. Isso é inerente à existência humana. Conforme Bosi (1994):

Quem guarda a memória no Hades transcende a condição mortal, não vê mais oposição entre a vida e a morte. O privilégio pertence a todos aqueles cuja memória sabe discernir para além do presente o que está enterrado no mais profundo passado e amadurece em segredo para os tempos que virão. (BOSI, 1994, p. 89)

Weinrich (2001), construindo sua tese, fala de Umberto Eco que, por sua vez, em momento de descontração, propôs a companheiros um jogo de se inventar coisas impossíveis de existir e cita a arte de esquecer como exemplo. Tempos depois, este volta ao assunto em um contexto formal, para dizer que “não pode haver uma arte do esquecer como contraparte de uma arte do lembrar, porque todos os sinais de presença não são ausências”. (WEINRICH, 2001, p. 34). Entretanto, concorda com o fato de que lembrar demais – prática constante da mnemotécnica – pode ser prejudicial uma vez que, provocando a exaustão, inevitavelmente haveria olvido, constituindo, portanto, a arte do esquecimento. Seria uma medida de salvaguarda com o propósito de evitar o transbordamento de informações sobrecarregando o cérebro. Se o homem refletir sobre essas questões, chegará à conclusão de que realmente pode ser saudável praticar o exercício do esquecimento para seguir sua jornada liberto de sentimentos sombrios como a culpa ou o remorso.

Continuando na defesa da arte de esquecer, Weinrich (2001) pauta-se na literatura grega, começando por Homero, em *Odisseia* diz sobre a saga de Ulisses e sua volta para casa, cheia de episódios em que aparece o esquecimento –, como na passagem com o povo lotófago. A caracterização da flor de lótus como um doce veneno, adocicada

como o mel e com propriedade de fazer o apreciador esquecer-se de tudo que viveu antes, transformou a angustiante busca em uma vida tranquila e prazerosa. Assim, constituiu-se em uma espécie de droga que eles faziam questão de consumir. Dando sequência, o filósofo alemão cita outros escritores, como Hesíodo e a menção à deusa da memória Mnemosyne – parente oposta de Lete –, esta com o poder de propiciar o esquecimento como cura. Quando se rendia louvores a ela, alcançava-se metade da graça, pois esquecer é uma forma de amenizar a dor.

Ainda com os gregos, há alusão a Eurípedes e o antídoto do esquecimento que é o vinho; Ovídio e a estratégia de enxergar somente defeitos numa pessoa amada para poder esquecer-la, alternando com mudança de lugares, vida social agitada, viagens e, por fim, um novo amor. O estudioso Weinrich lembra Platão e a metáfora da tábua encerada: “a memória se parece com uma tábua encerada onde estão inscritos imagens e sinais que fazem lembrar.” (WEINRICH, 2001, p. 41), e Santo Agostinho quando ele fala que a memória se lembra até do esquecimento, como professor de retórica, o Santo era um sábio para abordar a mnemotécnica, e tinha como forte argumento a constituição da alma em três elementos: memória, razão e vontade.

Em seguida, Weinrich (2001) parte para a relação do esquecimento com a morte, sendo esta sua mais poderosa agente. Para isso, faz alusão à *Divina Comédia*, obra publicada no século XIV por Dante Alighieri, na qual o poeta romano Virgílio guia Dante ao Inferno, Purgatório e Paraíso. A história teria sido inventada para que o autor não se esquecesse de sua amada Beatriz que, por ter morrido muito jovem, estaria no Paraíso. No entanto, a obra está mais próxima da memória quando o protagonista passa pelo Purgatório e, tomando consciência de que os espíritos dali não podiam sozinhos ir para o céu, passa a memorizar cada um e sua história, para, no mundo dos vivos, pedir a seus entes queridos que se lembrassem deles e orassem a fim de agilizar o alívio com a mudança de lugar.

É válido retornar a Castello Branco (1994) pela mesma abordagem à mitologia grega na figura de Penélope e sua engenhosidade de tecer uma mortalha durante o dia e destecê-la à noite. Foi um pretexto que encontrou para se livrar de um novo matrimônio exigido por seu pai, já que ela havia dado sua palavra de que se casaria assim que concluísse o trabalho manual. Para com os pretendentes ao cargo de novo rei de Ítaca, esse plano de Penélope foi um ato de traição, segundo Castello Branco (1994). Como Penélope amava Ulisses e acreditava em seu retorno, mesmo depois de longos vinte anos,

ainda se lembrava do matrimônio harmônico e por isso acreditava no retorno do marido. Essa autora comenta sobre a possibilidade de volta ao passado para retomada do que foi vivido e, assim, trazer as cenas como aconteceram. Entretanto, isso não ocorre. A concepção do que já foi dá-se no campo da linguagem, em outras palavras, é por meio da representação discursiva que as imagens passadas são narradas.

Quando a narradora de *Mesa dos Inocentes* relata sua história, o faz por meio de suas lembranças, da memória coletiva e herdada, por meio de relatos de pessoas de seu convívio, do passado e do presente. Contudo, é sabido que “o passado não se conserva por inteiro,...”. (CASTELLO BRANCO, 1994, p. 26). Aquilo que já passou é reconstruído por meio de supressões, vazios que são refeitos num processo de erigir “o que *ainda não é*, e o que virá a ser” (CASTELLO BRANCO, 1994, p. 26, grifos da autora). Portanto, os episódios narrados constituem imagens daquilo que a narradora supõe que aconteceu, daí a complexidade por se ter um ponto de vista único e vulnerável.

Outras figuras da cultura grega aparecem no livro *A traição de Penélope* (1994), a saber: Medusa e Orfeu. No estudo investigativo, Castello Branco (1994) considera o olhar como companheiro da memória uma vez que rememorar é olhar para trás. Um gesto, por vezes, perigoso porque considera a morte parte desse sistema. Por isso, cita as referidas personagens mitológicas. A primeira (Medusa) por ter um olhar petrificador – todo vivente que olha nos seus olhos se transforma em pedra – muitas lembranças que ficaram no passado permanecem petrificados até o momento em que a memória pode despertá-los. O segundo (Orfeu) carrega uma triste história sobre o olhar desconfiado que pôs a perder para sempre o reencontro com a companheira – Hades permitiu que Eurídice deixasse o mundo dos mortos junto com o amado Orfeu desde que este só olhasse para ela depois que tivessem saído de seu reino: “Mortífero e petrificador é o olhar da Medusa, mortífero e desvanecedor é o olhar de Orfeu que, em seu desespero, olha para trás”. (CASTELLO BRANCO, 1994, p. 15).

Quando Castello Branco (1994) fala de escrita de memória feminina e comparando-a a um arabesco “esgaçado e lacunar”, poderia ser aplicado ao romance *Mesa dos Inocentes* (2014). O enredo traz diversos eventos comuns aos idos do século XX, casamentos arranjados são um deles, quiçá, o que mais trazia consequências funestas, como traições, fugas, suicídios. O modo como Adalice monta o enredo é o que mais chama atenção do leitor, um ponto já detalhado anteriormente, uma construção que pode ser comparada a um bordado cheio de fendas.

3.2 Memória é mola propulsora da constituição identitária

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2018, P. 19)

Joël Candau, professor de Antropologia da Universidade de Nice Sophia Antipolis e diretor do Laboratório de Antropologia e Sociologia Memória, Identidade e Cognição Social (Lasmic), faz considerável conexão entre identidade e memória, por considerá-las imanentes. Em princípio, o antropólogo francês – concordando com diversos teóricos, alguns aqui citados – sustenta ser uma consonância o fato de que a identidade é uma “construção social” numa “relação dialógica” (CANDAU, 2018, p. 9) constante com o próximo. Há uma fala de Ana Vitória em que confessa ser um tipo de pessoa que “de tempos em tempos, precisa se confirmar” (BARROS, 2014, p. 31). Isto posto é fundamentado pelo teórico quando diz que “... a existência e essência são problemáticas e demandam sempre uma confirmação”. (CANDAU, 2018, p. 11). Desde a sua concepção, o ser humano é notabilizado pela sua inquietude. Movimenta-se físico e emocionalmente em busca de algo que o complete e, nesses enleios, está a incessante tentativa de confirmação de si próprio. Bauman (2005) atesta que é perturbadora a sensação de não conseguir encontrar-se consigo mesmo. Muito provável que esse seja o maior motivo de insegurança das pessoas, há o medo de não conseguirem ser elas mesmas e, o que é pior, tornar-se aquilo que outros sugestionam que sejam.

Candau (2018) aproxima-se dos estudos de Maurice Halbwachs, apontando para uma memória compartilhada, a qual denomina metamemória que também pode fazer referência à individual. Nessa categoria, o sujeito lembra e relembra atos passados, num determinado espaço e tempo. Quando partilhada num grupo, há a representação daquilo que ocorreu junto a outras pessoas, confirmando o pertencimento uma vez que este é forçoso. Outro ponto importante abordado pelo antropólogo é a capacidade de a memória controlar o tempo rememorado, a depender do grau de importância do fato. Assim, em mais um ponto de conformidade com outros estudiosos, Halbwachs sustenta a ideia de que o tempo social e o espaço originário da pessoa intervêm e determina a memória.

O cineasta espanhol Luis Buñel, citado por Candau (2018), fez um hilário comentário sobre a memória afirmando que esta poderia ser danificada – ao menos por

um curto espaço de tempo – para que as pessoas passassem a valorizá-la, ou melhor, conscientizassem-se de que ela é a responsável pela constituição identitária. Harmonizando com essa afirmação, Candau (2018, p. 16) enfatiza que a deusa que personifica a memória na mitologia grega, “*Mnemosyne*, a ‘chave da consciência’, é, portanto, uma fonte primordial para o que chamamos de identidade: [...]”. É uma argumentação que está em consonância com Santo Agostinho quando ele afirma que sem a memória não se diria nem o próprio nome: sem identidade definida, a pessoa não teria condições de exercer plenamente sua cidadania. Numa sociedade capitalista, talvez seja o maior receio de um indivíduo já que, em estado de alienação, o que resta é o isolamento social.

Sob outra ótica, ao se falar em identidade, há Stuart Hall (2006, p. 8) que discorre sobre a sociedade moderna e a questão das identidades “descentradas”, ou seja, há um processo de fragmentação que está também em contextos culturais, nas tradições e crenças. Se até os espaços apresentam-se com aspectos cambiantes, isso corrobora cada vez mais com a desestabilização das identidades. Esse é um assunto sem possibilidades de esgotamento, e uma das razões pode ser a rápida e constante evolução do homem nas áreas humanas, tecnológicas, ambientais, etc. Trata-se de um ponto importante a ser abordado uma vez que propicia autoconhecimento e um leque de discussões profícuas. A seguir há referência a alguns teóricos sobre o processo de ressignificação identitária. A perspectiva justifica-se em função de Ana Vitória e sua necessidade de se autoafirmar como pessoa idosa. Simone de Beauvoir (2018, p. 11) faz uma ponderação interessante que se relaciona com esse argumento, justificando-o numa perspectiva pessimista: “O velho incapaz de suprir suas necessidades representa sempre uma carga”.

O termo identidades, no plural, pode provocar estranhamento se tiver em mente um conceito unívoco de identidade. Dois pesquisadores sobre esse assunto são Stuart Hall (2000) e Zygmunt Bauman (2005), ambos defendem a ambivalência dessa propriedade humana. *A priori*, é preciso reforçar a instabilidade por qual passa a formação identitária de um ser e que esta é consolidada por meio das diferenças, num campo discursivo. Não é possível à pessoa agir de maneira igual em todas as esferas da vida, há o fator representação que “é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”. (SILVA, 2000, p. 91). Nesse sentido, há identidades. Em ambientes diversos, o comportamento das pessoas é variável, disso depende o contexto que exige tal moldura. A natureza da identidade é fluida. Sobre isso,

cabe citar Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 84) que argumenta: “... tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.”

É inerente ao indivíduo a busca de identificação e reconhecimento com o outro e com o lugar em que reside. Nessa linha de raciocínio, o sentimento de não pertencimento incomoda, por isso a procura é incessante. Identificar-se é um processo cambiante desde sempre em função disso. Diante a essa problemática, soma-se a preocupação que a pessoa deve ter a respeito das imposições. Bauman (2005, p. 19) insiste nessa questão, afirmando que: “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Presumivelmente, esta seja uma das maiores preocupações das pessoas de grupos minoritários, as mulheres, por exemplo, uma vez que a identidade está imbricada pelas relações de poder. Nesse ponto, é válido lembrar Michel Foucault quando fala da existência de dominação nos menores espaços, ou seja, a microfísica do poder. Em todo tipo de relação, independente do espaço, há dominantes e dominados.

Na jornada da vida, é comum aos indivíduos se tornarem, paulatinamente, seres autônomos, ou seja, eles constroem sua própria identidade nas relações diárias, em virtude dos fatores externos e também da reação diante destes. Stuart Hall (2006, p. 12; 13) destaca que “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Vai além, ressaltando a importância da oposição que propicia referências balizadoras, desde a tenra idade, é por espelhar-se no outro que o ser vai se constituindo. Silva (2000, p. 75; 76) reforça dizendo que “... a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos”.

Nesse sentido, o objeto espelho é tão emblemático e tem forte carga significativa no romance em análise. Esse objeto foi descoberto há mais de cinco mil anos e está relacionado ao conhecimento, sendo capaz de refletir “a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p. 394). Esse símbolo está relacionado com busca identitária uma vez que reflete a imagem da pessoa, mesmo com distorções, como pode ocorrer em algumas situações. O objeto ilustra

a capa do romance *Mesa dos Inocentes* e é citado nele de maneira metafórica, algo abordado adiante neste trabalho.

Vera Tietzmann afirma que, no romance *Mesa dos inocentes* (2014), há o rito da passagem ao se referir a Aninha e aos conflitos sofridos na adolescência. Eles são referidos pela narradora em relação à Tomázia, mas não se finda nisso. Em toda a narrativa, encontra-se a busca pela reconstituição identitária, visto que Ana Vitória se declara incompleta e insegura desde pequena. Notam-se mudanças de comportamentos não só dela, mas em muitas personagens dessa história. Ana Vitória sempre foi inquieta diante vários reveses da vida, crescer junto a Tomázia e enxergar nela um modelo a ser seguido, propiciava-lhe certa segurança. Encontra-se assim a irrupção do trauma. Aninha afirma que a prima era sua referência: “Tomázia era meu espelho, o modelo a ser copiado. Se ele quebrasse, eu também seria recolhida em cacós”. (BARROS, 2014, p. 154).

Josênia Antunes Vieira (2005) afirma que, quanto à constituição da identidade, não há seres completamente livres ou, da mesma forma, assujeitados; mas sim, seres ativos que agem de acordo com a situação, ora submissos ora atuantes. Assim, vão resignificando sua identidade, pois esta nunca é estática, ao contrário, é dinâmica e híbrida já que vai sendo moldada em função da cultura em que estão inseridos. Da mesma forma, está vinculada ao ato de escolha, visto que todas as pessoas passam sempre “por mais de uma comunidade de ideias e princípios” (BAUMAN, 2005, p. 19), não simultaneamente, por isso escolher é inevitável, ademais essa é mais uma justificativa para se falar em identidades. Hall (2000) assevera que muito já foi falado sobre identidade e questiona qual seria a necessidade de se ter uma. Depois comenta que é necessário desconstruir conceitos obsoletos – sem desconsiderar alguns fatores como a ideia de que ela vive “sob rasura”. Hoje é muito forte a questão do descentramento, o ser humano vive um estado de fragmentação iniciado há algumas décadas, motivado pela globalização, consumismo, fim de fronteiras culturais, movimentos de emancipação, etc.

Por esse motivo, na modernidade tardia, o sujeito pós-moderno é composto de várias identidades, está inserido num meio agitado, com mudanças acontecendo num tempo acelerado. Hall (2006) atribui à globalização como perturbação-mor, seguida dos processos migratórios, incluindo a diáspora. Todavia, pelo próprio processo de evolução cultural, existem outros motivos que contribuem para essa crise, um exemplo são as mudanças nas formações familiares ou na opção em se viver só, desconsiderando o casamento. O desejo de independência motiva as escolhas de relações.

É imprescindível abordar mais uma vez Bauman (2005) quando afirma que o constructo da identidade se assemelha a um quebra-cabeça sem modelo guia: “*Ajustar* pedaços infinitamente – sim, não há outra coisa que se possa fazer” (p. 60, grifo do autor). A compreensão dessa ideia desmistifica o ideário comum de que há pessoas que não conseguem se desvencilhar de hábitos corrosivos. O mesmo autor, num trabalho posterior ao citado, acrescenta que ter uma identidade “parece ser uma das necessidades humanas mais universais...” (BAUMAN, 2012, p. 46); mais que isso, esta precisa ser aprendida, treinada ao longo do curso da vida. A narradora Ana Vitória deixa bem claro quando desnuda toda sua vida ao leitor e, fazendo isso por meio de memórias, enfatiza a importância da memória para o ato de narrar-se. Da mesma maneira, percebe-se isso com outros narradores adelicianos, um exemplo bem notório é Iana, tanto no livro de estreia *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000) quanto *Iana sol e sombra* (2003). Como é uma temática recorrente na literatura da autora, a ressignificação identitária calcada nos caminhos da memória aparece em outras obras também.

Há a identidade pessoal – aquela que confere sentido ao EU – e a identidade social que confirma a existência da primeira se a comunidade onde o ser está inserido lhe conferir segurança, em se tratando do sentimento de pertença. Para Bauman (2012, p. 47), “A identidade é percebida como segura se os poderes que a certificaram parecem prevalecer sobre ‘eles’ – [...] “‘Nós’ devemos ser poderosos, ou a identidade social não será gratificante”. A força motriz que propicia o fortalecimento do EU dentro do NÓS é algo que deve nascer e florescer no grupo, chamado de cultura. Esta não é nata, deve ser ensinada e aprendida num processo contínuo. Como Ana Vitória era uma garota diferente das demais no quesito questionamentos, por vezes, sentia-se inquieta e, em função disso, buscava respostas, deparando-se com empecilhos de ordem tradicionalista, ora pelo sistema patriarcal de sua família, ora pelos rígidos métodos educacionais a que era submetida no colégio interno.

A protagonista, necessitando autoafirmar-se, move-se na direção que lhe traria algum resultado. Não é possível seguir em qualquer demanda sem pontos de retomadas, todo protótipo tem algo que motivou seu formato. Assim acontece com os indivíduos, pois se lembram e continuam no processo de se autodefinir. Ecléa Bosi (1994, p. 55, grifo da autora) reconhece que “O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista”.

Ana Vitória, por mais de uma vez, reconheceu que fora um erro voltar às ruínas da fazenda São Tomás e à casa da tia Laura. Aliás, o marido a desaconselhou a remexer em histórias do passado: “De todas as injustiças que já sofri, a maior foi praticada por mim mesma: voltar ao local de minha infância”. (BARROS, 2014, p. 35). Seria sensato averiguar primeiro o motivo do convite de Dorina. Candau (2018), quando se refere ao esquecimento, menciona a ação perturbadora causada pela memória, há fatos que as pessoas querem esquecer, precisam disso para viver em paz, porém não conseguem. Ele assevera que

A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias como, por exemplo, a anamnese de abusos sexuais na infância ou a memória do Holocausto. De fato, o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: ... (CANDAU, 2018, p. 18)

Da mesma maneira que é importante lembrar, também é o esquecer. Traumas profundos permanecem. Asmann (2011, p. 25) detalha que, quando uma lembrança é suprimida da consciência, surge o trauma, este “é entendido como uma experiência encapsulada corporalmente, que se expressa por sintomas e bloqueia uma lembrança recuperadora”. Nesse ínterim, entra o trabalho “diligente do terapeuta” como declara Ana Vitória, desconfiada de que se tornou uma *borderline*¹⁹, “*Borderline*, foi nisso que me transformei, em alguém que se sente à beira do abismo?” (BARROS, 2014, p. 12, grifo da autora), pela descrição que faz de si, encontram-se algumas características que essa síndrome apresenta. Dado isso, Ana Vitória pretendia obter êxito em “atar” as pontas de sua vida, unindo o que ficou suspenso na juventude (suicídio de Tomázia e o que poderia de fato ter motivado) à velhice (se isso poderia ter alguma relação com ela).

Ainda nessa perspectiva, Vieira (2005, p. 214) defende que: “A identidade é aberta, dominada pela incompletude, multiforme. Tem contornos fugidios e adota traços pessoais, culturais e contextuais que se confundem com a sua própria história. A identidade é, por natureza, híbrida e inconstante”. Essa mesma autora acrescenta que é um processo contínuo. Bauman (2013, p. 20) destaca que “A cultura plenamente

¹⁹ Síndrome de Borderline ou transtorno de personalidade. Borderline é um transtorno mental grave caracterizado por um padrão de instabilidade contínua no humor, no comportamento, autoimagem e funcionamento. Os sintomas mais comuns da síndrome de Borderline englobam instabilidade emocional, sensação de inutilidade, insegurança, impulsividade e relações sociais prejudicadas. Disponível em <https://www.vittude.com/blog/sindrome-de-borderline/>. Acesso em 10 de jul. de 2019.

abrangente de nossos dias exige que se adquira a aptidão para mudar de identidade (ou pelo menos sua manifestação pública) com tanta frequência, rapidez e eficiência quanto se muda de camisa ou de meias”. Argumento defendido por ele ao salientar a fluidez do mundo contemporâneo. As mudanças em todas as esferas motivam o ser humano à ressignificação.

Candau (2018) cita a personagem principal da obra de Marcel Proust, escrita entre 1913 e 1927, *Em busca do tempo perdido*, para mostrar as alterações por que passou frente a um grande amor e, para isso, diz algo que soa um tanto pessimista para a maioria das pessoas: “Cada ser humano, de fato, constrói sua identidade no correr do tempo que, simultaneamente, altera-o de maneira irreversível a ponto de que, dizia Aragon, quando aprendemos a viver é tarde demais”. (CANDAU, 2018, p. 60). Na irreversibilidade do tempo, a pessoa vai modificando-se, assim segue reconstruindo-se.

O sociólogo austríaco Michael Pollak sustenta que “*a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade [...], um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si*”. (POLLAK, 1992, p.200-212, grifo do autor). As fronteiras se alargam ou até desaparecem. O consumismo – princípio preponderante na degradação ambiental – não controlado tem como uma das causas a obsolescência programada. Bauman (2013, p. 20) diz “que a mudança de foco da posse para o descarte e a alienação de coisas se encaixa perfeitamente na lógica de uma economia orientada para o consumo”. Tudo isso pode impedir as pessoas de se encontrarem consigo a fim de se conhecerem mais e, assim, prosseguirem em projetos bem-sucedidos. A narradora Ana Vitória denota isso em algumas de suas reflexões.

Insatisfeitas, as pessoas mudam de lugar, inventam viagens... trabalham até a exaustão, alargam tanto o caminho que perdem o foco da visão... [Tia Laura] teve a capacidade de encarar o abismo sem sucumbir à vertigem. [...]. Constatei que depois de tantos anos meu repertório continuava limitado. Acelero o carro com vontade, determinada a chegar logo em casa, retomar minha vida atribulada, sem espaço para questionamentos, nostalgias. (BARROS, 2010, p. 28)

Vieira (2005) aponta que Giddens (2002) já defendia que a pós-modernidade com diversas transformações modifica o indivíduo, tornando-o disperso inclusive de si mesmo e este estaria afastando-se, cada vez mais, do contato direto com o outro. Nessa perspectiva, Ana Vitória, como sujeito ativo, foi ressignificando sua identidade num

contexto social muito diferente daquele de sua infância e adolescência. Ela está com sessenta anos de idade, quando se começa a terceira idade²⁰. Trata-se de uma etapa que provoca dúvidas já que a velhice no mundo ocidental está bastante relacionada à invalidez. Ecléa Bosi (1994) atesta que a velhice é oprimida, por vezes, banida por uma sociedade capitalista que a enxerga como um empecilho ao progresso econômico, como já foi colocado por Beauvoir. Ela reforça que

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. Se há posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação e bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. (BOSI, 1994, p. 77; 78)

No romance *Mesa dos inocentes* (2014), Laura e seu pai Tomás Antônio Gonzaga legitimam essa afirmação, as posses que tinham, certamente, os auxiliavam em sua velhice, não só com respeito e reconhecimento, mas também pelo conforto em que viviam. Ao ampliar a discussão sobre memória e velhice, é relevante voltar ao fator esquecimento, existem muitas obras, inclusive cinematográficas, que abordam a temática da perda da memória. Um dos motivos de receio em relação à velhice é o estado perturbador que a pessoa vive quando se encontra desmemoriada. Patologias como a doença de Alzheimer estão diretamente ligadas à perda da memória e, consecutivamente, à perda da identidade:

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si mesmo. (CANDAU, 2018, p. 59; 60)

Tanto Laura quanto Ana Vitória dependiam da memória para os acertos de contas com o passado. Por isso, esforçaram-se no exercício de lembranças. Sem essa dinâmica não seriam capazes de expurgar feridas encobertas superficialmente pelo tempo. Bosi, ao falar sobre lembranças de velhos, discute que é “obrigação lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p. 24), não só para a contemplação do passado a fim de não deixar

²⁰ ONU. *A ONU e as pessoas idosas*. Nações Unidas Brasil. Pessoas Idosas. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>. Acesso em: 12/ 07/ 2019

morrer tradições, mas também para a pessoa reafirmar-se, constantemente, no espaço que ocupa enquanto um ser necessário. Por meio da memória que o indivíduo é capaz de captar e entender o que está a sua volta, demonstra seus propósitos, planeja, organiza o que apreendeu e desenvolve os meios propulsores das ações que resultam na satisfação de seus desejos; é isso que confere sentido à sua existência. A amnésia constitui-se antagonista desse processo; falhas memoriais na velhice convertem-se em mudança de comportamento, por isso, não é difícil encontrar idosos reclusos em um mundo interior particular, às vezes tão fechado, que demanda vigilância e medicamentos.

Muito ainda pode ser falado sobre memória e identidade, por ora, é importante ratificar que são interligadas. Por questões culturais, o meio tem uma parcela de contribuição na formação identitária, porque está relacionada com a diferença, como bem observa Kathryn Woodward (2000), que a identidade é relacional. A pessoa modela sua identidade e isso está diretamente ligado a fatos sociais que corroboram com os contextos específicos culturais. Voltando a Candau (2018): “A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida...” (CANDAUI, 2018, p. 16). Enquanto a memória é uma faculdade congênita, a identidade é adquirida ao longo das vivências e experiências a que o ser humano está submetido.

No próximo subitem, há o foco na constituição identitária feminina e nos moldes patriarcais. Algumas peculiaridades devem ser observadas, isso em função dos problemas por quais as mulheres passam mesmo depois de muitos embates em busca de igualdade. As personagens femininas de Adeline exemplificam bem essa assertiva.

3.3 O perfil feminino na literatura de Adeline

Personagens são parte da gente. (BARROS, 2020)²¹

Olvida-se então que o problema da personagem é antes de tudo linguístico, que ela não existe fora das palavras, que é um “ser de papel”. Entretanto, recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens *representam* pessoas, segundo modalidades próprias à ficção. (DUCROT e TODOROV, 1972, p. 209; 210, grifo dos autores)

²¹ Declaração feita por Adeline da Silveira Barros em entrevista de fevereiro de 2020.

Um romance depende da existência de personagens que vivenciam uma trama em determinado espaço e determinada época. De acordo com Antonio Candido (2009), elas são a parte que mais confere vivacidade à história, posto que realizam as ações e, principalmente a partir do século XVIII, época de transformações no gênero romanesco, assume grande relevância.

Um escritor pode estabelecer vínculo entre a personagem e o ser humano, embora se saiba que personagem é um ser fictício. O leitor, por sua vez, pode fazer análises e comparações entre personagens e pessoas reais, isso porque “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2009, p. 40). Sylvia Leser de Mello (1998, p. 12), no prefácio da obra de Elódia Xavier, acrescenta que “personagens e tramas” pertencem ao universo da ficção, entretanto os sentimentos delas “não o são”.

O romance moderno – do século XVIII ao XX – embrenhou-se em esferas mais profundas, para isso teve contribuições filosóficas, psicológicas e sociológicas. Na contemporaneidade, vários escritores podem ser considerados herdeiros diletos dessas correntes, portanto a classificação de personagens em planas ou esféricas sugerida por Edward Morgan Foster acaba se tornando superficial, dada à imprevisibilidade das personagens.

Não se pode falar em imparcialidade, uma vez que o escritor desnuda um pouco de suas criaturas pelas escolhas que faz e decide expor ao leitor. Sobre isso, Candido (2009, p. 43) enfatiza que

No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem [...] No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser.

O referido teórico salienta as diferenças entre pessoas e personagens para que se desfaçam confusões comparativas. O caráter contraditório que envolve o ser humano é infinitamente maior que o da personagem. Existem múltiplas facetas ocultas no indivíduo, por isso, a visão que se tem dele será sempre fragmentária. Em relação à personagem, não ocorreria a mesma coisa pela limitação que o autor tem no processo de criação de seus

seres de papel, valendo-se de elementos reveladores de como são, como agem, demonstrando sua personalidade.

Cada vez mais, os escritores contemporâneos vêm trabalhando num processo de burilamento porque, aproximando personagens aos seres reais, conferem densidade às suas histórias. Candido (2009, p. 44) sustenta que: “A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas”.

Candido (2009), reconhecendo o desenrolar do romance moderno no campo psicológico, faz uma distinção dupla das personagens: os previsíveis e os imprevisíveis. Disso resultaria uma inversão em relação à construção romanesca, sendo a “passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada” (CANDIDO, 2009, p. 45). Em se tratando das personagens, no romance em análise, é notória a densidade psicológica a elas atribuída.

Candido (2009), aludindo a Forster, apresenta uma forma de distinguir pessoas e personagens que ele considera “pitoresca”, é a distinção entre *homo sapiens* e *homo fictus*. Paradoxalmente, este, ao mesmo tempo em que corresponde àquele, também não corresponde, “pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, mas numa proporção diferente e conforme avaliação também diferente” (CANDIDO, 2009, p. 47). Uma justificativa bem perceptível é no que diz respeito à alimentação ou ao tempo de sono, quase não há alusão a isso nas narrativas, como se não o fizessem como humanos. Já a vida amorosa é valorizada. Na história de Ana Vitória, há exemplos vários dessas vertentes: ela e o marido idoso se amam e têm vida sexual ativa. No período de envolvimento com Vítor, em sua juventude, Laura vivia intensamente a paixão. Citando folhetins novelescos, é essa parte da vida que mais chama atenção dos leitores: intrigas, sofrimentos, desencontros, enfim, episódios triviais.

Outro teórico que Antonio Candido cita é François Mauriac para dizer que a memória é a fonte basilar do romancista. Dela, retiram-se invenções que conferem ambiguidade ao se referir às personagens, pois elas não condizem com os humanos, surgem deles.

Em entrevista, Adelice contou que existiu uma moça, há muitos anos, nos arredores de Caçu, que se casou seguindo o paradigma convencional, contudo, antes do amanhecer, voltou para a casa dos pais e nunca revelou o motivo da desistência repentina.

No romance *Mesa dos Inocentes*, havia Ana Júlia, filha de Ângelo Antônio e Gena, prima de Ana Vitória; ela também fez a mesma coisa, ou seja, os episódios – real e fictício – aconteceram de modo igual. Assim, de acordo com uma classificação que Mauriac propõe, poderia ser dito que houve uma reprodução de pessoa real. Todavia, não é uma escolha recorrente como bem aponta Candido (2009, p. 52), uma vez que a única maneira eficaz de se construir uma personagem é por meio da invenção, mas “esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca;...”.

Começando a apresentar personagens femininas de destaque em *Mesa dos Inocentes*, no campo da memória, pode-se continuar a descrever a moça supracitada: Ana Júlia. Com 17 anos, aceitou casar-se com um rapaz das redondezas, em um casamento arranjado e fez o que foi narrado: “a noiva voltou a pé para a casa dos pais, carregando a mala com a camisola de virgem. [...] O que aconteceu naquele dia ainda hoje é mistério” (BARROS, 2014, p. 135). Depois disso, tornou-se uma mancha na família a ponto de as mães proibirem suas filhas de se aproximarem dela, menos ainda os rapazes. No entanto, seus pais a acolheram e, com essa atitude, fizeram o que Joice Berth (2018, p. 14) diria como condição necessária para certo empoderamento, pois a estimularam à “autoaceitação de suas características culturais e estéticas [...] para que possa [...] criar ou descobrir em si mesmo[a] ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive...”

Sem se incomodar com tamanho preconceito, Ana Júlia transfigurou-se numa representante do empoderamento feminino porque, não só passou a ignorar todos os seus parentes ricos, como seguiu sua vida: juntou-se a peões e trabalhou arduamente a fim de manter e ampliar a fazenda de sua família, não se interessou por homem algum. Porém, durante o tempo em que cuidou de Marcel – filho do paranaense Virgílio – viu nele um parceiro para o matrimônio. O empoderamento aqui referido está ancorado na teoria de Nelly Stromquist, citada por Berth (2018), a norte-americana destaca quatro pontos importantes, contudo se se considerarem todos juntos, são eles: o cognitivo – quando se tem uma postura crítica diante os fatos; o psicológico – a presença da autoestima; o político – consciência das desigualdades a fim de lutar pelo fim delas; e o econômico – certa independência financeira. É possível reconhecer todos na personagem Ana Júlia.

A forma como a narradora a descreve exemplifica o empoderamento, principalmente, pela época em que tudo aconteceu: idos dos anos de 1950. Seu perfil destoava de todas as mulheres do clã Gonzaga, pois era “Indomável. Misteriosa. Bonita,

mas de uma beleza que tinha mais a ver com atrevimento, destemor, que com perfeição de traços. Sua independência, a agressividade explícita assustava os homens.” (BARROS, 2014, p. 146). Tornou-se indiferente com inimigos e nem se importava com bajuladores, do mesmo jeito, nem um pouco se incomodava com o passar dos anos e permanecer solteira. Nesse ponto, cabe abordar a antropóloga Adriana Piscitelli (2009) e sua pesquisa sobre os papéis sociais, a partir de 1930: “A teoria dos papéis sociais busca compreender os fatores que influenciam o comportamento humano”. Porque havia os papéis sexualmente construídos em que homens e mulheres tinham obrigações socialmente definidas e delimitadas em padrões.

A sociedade herdeira das tradições misóginas enxergava as mulheres apenas como donas de casa, mantenedoras do lar. A elas, não cabia outro papel. Há um trabalho pertinente da teórica feminista Elizabeth Grosz (2000, p. 67), no qual ela argumenta que

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma autojustificativa conveniente para a posição social secundária das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle consciente.

Numa discussão em que filosofia e feminismo se digladiavam, havia a distinção entre mente e corpo, este estaria relacionado à mulher e àquela ao homem. A essa comparação, eram atribuídas ao corpo as características: “desregrado, disruptivo, necessitando de direção e julgamento” (GROZ, 2000, p. 47). Ana Júlia, única filha de Gena e Ângelo Antônio, era considerada uma moça desonrada, porque não aceitou a imposição matrimonial, virou a escória da família, principalmente, porque ela estava totalmente “fora do controle consciente”.

Cecília M. B. Sardenberg (2006, p. 3), parafraseando Sarah Mosedale, diz que “ninguém ‘empodera’ outrem, isto é, trata-se de um ato autorreflexivo de ‘empoderar-se’, ou seja, a si própria (pode-se, porém ‘facilitar’ o desencadear desse processo, pode-se criar as condições para tanto)”. Com o aval da família, Ana Júlia ressignificou sua identidade, tornou-se uma mulher empoderada. No futuro, ela e o marido seriam os donos das terras que pertenceram ao velho Gonzaga.

Mary Del Priore (1993) fez uma ampla pesquisa histórica sobre a vida das mulheres no Brasil colônia e revela que a dominação masculina aqui foi pior que na Europa, uma vez que a Igreja atuava de maneira mais acirrada junto à Coroa, em favor da povoação da colônia. A argumentação maior de clérigos era a defesa do matrimônio e da

maternidade como oportunidades exclusivas de as mulheres se fazerem aceitas e bem quistas. A história de Ana Júlia explicita essa herança dos costumes patriarcais herdados, uma vez casada, a mulher devia assim permanecer, como uma sentença irrevogável.

Aos 24 anos de idade, foi pedida em casamento por Felipe, deficiente físico por não ter um braço. Os dois mantinham uma relação amigável justamente por serem tratados de maneira diferente, conversavam sobre variados assuntos. Isso fez com que Felipe achasse que a moça poderia ser uma companheira para a vida, foi um erro grave, pois para Ana Júlia aquilo não passava de mais um arranjo, uma solução para um problema que, para ela, não existia. A jovem respondeu duramente:

Olha aqui, seu Felipe, não me venha com essa lorota de aleijão. Que diferença um braço a mais ou a menos pode fazer no espírito de um indivíduo? O que conta é o todo, o conjunto interior. Quero saber lá de sua piedade. Tô muito bem como tô; se todos correm de mim como se eu fosse uma peste contagiosa, eu também corro da falsidade deles. E tem mais: piedade de si mesmo não leva ninguém a lugar nenhum. Se você pretende chegar a algum lugar, procure outro caminho, trate de arrumar uma mulher da sua idade, leal e corajosa, que possa te amar como você merece. Remendo é sempre remendo. (BARROS, 2014, p. 147)

Há nessa passagem a ideia de que a mulher deveria se manter casada mesmo que não almejasse essa condição. Existia uma ideologia de que a melhor – senão a única – forma de se obter segurança e garantia de vida estável e confortável era por meio do casamento. Del Priore (1993, p. 124), ao discorrer sobre “O matrimônio como forma de adestramento”, relata sobre as imposições feitas às mulheres casadas; por exemplo, além de aceitar a traição do marido, ainda havia a possibilidade de ter que criar filhos bastardos. Ademais, ainda existia o menosprezo àquelas que não se uniam em matrimônio legítimo: “A igualdade dos cônjuges tinha de traduzir-se num amestramento radical da esposa e também numa caricatura inflexível da mulher ‘solteira’, daquela que vivia em relações consensuais não-sacramentadas, das ditas ‘largadas’...” (DEL PRIORE, 1993, p. 129). Prática que ainda existe no século XXI, visto que a clássica pergunta sobre o dia em que se sairá da casa dos pais por meio do casamento ainda é ouvida por muitas jovens hoje.

Dando sequência a essa pesquisa, está a relevância de atentar-se aos nomes próprios. Há uma série de personagens chamadas Anas em *Mesa dos Inocentes*. Vera Silva (2014), no prefácio do romance em estudo, diz que é comum, em muitas famílias, a preferência por determinado nome e é frequente a repetição, inclusive cita o clássico

Cem anos de solidão que segue essa vertente. Faz-se importante ressaltar que Ana é um nome bíblico.

Consultando o dicionário de nomes próprios, encontra-se a informação de que haveria ao menos três Anas, todas ilustres: no Velho Testamento, Ana foi mãe tardia do profeta Samuel; no Novo Testamento, houve uma anciã, serva de Deus que profetizou “a falar do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém”²². A terceira seria Santa Ana, avó materna de Jesus Cristo, porém não há na Bíblia essa confirmação, nesse livro não aparecem os nomes dos pais de Maria. Entretanto, há documentos em Roma que atestam a existência dela a partir de pesquisas genealógicas posteriores ao livro Sagrado. Ainda no mesmo dicionário, é informado que se trata de um nome que veio do hebraico – original Hannah, depois Anna, do latim – e significa “graciosa” ou “cheia de graça”. A escolha do nome Ana, sendo um palíndromo que possibilita a leitura pela direita e pela esquerda, junto com a estratégia narrativa, sugere o atar das pontas da vida.

Seguindo no tempo da memória, a narradora vai tecendo o histórico das Anas. A primeira Ana Vitória foi a matriarca dos Gonzagas, era austera, exercia uma autoridade inquestionável, mantendo tudo sob seus olhos. Em sintonia com os padrões vigentes à época, era uma esposa temente a Deus e obediente ao marido. É importante relatar que ela pediu a Tomás para que trocasse os noivos: deixasse Laura com Vítor e Ana Alice com Manoel. Pedido feito na intimidade do quarto deles para, assim, não desautorizar o esposo perante as filhas e genros. O que a matriarca, talvez, não entendesse era a importância das alianças feitas entre os patriarcas. Para coibir a prática do incesto, regra universal entre os humanos, pais faziam a “troca de mulheres”, termo cunhado por Lévi-Strauss, num estudo de Piscitelli (2009), que definia a troca de moças entre clãs conhecidos, ato que propiciava benefícios para ambos os lados. “Assim, as famílias tornam-se aliadas – de onde vem o termo ‘aliança’, que o casamento representa”. (PIACITELLI, 1993, p. 11). O nascedouro dos arranjos matrimoniais.

Pierre Bourdieu (2012, p. 22) aponta a repetição de nomes pela ótica da dominação masculina em que há o “sistema mítico-ritual”. O estudioso diz que “como, por exemplo, o fato de tratar a germinação do grão como ressurreição, acontecimento homólogo ao do renascimento do avô no neto, sancionado ao ser-lhe dado o mesmo nome —, dá um fundamento quase objetivo a esse sistema”. O casal Gonzaga teve cinco filhas, dentre

²² Evangelho segundo São Lucas, capítulo 02, versículo 38.

elas, duas foram batizadas de Ana: Ana Cristina e Ana Alice. Na visão de Ana Vitória-narradora, sua mãe era uma pessoa bem parecida com a matriarca já citada: submissa ao cônjuge, ordeira e dedicada ao lar e aos filhos. Porém, tinha marcas peculiares, como defender Laura. Quando criança, obviamente, Aninha desconhecia a razão e até achava estranho isso:

Reta como uma linha, mãe era fanática por justiça. [...] Tinha um jeito misterioso de conviver com as irmãs. Entre as cinco, duas mereciam atenção especial. Tia Ana Alice eu até podia entender. [...] Mas para o tratamento que mãe dispensava a tia Laura eu não encontrava justificativa. (BARROS, 2014, p. 88).

Durante os dois anos de reclusão da irmã enlutada, foi várias vezes visitá-la, consolá-la, mas sem sucesso porque Laura só recebia seus dois filhos e convivia apenas com empregados. Atitude que magoava Ana Cristina, entretanto sabia compreendê-la. Outra característica de Ana Cristina era o afeto para com seus filhos e por sua sobrinha Tomázia, esta foi acolhida pela tia sem nenhum tipo de entrave. Essa ternura é vista pela filha narradora como um contraponto à austeridade do marido João Cabral. Voltando à Del Priore (1993), as mulheres consideravam natural a subserviência em relação aos homens, até ajudavam a máquina patriarcal funcionar mesmo sem a presença deles visto que isso fazia parte do *habitus*²³.

Rosália Andrade Cavalcanti e Ana Lúcia Francisco (2016), num artigo sobre Virginia Woolf, comentam as supostas razões que atestariam as diferenças entre homens e mulheres, resultando em preconceito. Uma delas é a biológica: “Ao homem, com seus músculos e cérebro maior, pertenceria o espaço político, o trabalho e a vida intelectual; e à mulher, perfeita para as funções maternas e domésticas, caberia o espaço privado”. (CAVALCANTI e FRANCISCO, 2016, p. 37), as autoras baseiam-se em estudos do filósofo iluminista Jean Jacques Rousseau e reforçam que as colocações, na época, eram abonadas pela ciência. Assim é que surge no século XX uma francesa indignada com a situação opressora há tanto tempo instituída. Woolf fez de seus textos palco de denúncia contra o machismo e a dominação que os homens insistiam em perpetuar.

²³ O *habitus* vai, no entanto, além do indivíduo, diz respeito às estruturas relacionais nas quais está inserido, possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto seu conjunto de capitais. [...] O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos. Ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas.” Por Eduardo Socha.

Sobre a mãe da narradora, houve dois episódios que a conduta dela merece destaque. O primeiro foi às vésperas da reza em que havia a mesa de doces. O esposo já tinha decidido que eles não iriam ao ritual em razão de ser servida aguardente de cana de açúcar, resultando em arruaças que incluíam maus-tratos para com as crianças: “Quem são eles, uns pirralhos indefesos contra um bando de cachaceiros, contra foguetes tontos que pipocam pra tudo que é lado. [...] Nós não vamos e não se fala mais nisso!” (BARROS, 2014, p. 47). O que ocorria é que os infantes aguardavam ansiosamente há dias pelo evento, especialmente Aninha, justamente pelas guloseimas que eram servidas. Assim, paciente e sagaz, Ana Cristina foi tecendo argumentos, para convencer o marido até que ele cedeu.

Nessa parte, faz-se necessário compreender o patriarcado e o papel da mulher dentro desse sistema. Piscitelli (2009, p. 9) explica que “é um sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem”. Ampliando mais o conceito, “o poder patriarcal diz respeito à capacidade masculina de controlar o corpo da mulher, para fins reprodutivos ou sexuais”. Entretanto, após a segunda onda feminista e a obra *O segundo sexo* (1949), mais precisamente na década de 1960, o reconhecimento de que a dominação masculina imperava, o movimento feminista atingiu notoriedade pela conscientização de que o papel da mulher era construído socialmente, portanto poderia ser desconstruído.

Assim, “as feministas trabalharam em várias frentes: criaram um sujeito político coletivo, as mulheres, e tentaram viabilizar estratégias para acabar com a sua subordinação”. (PISCITELLI, 2009, p. 9). Essa autora expõe que a mobilização chegou a um teor acentuado pela ciência de que a opressão atingia também “as mulheres de classe alta e brancas”. Categoria que pode ser relacionada à personagem Ana Cristina, por isso é reconhecível sua submissão, mas também o esforço de agradar às crianças.

Ana Cristina, contradizendo-se um pouco, no evento, após a delação de Aninha, não a repreende frente aos participantes, nem se dá ao trabalho de justificar a conduta da filha – desculpando-se. Apenas a acalenta dizendo “que não tinha sido falta tão grave assim”, dando uma demonstração de um profundo amor maternal. Depois disso, mais uma mostra de empatia efetuou-se no infeliz dia da visita dos pais de Thiago. Ana Cristina zelou de Tomázia:

Mãe passou os braços em volta dos ombros de Tomázia, um feto encolhido, renegado, sujeito às contrações do útero que nunca deveria tê-lo alimentado.

[...] Mãe levou a sobrinha para o quarto com o cuidado de quem carrega um filhote de passarinho. [...] com voz doce, contou a Tomázia a história exatamente como tinha acontecido. Falou da vulnerabilidade do ser humano nas questões de ordem coronária, das peças que o coração pode nos pregar, argumentando que o amor é um território selvagem, ingovernável. (BARROS, 2014, p. 141)

Além dessas palavras, Ana Cristina disse à Tomázia que diversos casais enfrentaram barreiras na realização do amor, tanto da vida real – como o caso de sua irmã Djanira e o aloprado Virgílio –, como da ficção – Romeu e Julieta –, demonstrando que, além de ser amorosa, também tinha algum conhecimento sobre literatura. Nas discussões com Felipe quando questionava a existência de Deus, ela mostrava sua devoção e rebatia a fim de mostrar, principalmente aos filhos, o absurdo daquela postura: “Quando o cunhado começava suas preleções, ela punha de lado seu compromisso com a paciência, sua obediência e concordância firmadas em cartório, e, possessa com o que ela chamava de blasfêmia da pior espécie, partia pro ataque:...” (BARROS, 2014, p. 65). Assim, é uma mulher que, com o passar do tempo, também foi adquirindo certo empoderamento. Sardenberg (2006, p. 4) defende que “empoderamento é um processo, não um simples produto. Não existe um estágio de empoderamento absoluto. As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas em relação a outros, ou então, em relação a si próprias anteriormente”.

Cavalcanti e Francisco (2016, p. 38) analisaram diversas personagens que Virginia Woolf criou e “destacou a posição secundária das mulheres na sociedade, as quais exerciam o papel de guardiãs do lar e limitavam-se ao universo doméstico e à procriação”. Na efervescência do crescimento urbano e industrial, para Woolf, as mulheres deveriam avançar junto com esse processo, mas, ao contrário, permaneceram, em sua grande maioria, na esfera do lar enquanto os homens tomavam conta do espaço público. Em se tratando de identidade, há a necessidade de desnaturalização das identidades. As referidas estudiosas reforçam que Woolf “[a]presenta as identidades como sendo discursos performativos e fluidos e como sendo formadas a partir da retirada do corpo do campo da biologia, desnaturalizando tanto o gênero, quanto o sexo”. (CAVALCANTI e FRANCISCO, 2016, p. 41).

De volta às Anas de Adeline, houve Ana Alice que também demonstrou mudanças no decorrer de sua vida. A primeira descrição que se tem dela foi feita por Laura, falando da irmã nos tempos da juventude, achava-a um ser frágil, que a irritava porque atribui a isso o sucesso de ter ficado com Vítor. Adiante, Ana Vitória faz um relato

mais completo de sua tia, compara-a a uma planta sem cor ou a um réptil escondido num lugar escuro. Ana Alice parecia ser uma mulher tímida e sem iniciativa, era insegura e ciumenta – o leitor, depois de saber da disputa entre as duas irmãs pelo mesmo homem, compreende seu comportamento – não tinha atrativos físicos como Laura: “Branca como um fantasma, parecia navegar a esmo na correnteza escura de um rio absurdo”. (BARROS, 2014, p. 88). Vista assim, prevalece a conceituação de uma mulher inocente, porém, ao acompanhar o desenrolar de sua história, o leitor terá uma visão diferente a respeito da transformação a que as mulheres estão sujeitas, se houver espaço e oportunidade para elas.

A partir dos reveses da vida, mudanças acontecem, por vezes, surpreendentes no interior das pessoas. De maneira inesperada, o patriarca Tomás a escolheu para visitar a caçula Djanira, num hospital em São Paulo, e buscar a neta Vitorinha, recém-nascida. Diante de um quadro triste – a irmã morrendo lentamente e a sobrinha sem o alimento materno – Ana Alice transmutou-se numa mulher decidida e forte: “A força de sua vontade acabaria fazendo com que os limites naturais da maternidade fossem ultrapassados. [...] No terceiro dia, de seu interior dolorido, porém determinado, em conjunto com as lágrimas, rolou o leite”. (BARROS, 2014, p. 122). Criou Vitorinha com desvelo, ali junto ao pai, na fazenda São Tomás.

Outra filha de Tomás é a responsável pelo ritual da mesa dos inocentes, tratada por Nena. Ela só aparece na realização do evento, assemelha-se à Ana Cristina – aos familiares num todo – pela religiosidade. Organizou a cerimônia de maneira tradicional como já foi descrita no primeiro capítulo desta dissertação. Ulterior ao incidente de Aninha, aconteceu outro de séria proporção: um convidado, já alterado pela bebida, entrou de supetão na sala do oratório cantando mais alto e descompassado que os devotos, provocando risos de todos. O anfitrião marido de Nena, ao final do terço, disse que no ano seguinte seria diferente. Nunca mais houve preparação de mesa para os inocentes, nem bebida alcóolica, apenas um simples café, depois da reza.

Não menos interessante é a história da caçula do velho Gonzaga, Djanira. Ana Vitória narra, de maneira comovente, o que aconteceu à tia. Parecida com Ana Alice, é descrita como uma mulher apagada, quieta – quando jovem –, sem nenhum grau de importância até o dia em que o paranaense Virgílio apareceu na fazenda. Era uma ávida leitora, morando num lugar tão distante de qualquer espécie de escritos, a chegada do vendedor ambulante, justamente de livros, e outras exóticas mercadorias foi o mesmo que

encontrar uma tábua de salvação. Em poucos meses, o paciente mascate transformou o marasmo de sua vida, tornaram-se namorados, situação que deixou o coronel Tomás extremamente irritado e preocupado, pois não se sabia nada sobre ele, e sem condições de saber. Sem muita ponderação na fala, o pai a advertiu de que o homem poderia ser casado, um mau caráter. Doravante, o idoso viu seu poder patriarcal começar a ruir porque Djanira revelou uma faceta até então desconhecida: “Já vi os documentos dele pai, é solteiro e decente. Se não me casar por bem, me caso por mal”. (BARROS, 2014, p. 97).

Aos olhos das adolescentes Aninha e Tomázia, a tia Djanira ganhou ares de uma verdadeira mulher, passaram a enxergar uma beleza que até então não existia. Por outro lado, tornou-se fora dos padrões vigentes. Todas as parentas se uniram numa luta para que a moça desistisse daquela escolha, em vão, no curto período de três meses, estavam casados e, aumentando a audácia, decidiram morar na Casa de Tomás, diferente dos outros filhos que tiveram que montar suas próprias casas ali por perto. Mais uma afronta ao patriarca foi a postura do novo genro que não se embrenhou na lida com os outros homens, vivia no conforto da residência, o máximo que fazia era vender algumas coisas ou inventar empreendimentos descabidos para o lugar, só Djanira o enxergava com bons olhos. Instalada na sua nova condição de mulher empoderada, Djanira sentiu-se à vontade para com o marido viajar: primeiro, o Paraná, depois, a Itália. Obviamente, com o dinheiro do genitor, embora não mais ouvisse seus conselhos, nem de outras pessoas de seu convívio. Mais uma personagem inocente, não só pela decisão de se casar com um desconhecido, mas por não sentir que seu corpo se trasmudava pela gravidez e por uma possível doença.

Nessa época, Djanira já tossia com frequência, por isso o pai quis dissuadi-la da partida. A teimosa filha não só acalmou o pai dizendo ser uma gripe comum, como também omitiu sua gestação. Passados poucos meses, chegou uma carta avisando sobre o grave estado de Djanira, internada num hospital da capital paulista. Com câncer em estado terminal, deu à luz a Ana Vitória Valentina Leopoldina mais uns sobrenomes não citados, uma invenção do destrambelhado Virgílio, salpicando humor numa situação enternecedora. A narradora gostava de ouvir, repetidamente, a triste sina da tia porque, como garota fantasiosa que Ana Vitória era, imaginou que poderia fazer até um filme sobre “A pobre vida de Djanira” (BARROS, 2014, p. 120). Ainda afirma que o episódio foi de grande valia a ela, pois, sempre que enfrentava uma situação difícil, imaginava a cena do avô se despedindo pela última vez da filha, pensava na tia separando-se

definitivamente da filhinha bebê e chorava abundantemente a ponto de comover professores e demais pessoas de seu restrito convívio no colégio interno.

Em *Mesa dos Inocentes* (2014), a presença de personagens femininas é bem significativa. Dando seguimento a histórias de empoderamento num tempo em que não era permitido à grande parte das mulheres, uma vez que “empoderamento é, simultaneamente, processo e o resultado desse processo,...” (SARDENBERG, 2006, p. 6). Algo nem sempre fácil dada à situação de silenciamento na qual viviam a família do Gonzaga. Tem-se a apresentação da única nora do coronel. Não há menção às outras cinco – eram seis filhos. Por conta própria, surgiu na Vilinha São Tomás, a casa de prostituição administrada por Maria Caolho, mulher exploradora e avarenta, que mantinha no local uma jovem apenas para lavar roupas. Era Eugênia, levada para a fazenda pelo fiel cliente Ângelo Antônio, apenas por piedade, diante o serviço pesado e abusivo a que era submetida. Ali, depois de protestos de Ana Vitória-avó e de cuidados de Domitila cuidando de uma suposta tuberculose que não existia e pediculose, passou a ser mais uma serviçal na Casa.

Analisando Gena, faz-se importante voltar a Bauman (2005) porque ele afirma que “o pertencimento” e a “identidade” não têm a rigidez de um rochedo, ao contrário, são passivos de modificações. O teórico acredita na soberania quanto às opções identitárias das pessoas: “as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”. (BAUMAN, 2005, p. 17). Dessa forma, ocorreu a transformação de Eugênia mesmo sendo tão jovem.

Com o tempo, transformou-se numa bela adolescente e muito trabalhadeira; por conseguinte, Tomás viu a oportunidade de “organizar” a vida de seu primogênito. Assim foi feito, em cinco meses Gena – possivelmente uma cigana que se perdeu de seu grupo – fazia parte da família. Uma interpretação que sugere uma contraposição são os nomes de ex-patroa e ex-empregada: Maria Caolho – de visão “torta” – explorava, Eugênia – sagaz e paciente –, deixou de ser explorada e alcançou o que a maioria das prostitutas dali queriam: uma casa e um marido que as sustentasse. Isso sem fazer nenhum esforço, ela nem entrava no salão, Ângelo a viu lavando roupas quando foi pegar seu cavalo para ir embora, alta madrugada, então sentiu pena.

Para dar continuidade à história de Eugênia, faz-se interessante uma breve pesquisa no dicionário de símbolos. O número três é carregado de simbologia em diversas

culturas, por exemplo, para os católicos representa “a perfeição da Unidade divina: Deus é Um em três Pessoas” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 899). O tempo é triplo, pois se têm passado, presente e futuro. Para os gregos, os maiores do universo são os irmãos “Zeus, o Céu e a Terra; Posêidon, os Oceanos; Hades, os Infernos” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 899). A referência foi feita porque, no terceiro dia após o casamento de Eugênia, o esposo Ângelo Antônio pronto para voltar à vida de esbórnica no prostíbulo – como o matrimônio fora uma imposição paterna, não enxergava empecilho em continuar sua vida boêmia –, deparou-se com uma aparição inimaginável.

Gena superou o acanhamento e, apareceu na frente do esposo apenas com uma manta sobre os ombros, afirmando estar pronta para acompanhá-lo na noitada. O resultado, da mesma maneira, foi inusitado: “Sentiu pela esposa adolescente um carinho fundo e um desejo intenso como nunca experimentado antes. [...], era naquele quarto que ele iria descarregar a febre de sua descomunal energia. O sono da Vila nunca mais foi o mesmo.” (BARROS, 2014, p. 82). Havia um costume de mulheres não se despirem na presença do marido, mantendo certo recato. Ratifica essa prática Del Priore (1993, p. 149; 150) com sua pesquisa histórica quando afirma que “... a igreja reduzia ao mínimo o lazer erótico e qualquer situação de prazer”. Citando Azpicuelta Navaro, acrescenta: “... e mui dignos de repressão os que sendo de um sexo se põem a ver os do outro quando se banham, quando se desnudam ou quando dormem”.

Novamente com Bauman (2005), há a alegação de que, enquanto uma pessoa não resolver o dilema do pertencimento, não encontrará forma de reafirmar sua identidade. Assim, fica explicado o porquê de ela ter se tornado uma mulher empoderada, pois enxergou no casamento arranjado seu verdadeiro lugar já que não tinha nenhuma família. Mesmo assim, essa decisão não fez dela uma mulher submissa a ponto de aceitar um marido promíscuo, reverberando o que afirmou Bauman e o sentimento de pertencimento. Possivelmente, por isso apoiou sua filha única Ana Júlia na decisão em não conservar o primeiro casamento.

Para compreender a vitalícia governanta Domitila – mulher negra que serviu os Gonzagas por muito tempo –, algumas informações devem ser expostas. Gilberto Maringoni (2011) faz importantes elucidações sobre a situação do negro após a abolição. A Lei Áurea foi mais um ato político em favor da economia brasileira do que uma atitude humanitária, disso resultou o abandono em todos os aspectos dos negros. Assim, iniciou-se a marginalização que se vê até nos dias contemporâneos, como a falta de oportunidades

no mercado de trabalho. Citando o sociólogo Florestan Fernandes, Maringoni diz que, após a abolição, o foco dos latifundiários estava exclusivamente para seus próprios interesses.

Com o nome da Marquesa de Santos, a mais famosa amante de Dom Pedro I, Domitila teve uma participação importante na infância da narradora. Negra, órfã e analfabeta. Desde cedo, instalou-se na Casa, sem detalhes de onde veio e nem em que lugar dormia. Nunca aceitou o salário que lhe era ofertado com frequência. A personagem mostra-se subserviente a ponto de, quando lhe ofereciam pagamento, recusava-se afirmando não necessitar porque tinha tudo de que precisava ali. Assim, sua força de trabalho era explorada. Gerou três filhas sem nunca ter se casado, deixando ao leitor aberta a suspeita de ter sido vítima de abuso sexual. Depois da morte da matriarca Ana Vitória-avó, tomou para si toda a responsabilidade doméstica: “Sabida. Sabia das letras e das gentes; sabia dos Gonzagas como ninguém. Tinha o mapa interno de cada um de nós, dos vivos e dos mortos”. (BARROS, 2014, p. 67). Dispensava cuidados para com todos os netos de Tomás, mas, como Aninha tinha um espírito questionador, dava-lhe mais atenção e explicações.

Como o livro analisado tem a duração do tempo passado muito maior do que a do presente, aparecem mais personagens dessa época. Antes de abordar uma muito importante, cabe aqui um aparte para comentar sobre o sentimento de melancolia – será falado mais adiante também. Em estudos sobre Sigmund Freud, Adolfo Frota (2019) comenta que uma das características do melancólico é “a diminuição da autoestima” (FROTA, 2019, p. 12). Muito significativa para Ana Vitória foi Tomázia que, de moça tranquila e alegre, passou para um estado de introspecção, depois de certo tempo namorando Thiago, escondido dos pais/parentes, demonstrando um estado de melancolia nunca apresentado antes, mais sobre essa moça será explicitado. Para compreender a importância da personagem, convém abordar a ilustração da capa do livro *Mesa dos inocentes*.



(BARROS, 2014)

Na capa, há um fundo preto, parte da pintura de Caravaggio, obra chamada de *Narciso* (pintada entre 1597 a 1599) refletida num espelho de mesa a partir de um foco de luz diagonal que se inicia no alto da página com a mesma imagem – o rosto de Narciso contemplando-se²⁴. É cabível análise pela carga simbólica presente na imagem, a começar pela representação do escuro que pode ser associada ao fato de que, por diversas vezes, Ana Vitória fala que sua vida era povoada de silêncios, isso a incomodava e lhe deixou consequências, comprovadas no desfecho quando ela diz que aprendeu a dominar a estupidez do silêncio.

Em mais uma referência ao dicionário de símbolos, nele é mencionado Carl Gustav Jung que, na esfera psicológica e individual, atribui à cor preta “o lado sombrio da personalidade, uma das primeiras etapas a superar”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 633). E mais, “A *cor preta* indicaria a fase inicial de uma evolução progressiva,...” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 633, grifo dos autores), Ana Vitória e Tomázia, na rápida evolução progressiva da adolescência, tinham embaraços a serem superados. Quanto à narradora, já foi citado o quanto a incomodava o silêncio dos adultos, o jeito de ser pacífico de Tomázia, dentre outras coisas. Já em relação à prima-irmã, os embaraços referidos, *a priori*, parecem ser uma afirmação sem nexos,

²⁴ Diagramação e capa são de Marcos Diques.

porém é preciso atenção, desde o início, nas declarações sobre essa personagem. Não há espaço para dúvida quanto à nobreza de alma dela; no entanto, por ser sempre o símbolo de perfeição para todos, a “boazinha da história”, não foi capaz de superar a primeira e única difamação proferida pelo pai de Thiago. Essa moça entendia sua situação – era diferente dos demais primos, não convivia com os pais, sendo assim uma rejeitada – entretanto, inocentemente, tinha noção de que não havia meios de mudar a situação, por isso enxergou na morte a solução para apagar a vergonha que ela representava, era originada de adultério.

Antes de retomar mais um pouco da simbologia do espelho, é necessário voltar à mitologia grega. No começo do romance, Laura compara a filha Tomázia à deusa Vênus pela beleza. Adiante no enredo, a mãe afirma que a moça tinha tendência narcísica, porque se tornou “vítima de si própria. Sucumbiu à própria imagem refletida no espelho da vaidade” (BARROS, 2014, p. 26). Essa assertiva deixou Ana Vitória indignada. Aninha rebate a caracterização, dizendo que Tomázia nunca foi “autoritária, exibicionista, superior. E jamais demonstrou propensão para autodestruição.” (BARROS, 2014, p. 26). Os três adjetivos – autoritária, exibicionista, superior – serviam para a tia Laura. Também a personagem grega Narciso não tinha essas características, ele estava mais para pessoa solitária, sem se interessar por alguma das belas ninfas, foi considerado vaidoso. Junito de Souza Brandão (1987, p. 186, grifos do autor) faz uma afirmação confirmando a fatalidade que ocorreu com Narciso: “Deixando de lado o jovem frio, indiferente ao amor e autossuficiente, apresentam-no como vítima de uma ilusão de que a *Imago*, a imagem, a *umbra*, a sombra, são a única realidade”.

De volta à pesquisa de Frota (2019, p. 13), a partir de estudos freudianos, em relação à melancolia, há “... o sentimento de inferioridade (principalmente moral)...”. Tomázia, em si, não se mostrava inferior a ninguém, mas a mãe, por demonstrar certa aversão pelo crescimento da moça em estatura, gentileza e humildade, inferiorizava a filha. Sinal disso é a compra de roupas infantis para uma adolescente e não permitir que ela usasse roupas da moda da época – como a blusa ombro a ombro –, não providenciou matrícula no colégio interno, tanto que ela só entrou por iniciativa do pai de Ana Vitória e cerca de dois anos atrasada. Ainda com Frota (2019, p. 13), ao citar Benjamin, à melancolia é atribuído “um estado de autoabsorção,...”. A referida moça “Tinha mudado muito. Imersa num mundo próprio, parecia distante, inatingível estrela a vagar pelo firmamento. Impossibilitada de divulgar aquilo que lhe era mais caro, o amor pelo

namorado, perdera o jeito pra partilha. Falava pouco e ria menos ainda”. (BARROS, 2014, p. 128). A situação da moça é parecida com a de Narciso e Édipo rei: “Ambos se arruinam, no momento em que a ἀναγνώρισις (anagnórisis), o ‘conhecimento’, os conscientizou acerca do objeto de seu amor: ...” (BRANDÃO, 1987, p. 185)

Conforme Chevalier e Gheerbrant (1989), o espelho pode refletir uma imagem inversa: “... o espelho dá uma imagem **invertida** da realidade: *Aquilo que está no alto é como aquilo que está embaixo...*” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 394, grifos dos autores). No espelho de mesa, nota-se exatamente o que está em *itálico* nessa citação e não representa a analogia que Laura faz entre Narciso e Tomázia. A interpretação que se pode fazer é a relação entre a genitora e sua filha. Quando a mãe caracteriza a filha como narcisista, na verdade, fala de si mesma. Tornando-se uma adolescente bonita como a mãe, cada vez que esta olhava para a garota era como se enxergasse uma imagem invertida dela mesma. Brandão (1987, p. 186), aludindo a Manoel de Castro e o conceito de literatura infantil, faz referência pertinente sobre o espelho: “Atentemos à imagem: podemos achar que corresponde, mas a imagem não é o que somos: ela é, sendo outra que não nós. (...) O que é espelho? É o lugar a partir do qual, especulando, colhemos o que somos e não somos”. Laura era vaidosa e orgulhosa, temia o crescimento da filha. Ela reconhece isso e fala à Ana Vitória, depois a narradora conta que Ana Cristina também percebia um sentimento estranho da irmã para com a herdeira:

... eu vivia sob o orgulho de minhas supostas qualidades, alimentava-me da fantasia de um poder inigualável. (BARROS, 2014, p. 16)

Desentendo minha irmã; não criou a filha e agora se acha no direito de controlar a vida da menina, nem crescer a menina pode. Desconfio que minha irmã tem medo da comparação. Fico pensando no dia em que uma criança chamar Laura de vovó, coitada vai morrer de desgosto. Pobre Laura, renunciou, mas não perde a esperança. (BARROS, 2014, p. 127)

A impressão que se tem é de que havia inveja de Laura para com a própria filha. Numa afirmação, referindo-se ao jeito de ser da moça, ela a culpa por ser uma pessoa de caráter retilíneo: “Cativante como ninguém, era simpática com todos, porém absolutamente incapaz de uma empatia verdadeira. A perfeição é exigente, ela cobra fidelidade e, em muitos casos, fere tão fundo quanto a aberração”. (BARROS, 2014, p. 26; 27). Laura justifica-se quanto ao envolvimento adúltero com Vítor e culpa a filha por tudo que aconteceu: o fim de seu romance com o cunhado porque Tomázia era muito parecida com o pai e o suicídio. Mais uma vez recorrendo aos estudos de Brandão (1987,

p. 1847), é interessante observar mais uma semelhança com Narciso uma vez que este também atentou contra a própria vida porque, “[d]e modo explícito, ao recusar comer, Narciso se suicidou. Esse suicídio anoréxico foi motivado pela desilusão: ...”.

Há a descrição de Tomázia por três pontos de vista diferentes: o da mãe, já falado, o de Ana Vitória que a amava como uma irmã e de Dorina. Depois de conhecer cada um deles, percebe-se que, de fato, ela não era o que Laura disse à sobrinha narradora. Aninha narra que Tomázia era muito bonita – quando criança era preterida em diferentes eventos, ao contrário de Aninha. Fisicamente, eram opostas,

dava para pensar que os artistas se inspiravam em Tomázia na hora de esculpir seus anjinhos sorridentes. Eu era morena, com uma juba preta e lisa que me escorria cara abaixo. Com certeza, procurando muito, fosse até possível encontrar alguma utilidade para minha figura, que, livre de comparações, era bem razoável, mas o papel de anjo de procissão ou de dama de honra jamais me foi oferecido. E não adianta negar a frustração.” (BARROS, 2014, p. 89).

A narradora confessou por duas vezes que sentia certa inveja da prima, mas não como um sentimento ruim, diz ser algo de criança mesmo, o amor que nutriam uma pela outra era bem maior.

Tomázia – nome que é feminino de Tomás, variação de Tomé, aquele que é teimoso e só acredita vendo – foi renegada por Laura assim que Ana Vitória-avó a entregou para ser amamentada. Mesmo pequenina dava para ver a semelhança com Vítor, por isso Laura a devolveu para a avó que a levou para Casa. Dandara, filha de Domitila, foi quem amamentou a bebê. Um pouco maior, a matriarca a levou de volta para casa de Laura. Porém, assim que aprendeu a andar, Tomázia retornou para a Casa dos avós. Nada nem ninguém conseguiam fazer com que regressasse ao lar dos pais, sendo, nesse ponto, tão teimosa quanto Tomás/Tomé. Poucos anos depois, a matriarca dos Gonzagas faleceu. Diante disso, Tomázia foi para a residência de sua tia Ana Cristina e dormia no mesmo quartinho de sua prima Ana Vitória. Lá, cresceu plácida, de temperamento sereno, representando o oposto da narradora.

Em um artigo publicado na revista da UFG²⁵, a psicóloga Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira (2004) discute sobre o suicídio e a tentativa de suicídio na adolescência.

²⁵ CMF da Silva Teixeira - Revista UFG, 2004 - revistas.ufg.br. Disponível em https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=suic%C3%ADdio+na+adolesc%C3%Aancia&oq=s. acesso em 01 de jul. de 2020.

Ela chama atenção para a complexidade do assunto e, por isso é estudado por profissionais de áreas distintas a fim de não haver uma “visão unidimensional da realidade” (TEIXEIRA, 2004, p. 36). Para mais, a chefe do departamento de psicologia daquela instituição considera o suicídio e a tentativa o “mais drástico dos infortúnios” (TEIXEIRA, 2004, p. 36) que acometem os jovens, e o que é alarmante, os propensos dão mostras. Todavia, na maioria das vezes, os sinais não são percebidos pelas pessoas que convivem com eles, denotando “despreparo dos profissionais e da família” (TEIXEIRA, 2004, p. 36). O estado introspectivo já citado, talvez, fosse um sinal que Tomázia estava emitindo.

Dorina fala à narradora o quanto admirava Tomázia, diz que ela foi muito importante para todas as mulheres de sua geração e de outras também, era amada indiscriminadamente por todos. Acrescenta que, após o ocorrido da humilhação proferida pelo pai de Thiago que incitou a jovem ao suicídio, tornou-se um “monstro sagrado” (BARROS, 2014, p. 191). Como Tomázia era considerada um espelho para Ana Vitória, é relevante recorrer ao dicionário de símbolos porque a alma pode ser comparada a um espelho: “Segundo Plotino, a imagem de um ser está sujeita a receber a influência de seu modelo, como um espelho”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989, p. 395). Dessa forma, compreende-se o porquê de Ana Vitória ter sofrido – e ainda sofrer – tanto com a morte brusca e prematura de Tomázia, quando esta tinha apenas dezesseis anos.

Ana Vitória sentia certa culpa pelo ocorrido: com 12 anos, no colégio interno, teve uma premonição de que Tomázia em breve encontraria um namorado. Aconteceu exatamente como previu, não só ela como a irmã Teca e outros primos ajudaram-na num relacionamento saudável – encontros só nas férias – durante dois anos, dos 14 aos 16 anos com Thiago. Não só por isso, mas também pelo sentimento de inveja que aumentou por causa do namoro, Aninha e mais as outras primas eram apaixonadas pelo rapaz. Ele, além de boa aparência, era muito gentil e educado, encantava, inclusive, Ana Cristina que via nele um modelo de gênero. O rapaz ajudava nos afazeres domésticos, era solícito para com tudo: no caminho para Cristal com Tomázia ao seu lado no jipe, foram vistos por Laura. No mesmo dia, ela foi à casa da irmã sondar a situação e teve a certeza do namoro. Daí, mais tarde, escreveu o bilhete denunciador. É importante ressaltar que o leitor só saberá do conteúdo e da autoria quase no fim do livro.

Caro Sr Plínio e dona Vânia,

Não pretendo assinar este bilhete. Mas garanto que o assunto é sério. Vocês não me conhecem nem precisam conhecer. Basta que saibam de um acontecimento que, tenho certeza, vai contra a vontade dos dois. Além de ser uma tremenda injustiça ser tapeado pelo próprio filho. É isso que está acontecendo. Thiago, o filho de vocês, namora escondido uma moça daqui de Cristal. Quem esconde deve ter motivos. A garota da qual eu falo pode não ser o ideal de nora para as pessoas de tradição e cultura como vocês. Não vou dizer o nome nem o endereço dela, digo apenas: investiguem.

Uma amiga (BARROS, 2014, p. 187)

Nesse ponto cabe voltar a Silva (2012, p. 82) quando ele reconhece a classificação que existe na sociedade: “O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes”. Laura, considerando-se de alta posição tanto quanto os pais de Thiago, num gesto que pode ser interpretado como mesquinho e egoísta, classifica a filha numa classe inferior. Laura sempre se achou superior a seus parentes, principalmente às irmãs. Como a moça não fora criada por ela, conseqüentemente, não pertencia ao *status* de refinamento que deveria ter para poder namorar com Thiago. Isso transparece no bilhete acima descrito.

A fim de concluir essa parte da pesquisa, é preciso explicitar as personagens do tempo presente. Para falar de um pouco mais de Laura, é preciso antes conhecer a Síndrome de Peter Pan:

... trata-se de um problema comportamental que atinge boa parte das pessoas. Inclusive, pode atingir tanto homens quanto mulheres e atrapalha bastante os relacionamentos. Ela é caracterizada pela imaturidade psicológica acompanhada de narcisismo para algumas pessoas. Ademais, os indivíduos que sofrem dessa síndrome geralmente recusam-se a envelhecer.²⁶

Desde a juventude, Laura demonstrava superioridade perante todas as outras pessoas. Quando era jovem, foi uma moça muito bonita. Era inteligente e sabia palestrar sobre assuntos que outros de seu convívio não acompanhavam, apenas Vítor. Ele era refinado, gostava de música e de outros tipos de artes, e ela o esperava toda semana para dialogar com o jovem sobre coisas específicas. Dessa maneira, o leitor percebe que sempre foi uma mulher perspicaz. Nos dias atuais da narrativa, mesmo depois dos 90 anos, demonstra desenvoltura. Avesso ao que Aninha esperava, mais uma vez Laura a

²⁶ Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/sindrome-do-peter-pan/>. Acesso em 16 de maio de 2020.

surpreendeu: “Quase um século vivido ali, imune e impune. Salva da própria maldade e completamente alheia às grandes tragédias que assolam o Planeta”. (BARROS, 2014, p. 13)

Com antena parabólica, computador e internet, acompanhou todas as tragédias a que a sobrinha se referia, como as duas grandes guerras, Estado Novo, queda do Muro de Berlin, furacões, terremotos etc. Contudo, nada disso a atingiu ou a prejudicou, pois ali vivia de maneira tranquila e, assim, pôde observar todo o desenrolar da vida de Aninha: “Ana Vitória! Venho acompanhando os dias de sua vida, um a um. Os aniversários, as doenças, a formatura, o casamento, os filhos, o sucesso profissional, a vida social”. (BARROS, 2014, p. 15). A partir dessa fala, compreende-se que Laura não se enclausurou unicamente como forma de se autopunir, num estado permanente de luto. É possível inferir que, depois da morte da filha, o luto dela transformou-se em melancolia: “... o luto e a melancolia se diferenciam na intensidade. Enquanto que o luto é uma reação à perda de um ente querido, [...], em algumas pessoas, essas mesmas influências culminam no surgimento da melancolia”. (FROTA, 2019, p. 12). Esta consolida-se num estado permanente de tristeza e isolamento, mas não anula desejos ocultados pelo tempo.

Na velhice, a narradora conta que – diferente do que as pessoas pensavam – não estava cega e nem surda, pelo contrário, apresentava-se muito bem de saúde física e mental. Carregava todos os traços das mulheres da família: “rosto fino, alongado; nariz estreito e alto; boca pequena, ligeiramente caída nos cantos. [...] Divergência apenas no olhar mais firme, menos risonho. Por trás da catarata, fita-me um magnífico par de olhos escuros, sou obrigada a reconhecer”. (BARROS, 2014, p. 12; 13). Recebe Ana Vitória para justificar o adultério – relacionamento que aconteceu há mais de 50 anos com o cunhado Vítor. Conta sobre a injustiça que seu pai cometeu prometendo-a em casamento a Manoel; depois, a recusa dele em trocar os casais. Tanto ela quanto Vítor lutaram para ficar juntos, mas a decisão do patriarca mais a paixão de Ana Alice não permitiram.

A senhora diz à sobrinha que a esperava há muito tempo, porque a acusação pelo que ocorreu com Tomázia só poderia vir dela, uma vez que essa sobrinha foi uma das mais impactadas pelo suicídio. Depois por Ana Vitória ter se casado com Thiago, namorado de Tomázia na época da fatalidade. Naquele universo comandado por homens, segundo Dorina, a solidão na qual Laura vivia já era sua punição. Entretanto, o que Ana Vitória e Dorina mais as pessoas de Cristal que a conheciam não sabiam era que o enclausuramento de Laura era voluntário. Um aspecto interessante nessa história é a

melancolia por qual passou a personagem. No que se refere ao luto, Anthony Giddens (2002, p. 17) nota que

O luto deriva da perda dos prazeres e experiências compartilhados, somado ao necessário abandono das esperanças investidas na relação. Quando não ocorre um processo de luto, o resultado é muitas vezes a prolongação dos sentimentos feridos, às vezes levando ao desespero e a um colapso.

Depois da morte da filha, do sumiço repentino do marido e, de certa forma, também da separação do ex-amante, seu amor verdadeiro, o que restou à Laura foi a clausura como forma de “morrer” para o mundo já que ela tentou um suicídio, mas “O rio recusou meu corpo, mas não a dor”. (BARROS, 2010, p. 23). Adolfo Frota (2013, p. 53) traz à baila dois importantes estudiosos – Freud e Sontag - que tratam sobre esse sentimento de melancolia. Primeiramente, Freud vê que o melancólico se autoconhece muito bem, isso o diferencia dos demais porque ele mergulha nas profundezas de seu próprio íntimo. Em *Mesa dos Inocentes*, lê-se: “Meu remédio, Aninha, é a solidão. A solidão positiva, porque vem da decisão. Se, durante esses anos todos de isolamento, eu não tivesse aprendido a me conhecer, a administrar meus sentimentos, de que me teria servido a reclusão?” (BARROS, 2014, p. 25).

Para Frota (2019, p. 14), o melancólico escolhe a profunda solidão para ter um panorama mais amplo do que está ao seu redor. O que possibilita ao ser humano conhecer-se cada vez mais é a solidão, porém a idosa Laura não era completamente sozinha, havia o casal de empregados que a amparava em tudo que precisava, e seus filhos. Frota (2013), citando estudos de Susan Sontag, expõe que é uma solidão em meio a outras pessoas, portanto, é um estado de alma que o indivíduo escolhe para si numa situação de eterno sofredor. Há também a inabilidade no trato com o outro, dissimulação e sigilo. No romance de Adélice, Ana Vitória, depois de surpresa, sente-se ofendida pela tia; no início, acreditava até que ela estivesse delirando diante tanta gentileza para com ela. No passado, Laura não demonstrava amabilidade para com ninguém.

Numa citação de Sontag (1986, p. 92), há referência à cordialidade como máscara, sentimento de superioridade dentre outras formas de agir. Em *Mesa dos Inocentes*, lê-se: “Entra, Aninha... fique à vontade... como uma anfitriã completamente satisfeita. [...] Claro minha filha, a gente não se esquece das pessoas de nosso convívio diário...”. (BARROS, 2010, p. 13). Tia Laura demonstra essas características – gentil e dissimulada – desvela-as uma a uma a sua sobrinha. Conforme a personagem declarou: somente Aninha era

esperada devido à conexão das três – mãe, filha e sobrinha (Laura, Tomázia e Ana Vitória). Nesse ponto, é pertinente reforçar que a identidade tem caráter cambiante, pois Laura entendeu sua posição e, por isso, posiciona-se. No instante final entre as duas, a narradora protagonista tece uma reflexão importante para o ser humano:

Quem era eu para julgar? Julgar alguém ou um fato daquela complexidade? Por acaso eu estava agindo feito um desses escritores de hoje, caras sem compromisso com nada, que escrevem para leitor nenhum? Que tiram a culpa das costas do vilão para jogá-lo em cima de um instinto qualquer, próprio do ser humano? (BARROS, 1994, p. 27)

O comentário, além de metalinguístico, soa irônico. A forma como Laura é apresentada propicia uma interpretação mais propensa a ser encarada como vítima do que vilã, a impressão de ironia é pelas palavras “Que tiram a culpa das costas do vilão para jogá-lo em cima de um instinto qualquer, próprio do ser humano”. Laura conta sua história com tanta tranquilidade e desenvoltura que passa a sensação de que tudo aconteceu sem premeditação, pura obra do destino. O despreparo de Ana Vitória, também sua forma de agir intempestivamente ou inocentemente – ela não pensava muito antes de agir – a levou a se calar diante o discurso da anciã, isso pode levar o leitor a concordar com a nonagenária e acreditar que quem conseguiu atar as pontas da vida foi ela. A última visão que Aninha teve de Laura surpreende e corrobora com o que foi dito:

Ao sair, vi de longe, recortado sobre a vermelhidão do céu nascente, um frágil vulto feminino, mirrado como o de uma criança mal-alimentada, menor que o da noite anterior. Sentada sobre uma esteira estendida na grama, planta dos pés surpreendentemente unidas, as palmas das mãos voltadas para o sol, cabeça erguida, olhos fechados, ela meditava. (BARROS, 1994, p. 28)

Simone de Beauvoir (2018) tece considerações importantes sobre a velhice – embora muitas vezes pessimistas –, uma delas, por exemplo, está vinculada à opinião das pessoas em relação ao comportamento dos idosos. Na terceira idade, são esperadas atitudes padronizadas e diferentes daquelas de outras pessoas: “Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam;...” (BEAUVOIR, 2018, p. 09). Isso explica o espanto de Ana Vitória ao encontrar a tia num estado bem diferente do que imaginava. Outro ponto considerável que a estudiosa francesa destaca é a eficácia de se manter na ativa: Laura tinha ocupação de sondar a sobrinha, praticava ioga, ou seja, com seu tempo preenchido com o que

considerava fundamental – a espera para ajustes com o passado – comprova o argumento: “Para se defender de uma inércia em todos os sentidos nefasta, é necessário que o velho conserve atividades; seja qual for a natureza dessas atividades, elas trazem uma melhoria ao conjunto de suas funções”. (BEAUVOIR, 2018, p. 284)

Mais uma personagem do tempo atual de Aninha e de relevância, como afirmam Ducrot e Todorov (1972), é Dorina por ser a responsável pela narradora regressar no tempo e no espaço. Mulher que exemplifica bem o empoderamento. Em situação de muita pobreza, no passado, trabalhava como doméstica na Fazenda Barracão. Depois que a propriedade foi vendida, Dorina ficou desempregada, lutando para sobreviver fazendo alguns serviços informais.

Um paranaense casou-se com Márcia – mais uma prima de Ana Vitória – e decidiu ir para Mato Grosso, tentar uma vida melhor. Dorina os acompanhou. Algum tempo mais tarde, voltaram e essa prima a incentivou a estudar. Sentia-se orgulhosa do diploma que foi uma porta aberta para outros membros de sua família. Sardenberg (2006, p. 8) explica que o “processo de empoderamento, portanto, tem que ser desencadeado por fatores ou forças induzidas externamente”. Ademais, “As mulheres têm que ser convencidas, ou se convencer do seu direito à igualdade, dignidade e justiça”.

Ana Vitória considerou descabido Dorina acusá-la de ter escrito o bilhete denunciador para ficar com Thiago, por causa da impossibilidade de se provar a acusação e por ter passado tanto tempo. Dorina diz que, por estar envelhecendo, sua consciência exigia que fizesse algo porque não seria em vão o bilhete ter ido parar em suas mãos, assim, conclui: “Existe um juízo universal, tem de existir, sem ele a vida não faz sentido, ou faz? Eu não queria morrer com essa dúvida, essa dúvida”. (BARROS, 2014, p. 186). Pacientemente, por ver sinceridade em suas palavras, Ana Vitória releva a acusação.

Encerrando as participações femininas, há outra prima: Vitorinha, “a Vi é a cinquentona mais tatuada que conheço” (BARROS, 2014, p. 192). Aninha conta que ela vive de maneira livre e descompromissada de padrões sociais conservadores. O questionamento que Dorina faz sobre isso, numa postura recriminatória, deixa nítido que tem costumes tradicionalistas: “Que que aconteceu de tão grave com a Vitorinha para entortar assim sua cabeça?” (BARROS, 2014, p. 192). Foi a última neta do velho Gonzaga, quem aplinou o coração sofrido dele, principalmente pela morte trágica de Tomázia, quem o salvou de uma morte antes do tempo. Na época, ela devia ter uns três anos de idade, era esperta e inteligente: “A menina ia crescendo além do normal, mais em

inteligência do que em estatura. Tagarela, falava o que devia e o que não devia. E isso era bom, porque de certa forma embaralhava a tristeza teimosa sempre rondando os passos trôpegos do avô: ...” (BARROS, 2014, p. 160).

Outra Ana Vitória, ou simplesmente Vi, tornou-se uma mulher desapegada de valores tradicionais. Na faculdade, era rodeada de rebeldes sem causa, pessoas marginalizadas que não tinham um ideal fixo. Casou-se com maridos ricos e sabia infiltrar-se em OGN’s não sérias, portanto o dinheiro vinha fácil, dizia defender causas importantes como as ecológicas, achava-se salvadora do planeta, vivia viajando. Aninha encontrou-se pela última vez com Vi em Copenhague. Lá aconteceu uma situação inusitada: participaram de uma corrida de bicicleta a prima, o quarto marido e Thiago.

A narradora declara que “Vi é a pessoa mais alternativa que eu conheço, se uma coisa não der certo, ela pula imediatamente para outra, isso em todos os segmentos da vida: trabalho, moradia, relacionamentos amorosos, tudo. Se tem uma mulher que nunca ficou sem homem, é aquela”. (BARROS, 2014, p. 193). Não exercia nenhuma profissão específica, era o que “os ingleses chamavam de Witty²⁷, característica que lhe rende fiéis admiradores”. (BARROS, 2014, p. 194). Ao defender a ideia de empoderamento feminino, Vi pode ser analisada como uma mulher independente que exerce o livre arbítrio de viver como, onde e com quem lhe conviesse. Era, dessa maneira, desprezada e empoderada, uma mulher que, pela astúcia, consegue enxergar saídas de maneira rápida para situações desfavoráveis.

Antes de concluir esse subitem, é profícuo voltar em Ana Vitória para ressaltar fatores significativos em relação ao momento por que está passando: a entrada na terceira idade. Já foi dito que ela é uma pessoa insegura e, no período de transição, é comum que se acentue esse estado. Beauvoir (2018) elucida que, quanto mais o indivíduo tem um nível de vida pungente, mais participa da vida social. Entretanto, “[e]ssa participação declina sempre com a idade”. Somado a isso, tem-se o fator identidade, se antes dos 60 anos, existem crises existenciais, depois, a possibilidade de aumentar é iminente, justamente pelo julgamento de incapacidade que a sociedade insiste em acreditar existir no velho, por isso Beauvoir (2018) reitera várias vezes a importância de o idoso se manter ativamente atuante: “Não querer nada, não fazer nada é condenar-se à sinistra apatia na

²⁷ Espirituoso (a); engenhoso (a). Minidicionário escolar: português/inglês, inglês/português. Melânia B. Klug. Blumenau: Vale das letras, 2012, p. 348.

qual mergulham tantos aposentados”. Isso justifica a razão de Ana Vitória querer tanto volta à Cristal, de carro próprio e sozinha.

Terminada a apresentação das mulheres que Adelice criou em *Mesa dos Inocentes* (2014), é preciso conhecer as personagens masculinas e o sistema rígido a que as figuras femininas dessa história eram submetidas. Kellen Jacobsen Follador (2009, p. 14) sustenta que “A maioria das mulheres brasileiras teria de esperar a chegada do século XX para alcançarem um maior reconhecimento da sociedade por sua participação na construção do país”. Após duas décadas do século XXI, esse reconhecimento ainda não aconteceu de maneira satisfatória. Resquícios patriarcais ainda são muito fortes e uma das provas é a visível desigualdade no que tange, por exemplo, à divisão de trabalho. Não se reconstrói facilmente uma história de igualdade uma vez que a dominação masculina impera há mais de quatro mil anos, aproximadamente. O que garante essa permanência são os hábitos culturais – “sistema mítico-ritual” (BOURDIEU, 2012, p. 17) que o sistema jurídico endossa e torna oficial. Resignificar a identidade apostando no empoderamento implica em mudança de paradigmas e de discursos. Quando a mulher ciente de suas decisões resolve expô-las, ainda enfrenta muitos percalços que extrapolam a esfera doméstica.

3.4 Um dos entraves para o empoderamento feminino: sociedade patriarcal

“A mulher é o que o marido faz dela: cabe-lhe moldá-la”. Provérbio em voga na sociedade burguesa parisiense, no princípio do século XX

A história de *Mesa dos Inocentes* é ambientada no século XX. No XIX, após a vinda da família real, o Brasil deixou de ser Colônia para se tornar Império, destarte a história das mulheres começou a mudar. A elas, foi permitida a educação formal, pois surgiram os colégios – sob tutela da Igreja – para meninas, entretanto eram particulares, acessíveis, assim, apenas às mais afortunadas, como as da família do patriarca Tomás Antônio Gonzaga.

Ainda nessa época, poucas mulheres iniciaram um movimento na busca de mais autonomia, mais direitos, como Nísia Floresta, e essa luta incluía investimento na educação. De maneira tímida, as mulheres começavam a demonstrar sua força no meio social e a imprensa auxiliou nisso. Nas primeiras décadas do século XX, intensificou-se

a mobilização feminina que solicitava não só igualdade de direitos como o fim da sujeição aos homens.

Mesmo depois de vinte anos de século XXI, alguns questionamentos não estão desatualizados diante do livro-*corpus*, por exemplo: como mulheres submissas a seus maridos, à sua condição inferior, naquela época, poderiam alterar seus destinos? Como era o livre arbítrio das meninas, das moças e das mulheres de uma família patriarcal? Follador (2009, p. 13) assevera que as mulheres “não possuíam nem autonomia, nem igualdade perante os homens, já que as estruturas social, cultural e econômica eram apanágio masculino”. As mulheres da história *Mesa dos Inocentes*, em sua maioria, tiveram oportunidade de estudar em colégios particulares, entretanto, permaneciam limitadas.

Quando Virginia Woolf (2014) lamenta que, às mulheres, não era ensinado nem a pesquisar, evidencia o descaso quanto ao repasse de ensino formal a elas. É consenso de boa parte das pessoas que a ampliação de leituras, o conhecimento acadêmico e outros também conferem um teor significativo de autonomia a algumas mulheres. Algo que ocorreu com Ana Vitória durante a estadia no colégio interno e, depois, vida a fora. Berth (2018) menciona Ruth Baquero para “a compreensão histórica da Teoria do empoderamento” e, assim, aponta a importância do conhecimento para esse processo, ela afirma que a informação é um “instrumento de libertação”.

A base de conduta feminina se resumia em família, Igreja e escola, fomentando o modelo patriarcal. No colégio em que Aninha estudava, houve a expulsão de quatro moças em função de fugas para namorar, tudo aconteceu numa situação humilhante em plena exemplificação do castigo a que todas estavam sujeitas, caso houvesse desobediência. Aninha confirma: “Guardamos apenas a certeza de corretivos aplicados em adolescentes que, apesar do aparato, sabíamos não tinham ido além de uns beijinhos inocentes”. (BARROS, 2014, p. 111). Nessa passagem, é percebida a rigidez da instituição religiosa de ensino sobre meninas que desobedeciam às ordens impostas a elas. Cabe a interpretação de que o envolvimento com um homem devia partir apenas deles, em outras palavras, o pai – na grande maioria – quem decidia os arranjos matrimoniais de suas herdeiras. As mulheres deveriam ser escolhidas, nunca o contrário.

Bourdieu (2012, p. 18) sustenta que “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. Esta era a

forma mais comum de se viver – inclusive aceito como o correto por muitas mulheres: “Todos se sentiram no direito de me negar o benefício da tolerância. Nem as mulheres foram capazes de me entender. Disseram que eu tinha rejeitado a própria filha”. (BARROS, 2014, p. 21). Essa declaração de Laura à sobrinha é um ponto forte que prova os argumentos sustentados, embora desde jovem lutasse por seu empoderamento, Laura não contava com aliadas, mesmo em momento de fragilidade pós-parto, na luta contra a opressão feminina.

A dominação masculina, estando arraigada por séculos, era considerada normal. A máquina do sistema vigente funcionava mesmo sem a presença do homem, ou seja, as próprias mulheres a acionavam. “Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai”. (SAFFIOTI, 2004, p. 102). Por essa ótica, é compreensível a questão da superioridade masculina porque a inferioridade feminina era ensinada como se fosse natural, algo nato na visão de ambos os sexos. Mais que isso era necessária a subjugação, dado que disso dependia a autoconfiança que os meninos eram obrigados obter.

O fator dominação está muito vinculado a questões biológicas. Ainda com o sociólogo francês Pierre Bourdieu, “é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica...” (BOURDIEU, 2012, p. 33). No entanto, Roque de Barros Laraia (2001, p. 19) quando esclarece que “A espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente através do dimorfismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamento existentes entre pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente”, contesta a arbitrariedade apontada por Bourdieu. O antropólogo Laraia defende um lugar-comum hoje: qualquer criança pode ser criada em cultura diferente da sua comunidade se submetida desde pequenina. Tomázia em nada se parecia com Laura. Na verdade, demonstrava ser o oposto da mãe, era devota como a avó Ana Vitória, retilínea como a tia Ana Cristina, suas pseudo-mães.

O velho Tomás Antônio Gonzaga que decidia o destino de toda sua prole, arranjava casamentos, inclusive para os filhos, numa época em que palavra dada era promessa, não se importando com qualquer tipo de sentimento. O paradigma de

dominação aprisionava também os homens, por isso Tomás não poderia aceitar nenhum tipo de negociação, era uma questão de honra. “É na lógica da economia de trocas simbólicas – e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social de objetos de troca, definidos segundo os interesses masculinos...” (BOURDIEU, 2012, p. 56). Destrocar os casais punha em xeque a autoridade do patriarca Gonzaga, então, mesmo sendo um homem aparentemente bom, não tinha saída. Laura não compreendia e, muito menos, aceitava isso:

Prevaleceu o odioso radicalismo de velhas e arraigadas convicções. Apesar de tantos e tão sinistros recados, a oportunidade da barganha nos foi negada. Nenhuma evidência, premonição, alertas, nada sensibilizou meu pai. Cedemos. Éramos jovens demais. Cordeiros criados na corda curta. (BARROS, 2010, p. 18)

Mais uma resposta de Laura sobre um evento desconhecido para a sobrinha. A sociedade na qual Ana-narradora cresceu era regida pelo sistema patriarcal em que Tomás detinha o poder central. O patriarca possuía comenda de coronel, porém por pura conveniência política – interesse do governo por dinheiro – já que ele não se importava nem um pouco com essa falsa titularidade.

Mesmo sob um regime autoritário, as principais mulheres nessa história têm certo domínio sobre os acontecimentos a sua volta e, eventualmente, conseguiam alterar destinos porque as transformações já citadas começavam a desenrolar-se por ali, em meio a protestos masculinos, as mulheres irrompiam firmemente na luta por espaço. A proposta feita por Beauvoir, pela primeira vez em 1949, de homem e mulher se reconhecerem enquanto semelhantes para atingirem juntos à liberdade coaduna com Bourdieu, no entanto soa utópica pelo fato de não se reconhecer a necessidade de des-historicizar milênios de imposição masculina.

Michel Foucault (1978, p. 131) afirma que o poder não vacila, “porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua”. Ademais, ele pode ser exercido em relação ao corpo, até a primeira metade do século XX, havia rigidez extrema na vigilância e punição do corpo. Estes deveriam ser dóceis uma vez que, sendo assim, ofereciam possibilidade de transformação e aperfeiçoamento. O exercício da disciplina era deslindado como uma forma de controle que garantia a sujeição ininterrupta de forças operacionais dos corpos, por isso ainda nos dias atuais, é considerado sinônimo

de competência o lugar que cumpre com afincos seus propósitos disciplinares: o lar, a escola, o estado.

Uma reflexão que incomoda, levantada pelo filósofo francês Foucault, liga-se ao aspecto utilitarista do corpo, este propicia uma arte que objetiva não a ampliação de suas aptidões, mas a eventualidade de surgir um meio de torná-lo tanto quanto obediente como útil, entrando em choque com a viabilidade do empoderamento. Quando Foucault (2013, p. 117) afirma que “A disciplina fabrica assim corpos submetidos e exercitados, corpos ‘dóceis’, a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”, atesta a naturalização da obediência como fonte primordial da vida em sociedade.

No romance em estudo, um fato que exemplifica isso é a matriarca dos Gonzagas não se importar com o surgimento do prostíbulo, corroborando com a ideia de proteção das mulheres honradas: virgindade das solteiras e descanso das casadas que só praticavam ato sexual para procriação. Encaixa-se bem a pesquisa de Del Priore (1993) sobre os poderes que a maternidade proporcionou à formação da santa-mãezinha em detrimento da mulher sem valores – toda aquela que saía dos padrões impostos pela Igreja/Estado, a solteira, a sem filhos, a trabalhadora fora do lar. Essa dualidade pode ser vista como uma justificativa para o preconceito vigente até os dias atuais e, mais que isso, uma explicação para o desejo de muitas jovens em se tornarem mães, porque, devido ainda à dominação, principalmente masculina, gravidez deve vir acompanhada com casamento. Nessa sequência, a jovem grávida deixa a casa dos pais, ilusoriamente saindo do jugo do progenitor para viver sob o do marido.

3.4.1. Os homens da narrativa adeliciana: desvelando os traços machistas da compositura patriarcal

Beauvoir (2019) descreve como pode ter iniciado o patriarcado na história da humanidade, citando o advento da charrua – instrumento de arar a terra. Com o surgimento do bronze e a prática da agricultura, houve a divisão de trabalho em que o homem cultivava a terra e a mulher cuidava dos afazeres domésticos. “A propriedade privada aparece; senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher”. (BEAUVOIR, 2019, p. 84). Tem-se dessa maneira a matriz da família patriarcal, como atesta Xavier (1998), um agrupamento de pessoas “submetidos ao poder paterno de seu chefe”, transformando posteriormente para “um grupo social cujo chefe

mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com direito de vida e morte sobre todos eles” (XAVIER, 1998, P. 25). Exatamente como na família de Ana Vitória.

Quanto às personagens masculinas que aparecem em *Mesa dos Inocentes*, chama atenção a escolha dos nomes: Tomás Antônio Gonzaga, Virgílio, João Cabral, Manoel (o poeta modernista era Manuel) e Vítor (o francês era Victor Hugo). Para Candau (2018, p. 68), “Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência;...”. Quando Adeline foi questionada sobre o motivo de se colocar nomes de poetas consagrados na literatura em suas personagens masculinas, disse que é uma forma de homenageá-los, de não se esquecer deles.

O avô materno de Ana Vitória – vovô Tomás – era muito querido por ela. Pelas descrições que faz dele isso fica muito nítido: “o cabelo cor de mel, liso e meio ralo no cocuruto. O bigode esbranquiçado. O sorriso meio tímido, porém firme. [...] o porte esguio desafiando a idade. [...] as mãos mais bonitas vistas por mim. O jeito inimitável de avô. [...], cara legal taí.” (BARROS, 2018, p. 34; 35). Já foi relatada a indiferença dele diante a demanda das filhas e a imposição do casamento do primogênito. Esse fator não diminui a percepção de seu poderio frente à família e agregados, e também a postura crítica dele perante situações que discordava. Fora isso, há um fator importante levantado por Bosi (1994, p. 74): “Aos avós não cabe a tarefa definida da educação do neto: o tempo que lhes é concedido de convívio se entretém de carícias, histórias e brincadeiras”. Assim, é natural que a narradora-neta romantizasse a figura do avô. O nome vem de Tomé, o apóstolo arredio que só acreditava nas coisas se as visse. Tanto o apóstolo, o poeta árcade e o avô eram homens decididos e atuantes. “O velho sabia ler e escrever. Interpretava as leis; era respeitado, mas nunca se enfrontou em fidalguias inexistentes. [...] Para os netos, era o patriarca mais poderoso de todo universo. Um rei justo e sábio,...” (BARROS, 2018, p. 60; 61).

Bourdieu (2012) trata sobre a aparente naturalização do poder masculino que é uma herança cultural do Ocidente com fortes raízes históricas. Ele deixa claro que a dominação masculina vem de uma ancestralidade com raízes profundas a fim de retificar que, só na aparência, é natural aceitar uma cultura androcêntrica. O modo de tratamento para com as mulheres – inferiorização e preconceito – encaixava-se numa categoria de falta, gerando assim a violência simbólica, transmitida até os dias atuais em diversos

setores da sociedade. Um assunto que exige pesquisa ampla pelo seu viés perene. Diferente do tempo da narração, no tempo da história, ou melhor, nas lembranças de Aninha criança, as marcas dessa violência são menos nítidas, no entanto, à medida que vai crescendo, ficam mais tangíveis, evidentemente pelo aumento do nível de percepção dela:

De todos os arrependimentos, nascer mulher era o maior. Obediência, gratidão. Criadas sob o verdugo da concordância, compenetradas da obrigação de se ajustarem ao modelo que lhes era oferecido, as mulheres nem em sonho cogitavam a possibilidade de transgressão. (BARROS, 2014, p. 61).

Bourdieu já apontava a restrição quanto aos espaços das mulheres, sendo estes privados, isto é, até parte da segunda metade do século XX, estes se limitavam ao lar – mesmo escolarizadas, o destino das mulheres era o casamento, a maternidade, a família. Enquanto para os homens, os espaços eram os públicos. Além disso, o tratamento infantilizado era outro modo de inferiorizá-las – importante lembrar a cena da mãe da narradora tentando convencer o marido a irem à reza com mesa de doces, Ana Cristina agia feito uma criança ansiosa, e ouvia como resposta sua incompetência em não vigiar os filhos das badernas dos embriagados. Cenas como essa descrita confirmam o que Bourdieu diz sobre a imposição do homem: “O não do pai não precisa ser expresso, nem se justificar: não há, para qualquer pessoa sensata (‘tenha senso’, ‘mais tarde você vai compreender’), outra escolha a não ser a de se inclinar, sem frases, diante da força maior das coisas”. (BOURDIEU, 2012, p. 88).

Nos relatos de Laura, parecem ainda mais axiomáticos os desmandos de seu pai por não haver demonstração de afetividade entre os dois, mais um fator cultural que poderia minar a posição de superioridade do chefe de família. Embora com netos agisse diferente, com mais amor, afinal de contas, “[a] ordem social se inverte: dos armários saem doces fora de hora, o presente já não mais interessa, pois nem o netinho, nem os velhos atuam sobre ele,...” (BOSI, 1994, p. 74), a narradora vai evidenciando a forma como Tomás exercia seu poder e a decadência deste, primeiro pelo envelhecimento, mas principalmente pelo empoderamento feminino.

Pobre vovô, homem pacato, porém seguro em suas convicções. Jamais exerceu o coronelato, nunca aprendeu a fazer uso da força, nem era vaidoso, mas por alguma razão misteriosa, de respeito, talvez, *meu doce avô conseguia organizar o mundo à sua volta no molde de sua vontade*. Para desespero de todos, daquela vez o barro endureceu. (BARROS, 2014, p. 98, grifo nosso)

A metáfora do barro endurecido é o empoderamento de Djanira, na tomada de decisão de se casar com o desconhecido Virgílio. Já no início, foi malvisto pelos homens dali porque ser vendedor ambulante e de livros – objeto considerado fútil naquele meio – não exprimia seriedade. O forasteiro carregava nome do poeta latino que escreveu Eneida. O aparecimento do paranaense foi um dos possíveis motivos externos para que houvesse mudanças radicais na Casa de Tomás. A moça teve a coragem de enfrentar o pai em favor de um total desconhecido. Virgílio, além de falante, era galanteador, fisicamente elegante e diferente dos homens brutos daquela região. A legitimação de que Virgílio era uma pessoa oportunista veio com o retorno, depois da morte da esposa em São Paulo, à fazenda, com três filhos dele com outra mulher a serem sustentados pelo sogro Tomás, confirmando a previsão do velho, no passado, quando dizia que ele era casado, com família constituída num lugar distante.

O patriarca Gonzaga teve onze herdeiros – seis meninos e cinco meninas: “... o bosque das onze árvores tatuadas [...] na pele rugosa de cada uma delas, o nome e a data de nascimento de um dos filhos do meu avô” (BARROS, 2014, p. 72). Contudo, na obra, aparece apenas um filho – Ângelo Antônio – considerado um caso perdido, pois, logo que abriu o bordel na Vilinha, tornou-se freguês cativo com mesa exclusiva. Por isso, nenhum pai o queria como genro, mesmo sendo um homem forte, trabalhador e de família nobre. Frequentava a casa de prostituição, a contragosto da mãe, porque ela não imaginava que isso se tornaria um hábito que mancharia sua reputação. Ficou conhecido como Totonho das putas – de acordo com as más línguas –, mas com a engenhosidade do genitor e a boa vontade de Gena, transformou-se em um pai de família honrado e promissor.

Tempos mais tarde, Totonho das meninas – de acordo com as boas línguas – já idoso e viúvo foi chamado a comparecer a um velório de alguém que ele não conhecia. Ali, uma mulher lhe mostrou uma foto bem antiga dele e Chaninha, que era dona Prudenciana, a defunta. Depois de se lembrar de ambos no bordel da Vilinha e saber que a prostituta tentou suicídio por causa da paixão que nutria por ele, transformou a parca cerimônia numa celebração. A partir desse dia, voltou a frequentar prostíbulos. Ainda sobre o nome, o patriarca fez de seu segundo nome também o segundo do filho, Ângelo Antônio. O que soa irônico é a significação do nome Ângelo – anjo. Essa personagem nada tinha de angelical, mas muito de transgressor. Miriam Pillar Grossi (2004, p. 6), ao

palestrar num seminário sobre masculinidade, argumenta que “[u]ma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente...”.

Mais um patriarca com nome de poeta é o pai da narradora Ana Vitória – João Cabral –, homônimo do pernambucano João Cabral de Melo Neto. Um detalhe que chama atenção é que, no romance, a narradora afirma que em sua família havia escritores, confirmando a homenagem a esses artistas. “Não sei até que ponto o nome cobra vassalagem, mas eram muitos os escritores na família”. (BARROS, 2014, p. 103). João Cabral era um homem trabalhador, laborava arduamente para manter um bom nível econômico – ele aceitou por breve tempo pequena propriedade ofertada pelo sogro Tomás –, fruto de esforço junto à esposa Ana Cristina, comprou umas terras não muito longe da Casa. Rígido, controlava a família nos moldes convencionais de patriarcalismo. Giddens (2002, p. 57; 58) relaciona autocontrole à competência: “Ser um agente competente, além disso, significa não só manter tal controle contínuo, mas ser percebido pelos outros quando o faz”. Quando Plínio, pai de Thiago, chegou em sua casa, João tratou-o de forma cordial, mas depois que ouviu o intento da visita – ofensa covarde e gratuita à Tomázia –, firmemente, mandou-o sair de sua residência, provocando suspense, pois Plínio, além de muito mais alto, “Vinha fortemente armado, com propósito de guerra”. (BARROS, 2014, p. 55).

O esposo de Laura era Manoel, todavia não há muito sobre ele na obra. Quando aconteceu o engodo da possível troca de casais, ele aparentemente permaneceu à espera do resultado, ou melhor, da decisão do sogro, se trocaria ou não de noiva, sem nenhum tipo de reação. Depois do casamento, Ana Vitória o caracteriza como homem passivo, dominado pela esposa. Concordava com tudo que ela dizia, algo que destoava dos costumes patriarcais: “O exercício da obediência tinha feito tio Manoel um quase mudo; falava por monossílabos”. (BARROS, 2014, p. 92). Como consequência não só do desprezo da mulher, mas também pela impensada perda, desapareceu no dia do enterro de Tomázia, a quem considerava sua filha. Ao falar dele para a sobrinha, Laura confirma que era um bom homem, mas não servia para ser seu marido: “Fui para a cama com um rapaz decente, um amigo fiel, porém insípido, insosso, desenxabido...” (BARROS, 2014, p. 19).

Outro homem que diferia dos demais era Vítor, pois tinha hábitos elegantes, trajava finamente, gostava de móveis caros, primava pela arte, música, leitura. Laura o considerava ideal para ela pelo jeito de ser. Demonstravam – ele e Laura – deleite em

palestras, por longo tempo, com assuntos que apenas ambos entendiam bem: “Um homem inteligente, letrado e esclarecido, num universo de analfabetos”. (BARROS, 2014, p. 17). A reação que desencadeava nos demais da família Gonzaga testemunhava o machismo que imperava ali. Como acontecia com Virgílio, Vítor era julgado como uma pessoa desmerecedora de créditos, olhavam-no com desdém e diziam que mais se parecia com um homossexual, pois usava brilhantina no cabelo e perfumes corporais. Entretanto, causava alvoroço entre as mulheres, levando a narradora a entender um pouco o ciúme e a insegurança que sua tia Ana Alice sentia: “De todos os homens da família, Vítor era o único a se preocupar com o que os outros chamavam de supérfluo: a aparência e a cordialidade. O conhecimento como fonte de alegria”. (BARROS, 2014, p. 91).

Joaquim, marido de Nena, aparece apenas no dia da mesa para os inocentes. E nele, pode-se perceber o patriarcalismo quando determina que a próxima reza não aconteceria como aquela última diante o vexame pelo qual Aninha passou e o descompasso de um convidado bêbado durante a cantoria – decidiu que, no próximo ano, faria um evento mais simples, servindo apenas café. É preciso ressaltar que crenças religiosas, novenas e famílias nucleares tradicionais tendo na figura paterna o único provedor em todos os aspectos são heranças da sociedade europeia com aval da Igreja católica, as quais permanecem até hoje.

Mais uma figura masculina peculiar é Felipe – irmão de João Cabral –, arredio, argumentava veemente contra religiões e a fé cega das pessoas. É importante lembrar que Aninha era uma menina atenta ao que os adultos falavam porque sempre teve sede de saber sobre assuntos considerados impróprios para crianças. Ele se declarava ateu e ainda defendia a teoria da evolução, além de questionar várias regras, deixando a sobrinha ainda mais curiosa.

Deus? Esse ente fugidivo por quem vocês gastam os joelhos em franca veneração não passa de uma ideia como outra qualquer... Criaram dois entes com poderes iguais, porém opostos. Deus e o diabo. Falta do que fazer. Criaram, tio!? Que horror!! Inventados sim senhor! E sabem pra quê? Pra atenuar os maus instintos dos homens, combater os desatinos. (BARROS, 2010, p. 64)

Ele teve seu braço amputado e ficou um pouco surdo após ser baleado acidentalmente por um amigo. Houve mudanças radicais no jeito de falar e agir. Em alguns momentos, o esquivo homem deixa transparecer que há algo maior sim, todavia ele se diz incapaz de crer. Nesse ínterim, pode-se lembrar das palavras de Hall (2006, p.

13) sobre a identidade ser uma “celebração móvel”, ou seja, ela passa por transformações de acordo com as circunstâncias; assim, vai se formando identidades contraditórias em cada ser humano e elas estão sempre se deslocando.

Brait (1985) chama de antagonista, mas também de opositor ou protagonista às avessas o que se pode compreender como vilão. Nessa perspectiva, é preciso trazer à tona o evento da mesa dos inocentes. Alvim – um garoto presente na reza de tia Nena – delatou Aninha, provocando constrangimento que repercutiu profundamente porque, mesmo sabendo da mancha do pecado adquirida aos sete anos, ela a procurou minuciosamente e, como não a encontrou, imaginou que enganaria as rezadeiras. Sua mãe, tão religiosa, deveria ter lhe explicado a que se referia tal mancha, no entanto, como em diversos outros assuntos, só afirmava a existência, sem justificativas. Esse episódio é um dos que fundamenta o silêncio que perpassou a vida inteira de Ana Vitória: “E, de tanto ouvir silêncios. Fiquei surda dos dois ouvidos”. (BARROS, 2014, p. 66).

Conjuntamente, em posição antagônica, enquadram-se os pais de Thiago, Plínio e Vânia – os nomes são mostrados unicamente no bilhete denunciador – todavia é preciso ressaltar que apenas ele desceu do carro e falou diretamente com João Cabral. O modo agressivo como chegaram à casa de João Cabral e o discurso ultrajante a respeito do namoro entre Thiago e Tomázia converteram-se numa situação constrangedora para a moça, pois tudo aconteceu na frente de todos os presentes – adultos, adolescentes, namorados: “Disseram que ele [Thiago] está de namorico com essa bastardinha que você acoita no seio de sua família. [...], gente dessa laia...” (BARROS, 2014, p. 140).

Algo comum nas famílias patriarcais, principalmente nas mais abonadas do século passado, era esconder o adultério cometido por filhas, no caso, Laura. É por isso que a história de amor dela e Vítor constituía-se mais que um segredo: “... empertigado numa grandeza fictícia, [Plínio] destamelou seu discurso nervoso, um falatório que já começou desconexo e terminou exibindo, nu, o esqueleto branco de um segredo guardado a sete chaves. Segredo de família. Cabeludo, naquela época”. (BARROS, 2014, p. 58). O impacto de tomar conhecimento de sua origem levou Tomázia ao sofrimento e suicídio.

Mais personagens secundárias masculinas que cumprem um papel singular são os paranaenses filhos de Virgílio, principalmente Marcel, porque desmistificam o pré-conceito contra imigrantes. Exteriorizando desconforto por serem mais um peso na Casa de Tomás, o segundo e terceiro filhos logo se prontificaram a trabalhar na lida diária junto aos peões. Com o mais velho não ocorreu o mesmo processo, visto que a adaptação estava

sendo um suplício para ele – um dos motivos era o desrespeito de Virgílio à memória de sua mãe, falecida pouco antes de chegarem ali. Depois havia o preconceito linguístico, hábitos e comidas diferentes, até o silêncio da noite o incomodava, e foi nesses momentos de penúria que saiu a vagar pela madrugada disposto a encontrar um alívio, que se deparou com Ana Júlia tomando banho no lago. Sentiu medo, ouvira histórias de assombração, e fugiu; após raciocinar friamente, decidiu voltar ao mesmo lugar para desvendar o mistério.

A reafirmação de identidade para Marcel só seria possível depois do apoio de Ana Júlia, corroborando o empoderamento por qual ela passou. Giddens (2002, p. 47; 48) diz que “A ansiedade que surge [por mudança de lugar] tende a ameaçar a consciência da autoidentidade, uma vez que a consciência do eu em relação às características constitutivas do mundo-objeto se obscurece”. Marcel, bastante aborrecido com a situação de abandonado pelo pai num universo avesso ao seu, não se reconhece mais, sente-se um ser paralisado diante qualquer situação cotidiana, assim ele vive em estado de insegurança. Bauman (2005, p. 35) atesta que “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo”. Reafirmação de identidade para Marcel só seria possível depois do apoio incontestado de Ana Júlia, corroborando o empoderamento por qual ela passou.

Algumas noites depois da primeira vez que viu Ana no lago, Marcel caiu do galho onde estava para poder enxergar mais a mulher. Flagrado por ela, levou uma sova, mas foi socorrido e levado para fazenda de Ângelo Antônio, pois torceu o tornozelo. Dali não mais saiu, entrosou-se com todas as pessoas daquele lugar. A firmeza em permanecer num lugar tão diferente do seu, mesmo com dificuldade de adaptação, rendeu grande quantidade de terras no futuro. Marcel identificou-se e se projetou como novo habitante da fazenda de Ângelo Antônio e, assim, pôde seguir sua vida.

Outra figura que reforça a autoridade masculina é o cisterneiro Clemente, da tradicional “família dos tatus” (BARROS, 2014, p.70). Utilizava pratos vazios virados e espalhados pelo chão para descobrir onde poderia cavar um poço. O mais umedecido indicava que a cisterna forneceria água em toda época do ano. Ele foi o responsável pela construção daquilo que foi uma contrariedade para Ana Vitória-avó porque furou um poço bem no meio das duas cozinhas, em frente à escada que dava passagem para o corpo da Casa. Em meio a protestos não só da dona, mas de todas as outras mulheres dali “o homem bateu o pé, ou furava ali ou pegava o caminho de volta, e eles que se arranjassem

no transporte da água em baldes cansados da bica para a cozinha”. (BARROS, 2014, p. 70).

Antes de finalizar as apresentações das personagens, é pertinente ressaltar que escolhas de nomes próprios não são inocentes. Ducrot e Todorov (1972, p. 212) atestam que “o nome da personagem já anuncia as propriedades que lhe serão atribuídas”. Já foi relatado sobre a religiosidade inerente à família de Ana Vitória, por conseguinte, faz-se mister recordar a existência do autor implícito. Então, por traz da ficção, tem-se uma autora que também tem traços de religiosidade. Ainda sobre os nomes, observa-se a preferência de Adeline por nomes bíblicos como João, Felipe, Tomás, Gabriel (um irmão de Ana Vitória chamava-se João Gabriel, o outro Antônio – mais uma repetição) e Thiago, descrito logo abaixo. Não se encontra na Bíblia, mas em documentos históricos arquivados no Vaticano: Ana e Joaquim, supostamente avós maternos de Jesus.

Candau (2018, p. 69) considera que evocar uma pessoa pelo nome é uma forma de “reconhecimento social de uma identidade”. Mais importante que isso, ele aponta algo muito voga ainda: a preocupação em enaltecer o próprio nome para garantia de respeito e consideração – em vida – e admiração e perpetuação de ensinamentos, depois da morte.

Igualmente, “fazer o nome” é agir para a posteridade, ter a esperança estéril de não desaparecer no esquecimento. Como mostram esses diferentes exemplos, não é suficiente apenas nomear para identificar, é preciso ainda conservar a memória dessa nomenclatura, o que é a razão de ser da memória administrativa registrada nos atos de estado civil. (CANDAU, 2018, p. 69)

Sob outra perspectiva, e que pode ser considerado um lado humorístico, estão alguns nomes que denotam o contrário daquilo que podem significar. São exemplos: Ângelo, de acordo com o dicionário de nomes próprios significa “mensageiro”, do latim *Angelus*, que significa “anjo”²⁸. Ademais, no século XIII, existiu Santo Ângelo – um judeu que se converteu ao Cristianismo após receber a graça da profecia. A personagem homônima nada tinha de santidade. Clemente, o cisterneiro, não teve nenhuma clemência ao furar um poço num lugar muito inconveniente da Casa, resultando em acidentes, como a queda de Tomázia e Aninha. Plínio significa “pleno”, “cheio”, “completo”, “rico”, “abundante”. Esse homem era pleno de arrogância e preconceito, rico só financeiramente.

Enfim, já no plano da atualidade do romance, está Thiago. Tanto no presente como no passado, desempenha um papel fundamental nessa história. Todas as outras

²⁸ Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/angelo/>. Acesso em 27 de maio de 2020

personagens masculinas já descritas pertencem à vida pregressa de Ana Vitória, então a apresentação de Thiago começará nessa esfera. Era um rapaz distinto em relação aos daquela região, na verdade, muito idealizado pela narradora desde sempre. Tímido, simpático e gentil, após se aproximar das adolescentes Aninha e Tomázia, passou a frequentar a casa da narradora. Era animado a participar do que estivessem fazendo, seja pescando, divertindo ou até nas demandas domésticas, como lavar louça – tarefa inadmissível para os homens, soava como esfacelamento de masculinidade. O comportamento do rapaz fugia dos padrões patriarcais uma vez que se relacionava amistosamente com todas as mulheres e, mais que isso, ajudava-lhes, solícitamente, em qualquer tipo de demanda. Sobre isso, Grossi (2004, p. 6) enfatiza: “Mas, para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, atividade não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade”.

Havia a curiosidade de Dorina em relação à união de Ana Vitória e Thiago, por isso solicitou à Ana Vitória que contasse a história dele. Pouco tempo depois do falecimento de Tomázia, consciente de que fora seus pais que suscitaram a desventura de sua namorada, Thiago encerrou a relação com eles. Vendeu alguns pertences e decidiu virar um andarilho sem rumo certo, optou em conhecer os países vizinhos ao Brasil, assim apenas com uma mochila, pegando carona com caminhoneiros e todo tipo de gente. Após conviver com a pobreza de indígenas e mestiços da Bolívia e do Peru, abandonou a ideia e tentou virar sertanista na Amazônia. Antes de começar, conheceu Rodrigo, outro rapaz brasileiro que viajava do mesmo jeito, tornaram-se amigos. Com ele, foi para Goiânia, onde esse amigo residia. Com ajuda das pessoas dali, conseguiu prestar vestibular para Ciências Sociais, formou-se e conseguiu emprego no mesmo estabelecimento em que encontrou Ana Vitória. Posterior ao casamento, ele herdou a empresa de ônibus que os pais mantinham, o que auxiliou na ascensão econômica dele.

Pela indiferença em que viviam genitores e filho, já tinham cessado relações há muito tempo, romper definitivamente certifica a versatilidade da identidade como é defendido por teóricos diversos. Thiago foi ressignificando-se até chegar o momento em que se tornou insustentável a convivência com os pais. É evidente que a morte da namorada impulsionou a decisão.

Woodward (2000, p. 116) ressalva que “[d]entro da produção social, a identidade parece ser uma positividade (aquilo que sou) uma característica independente, um fato

autônomo”. Thiago e outras personagens do romance em análise exemplificam essa afirmação posto que a identidade, como a diferença é autorreferenciada, esse rapaz pretendia seguir caminho oposto ao que seus pais escolheram que era feito de frivolidades.

No tempo presente da narrativa, Thiago é um senhor de 68 anos, saudável, companheiro fiel da esposa. Na manhã, véspera da viagem da esposa, antes de tentar dissuadi-la a qualquer custo, contou a ela como fora sua infância: filho único, vivia na companhia de empregados irresponsáveis, ou seja, mais solitariamente, pois não se importavam muito com ele. Não podia se socializar com outros garotos de seu bairro. Seus pais só se preocupavam com vida social, viagens; enfim viviam num mundo de aparências em que a regra consistia em gastar com futilidades. Sempre proporcionaram uma vida farta materialmente ao filho, mas sem o principal: amor e atenção. Por essas razões que ele, adolescente, só passava férias em Cristal, ali se sentia em paz, em casa.

Para terminar esse capítulo, é relevante ressaltar a identidade como algo cambiante. A constante variação depende do contexto em que a pessoa está inserida e a outros fatores também. Além disso, a memória funciona como fonte basilar da reconstituição identitária. Outrossim, foram levantadas questões sobre o empoderamento feminino, fator ainda recente como ponto de discussão na sociedade como um todo. É preciso que haja mais estudos nesse viés a fim de ampliar cada vez mais a voz da mulher. Ao mencionar o universo feminino e a gama de possibilidades que ainda não têm, é inevitável falar de sociedade patriarcal e da dominação masculina, apesar de lutas de muitas mulheres no intento de rompê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar esta análise que, em nenhuma hipótese, pretendeu esgotar-se, deve-se salientar que foram levantados alguns questionamentos: na história de Ana Vitória, o que pode ter se perdido? A inocência da narradora? Seu espelho, sua estrela-guia, Tomázia? O sim pode responder essas perguntas na medida em que o leitor vai percebendo a pessoa insegura que Aninha se tornou a ponto de, inocente e incoerentemente, nunca ter tomado a iniciativa de voltar à sua cidade de origem com o objetivo de visitar Laura e encontrar o entendimento para sua grande angústia: o suicídio da prima.

Na contemporaneidade, tempos conturbados, seres fragmentados, muito similares às personagens do romance, carregam consigo uma densa carga psicológica, em constante busca de autoconhecimento e de ressignificação de sua identidade. No enredo de *Mesa dos Inocentes*, a “selvageria do silêncio” foi domesticada por Ana Vitória, pois a memória contribuiu para sua ressignificação identitária. Os objetivos desta pesquisa foram alcançados uma vez que o estudo do livro permitiu constatar a contínua constituição identitária das personagens femininas e masculinas, bem como nítida a contribuição da memória nesse processo.

Em *Mesa dos Inocentes*, a estratégia narrativa *in media res* e o mistério em que as revelações vão sendo feitas, quadros antecipados e retomados, conferem a sensação de desordenamento ou repetição. Contudo, por se tratar de um texto memorialístico, o leitor sabe que a memória não tem ordenamento técnico planejado e construído voluntariamente. Em entrevista, Adelize da Silveira Barros resumiu o enredo da seguinte maneira²⁹: Ana Vitória chegou a Cristal, conversou com Dorina, descobriu tudo o que havia para ser desvendado, visitou a fazenda que fora do avô, foi para casa da tia Laura, pousou lá e, de madrugada, foi embora, deixando para trás a pessoa que era até então. Como se nota, não há fatos extraordinários nesse romance, todavia é preciso considerar o modo de narrar realizado pela romancista, bem como o seu desvelo com a linguagem na sua escrita literária traduzindo uma tessitura poética.

A narrativa memorialística faz parte do rol de escolha da referida autora e isso motivou a investigação a respeito da memória neste trabalho. Por ser natural lembrar,

²⁹ Durante o período do Mestrado, aconteceram dois encontros presenciais com a escritora Adelize e vários diálogos virtuais via WhatsApp, o que foi de grande valia para a compreensão de suas escolhas e seu estilo literário.

esquecer, lembrar novamente, passa despercebido à maioria das pessoas o quanto a memória as torna humanas porque, para continuar, é preciso sempre uma retomada, seja qual for a etapa da vida. É a partir disso que se compreende o porquê de a memória ser a fonte basilar da reconstituição identitária. A partir dessas elucidaciones, decidiu-se o título desta dissertação: “A memória na ressignificação identitária no romance *Mesa dos inocentes*, de Adelice da Silveira Barros”.

Muito significativas foram as descobertas sobre a identidade como “celebração móvel” e a necessidade de se compreender o ritual da mesa dos inocentes. Parece ser característico de uma pesquisa surgir a necessidade de se aprofundar em assuntos periféricos em relação aos objetivos levantados. Assim, é que se fez necessário realizar entrevista com idosas goianas a respeito da cerimônia mesa dos inocentes³⁰. Surpreendentemente, foi possível descobrir que é comemorada até os dias atuais, mas com um caráter sincrético ao se misturar costumes católicos, como fazer promessa ou voto/ex-voto, com o que é próprio do Espiritismo, como receber as crianças num Centro espírita kardecista, distribuir guloseimas e fazer oração antes de sentarem-se à mesa. Além disso, foi imprescindível ler sobre luto, melancolia e suicídio, visto que esse último ato interfere profundamente no desenrolar da vida das pessoas próximas à suicida. A morte de Tomázia alterou o rumo da vida de Thiago e seus pais, bem como mudou drasticamente a vida de Laura e deixou marcas indeléveis em Ana Vitória-narradora.

Conhecer a obra completa de Adelice, um total de treze publicações, possibilitou observar os temas variados, atuais e que rendem discussões importantes como, por exemplo, o aborto, as drogas, o suicídio, a morte etc. Todos os temas convergem para a ideia de que o medo atravessa a jornada humana, por vezes, paralisando-o a ponto de impedir seu progresso pessoal e profissional. Na escrita adeliciana, evidencia-se sua intensa preocupação com todo tipo de injustiça social, por isso suas obras têm preponderante veio crítico para autoridades, políticos, pessoas omissas.

Em suma, esta pesquisa proporcionou a compreensão de que um texto literário pode contribuir para a ampliação do conhecimento em diversas áreas. No caso de Adelice e seu *Mesa dos inocentes* (2014), muito se aprendeu sobre História, Sociologia, Psicologia e, dessa maneira, é possível compreender mais sobre o ser humano e suas vicissitudes. Aqui, também havia a pretensão de se averiguar a dominação masculina e o

³⁰ O relato de uma das entrevistadas encontra-se em Apêndice desta dissertação.

empoderamento feminino. Consequentemente, optou-se por apresentar os homens da história em tópico separado. Isso porque, quando se fala de empoderamento, ressaltando sua importância, a dominação masculina exercida em uma sociedade patriarcal é mencionada como a causa para a mobilização feminina. Foi interessante pesquisar sobre o regime patriarcal e constatar o quanto ele impera na sociedade contemporânea. Descobertas como esta reforçam a consciência de se continuar enfrentando essa dominação em busca de mais igualdade de direitos entre os gêneros, pois disso depende o empoderamento feminino.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1962.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Gráfica Editôra Brasileira Ltda, 1961.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In.: *Questões de Literatura e Estética*. Tradução Aurora Fornoni Bernadini et al. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BARROS, Adelice da Silveira. *Salada de Capitães*. Goiânia: Gráfica e Editora Redentorista, 1999.

BARROS, Adelice da Silveira. *Prisioneiros do vento sul*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2002.

BARROS, Adelice da Silveira. *Um jeito torto de vir ao mundo*. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2003.

BARROS, Adelice da Silveira. *Iana, Sol & sombra*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2003.

BARROS, Adelice da Silveira. *Barrabás*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2005.

BARROS, Adelice da Silveira. *Um rio de contos (Antologia)*. Lisboa: Tágide Editorial, 2007.

BARROS, Adelice da Silveira. *Camumbembe*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.

BARROS, Adelice da Silveira. *Mesa dos Inocentes*. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2014.

BARROS, Adelice da Silveira. *Um dia muito esquisito*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

BARROS, Adelice da Silveira. *Avesso da vida*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

BARROS, Adelice da Silveira. *Estranha revoada*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

BARROS, Adelice da Silveira. *Além da força bruta*. Uberlândia-MG: Assis Editora, 2018.

BARROS, Adelice da Silveira. *Da minha lavra diária*. Goiânia: Kelps, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Martins. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Millet. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERT, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAIT, Beth. *A personagem*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 1987.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CANDIDO, Antonio, GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAVALCANTI, Rosália Andrade e FRANCISCO, Ana Lúcia. *Virginia Woolf e as mulheres*. Gênero, Niterói, volume 17, n. 1, p. 27-49, 2016.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

COMTE-SPONVILLE, André. *O ser-tempo: algumas reflexões sobre o tempo da consciência*. Tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 2006.

D'ÁVILA, Edison. *Repositório da Universidade dos Açores Comunidades & Coleções ARQUIPÉLAGO* - Revista da Universidade dos Açores ARQ - História, 2ª série ARQ - Hist2s - Vol. 09-10 (2005-2006).

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprius.com.br/>. Acesso em 27 de maio de 2020

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ECO, Umberto. *Entrando no bosque*. In Seis passeios pelo bosque da ficção. Disponível em: <http://grad.letras.ufmg.br>. Acesso em 10 de maio de 2018.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAEDRICH, Anna. *O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira*. Itinerários, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547>.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. *A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental*. 2009. Disponível em <https://www.academia.edu/3784126/>. Acesso em 25 de março, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Le Livros. LeLivros.site.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir - Nascimento da Prisão*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa. Edições 70, 1978.

FROTA, Adolfo José de Souza. *O espaço da melancolia na Trilogia da Fronteira*, de Cormac McCarthy. 2013. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2013.

FROTA, Adolfo José de Souza. *Reflexões sobre poesia e ficção*. Goiânia: Prime, 2019.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GROSSI, Miriam Pillar. *Masculinidades: uma revisão teórica*. Antropologia em primeira mão, n.1, 1995. Florianópolis: UFSC, 1995. Disponível em: <https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br>. Acesso em 17 de out 2020.

GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Cadernos Pagu, n. 14, 2000. Disponível em periodicos.sbu.unicamp.br. Acesso em 10 out 2020.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo, Centauro editora, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996] 2000.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Tradução: Yara Aun Khoury. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em 11 jul. 2019.

OLIVEIRA, Silvana Pêsoa e SANTOS, Luís Alberto Brandão. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PELLEGRINI, Tânia. *Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência?* Disponível em <http://www.institutoastrojildopereira.org.br>. Acesso em 25 de set 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

PISCITELLI, Adriana. *Gênero: a história de um conceito*. In: ALMEIDA, Heloisa B. de. *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. Disponível em edisciplinas.usp.br. acesso em 08 de out 2020.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>. Acesso em 10 Jul. 2019.

PRIORE, Mary Del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, 1985.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTIAGO, Silvano. “*O narrador pós-moderno*”. In. *Nas Malhas da Letra.: Ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrosio, 2004.

SANTOS, M. W. dos. *Festas quilombolas: entre a tradição e o sagrado, matizes da ancestralidade africana*. Revista HISTEDBR On-Line, 13(50), 286-300. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v13i50.8640309>. Acesso em 10 Jun. 2020.

SARDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista*. Disponível em repositorio.ufba.br. Acesso em 14 de out 2020.

SILVA, Márcio Seligmann. *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol. 20, N.1, P.65 – 82, 2008. www.scielo.br. Acesso em 02 de out. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e diferença*. In: (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Atando as pontas da vida*. In: BARROS, Adelice da Silveira. *Mesa dos inocentes*. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2014.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Quatro ficcionistas goianos: José J. Veiga, Jesus de Aquino Jaime, Flávio Carneiro e Adelice da Silveira Barros*. Goiânia: Kelps, 2013.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de saturno*. Tradução de Ana Maria Capovilla & Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

VIEIRA, Josênia Antunes. *A identidade da mulher na modernidade*. DELTA, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 11 Jul. b 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

YU-FU, Tuan. *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: DIFEL I Difusão Editorial S. A, 1980.

YUNES, João; RONCHEZEL, Vera Shirley Carvalho. *Evolução da mortalidade geral, infantil e proporcional no Brasil*. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 8, supl. p. 3-48, June 1974. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 28 fev. 2020.

APÊNDICE

A perenidade do ritual da mesa para os inocentes

Para acrescentar informação sobre o ritual da mesa para inocentes, foi realizada uma segunda entrevista, visto esta ter particularidades interessantes. A intenção foi mostrar as variações que um ritual pode abrigar. O diálogo foi realizado com uma senhora do município de Itaberaí (GO) que auxiliou uma parenta a organizar a mesa aos pequenos, não sendo a entrevistada quem fez a promessa. Ela relatou que, já estando em idade avançada, a mulher teve um filho. Este, ainda pequenino, apresentou doença grave, por isso a mãe fez o voto de organizar a mesa para os inocentes. Entretanto, uma única vez e nos mesmos moldes da primeira entrevistada: mesa com almoço depois sobremesa para crianças desconhecidas, mas todas com menos de sete anos; porém, a própria mãe não gosta de contar esse episódio porque sua criança veio a óbito pouco tempo depois. Por isso, a entrevista foi feita com uma terceira pessoa.

Finalizando buscas de mais pessoas que fizeram a promessa, foi encontrada uma mãe que a fez quando era jovem. Na época em que teve seu único herdeiro já havia concluído curso superior, demonstrando seu nível de instrução, por isso tinha ciência de que a medicina teria meios de curar uma enfermidade congênita nos intestinos que provocava diarreia por até 40 dias seguidos (numa pausa, solicitou rememoração para um tempo em que fralda descartável não era artefato comum e nem fácil de se obter). Houve momentos de desesperança e convicção de que a morte era certa, mesmo lutando com medicamentos variados e mudando os tipos de leite. Então recorreu ao sagrado – por sugestão da avó do bebê – fez a promessa em favor dos inocentes, ou seja, sem santo específico. Ao mesmo tempo, também continuou buscando ajuda no campo científico, porque procurou um médico na capital que indicou outros remédios, uma dieta rigorosa e específica, mais 03 injeções. Antes de deixar a cidade grande, depois de tomar a primeira aplicação, seu filho já apresentava melhoras significativas, como diarreia estancada.

A cura aconteceu bem antes do término do voto. Este consistia em montar uma mesa com sete crianças – menores de sete anos por sete anos consecutivos – contendo pratos salgados para almoço e depois sobremesa com bolo de aniversário; em outubro, na data natalícia do filho. Então, a mãe não organizava festa comemorativa trivial, mas sim a mesa para os inocentes, celebrando duplamente a vida de seu filho (ela ressaltou que seu pequeno nunca teve uma festinha como os demais). Nesse dia, muitas outras crianças, adolescentes, adultos poderiam participar, mas da mesma forma, só comiam depois que se serviam as sete.

A coletividade cumpre papel importante nesse ritual porquanto não seria possível realizá-lo se genitores não permitissem que sua prole participasse da mesa. Até nesse ponto prevalece o que D'Ávila (2005, p. 324) comenta em seu artigo: “Ao sagrado se fazem promessas, por exemplo, e, pelas graças recebidas, faz-se devota e publicamente o seu pagamento”.

Assim, é relevante o fato de como ficou arraigado, nessa mulher, o compromisso para com crianças. Mesmo findando os sete anos, até os dias atuais, coincidentemente, em outubro, essa jovem senhora prepara e serve refeições incomuns do dia a dia de crianças pobres de um povoado nos arredores da cidade onde reside atualmente, isso por exatos sete dias, a todos os infantes de uma escola que tem ali.

Como é uma tradição que já perdura por décadas, diversas pessoas procuram-na para doações. Ela resalta que são somente “lanches especiais, como: cachorro-quente, pizza, sanduíche natural, refrigerantes, sucos, etc.”. Ainda, há saquinhos com brindes diversos para cada um dos pequenos presentes, inclusive, toda comunidade aparece na escola, espaço onde acontece o evento. Ademais, mães com filhos que sofrem ou sofreram qualquer tipo de enfermidade, sabendo disso, procuram-na a fim de ajudá-la comprando toda espécie de coisas que agradam às crianças, por isso é comum também ter algodão doce, bolos de aniversário, pipoca, balões, etc. A entrevistada finalizou relatando que o seu gasto material é com combustível para a busca de donativos e se deslocar até o povoado. Segundo ela, só encerrará esse costume com sua morte, demonstrando profunda gratidão pela vida do filho.

Assim, finda-se este árduo trabalho que bastante cooperou para o crescimento pessoal e intelectual de sua autora. Oxalá aconteça a mesma coisa a quem o ler.